

BLUMENAU

em Cadernos

t. 51 n. 5 setembro/outubro 2010 Blumenau

ISSN 0006-5218

Blumenau cad.	Blumenau	t. 51	n. 5	p. 1-128	set./out. 2010
---------------	----------	-------	------	----------	----------------

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing

Vice-prefeito | Rufinus Seibt

Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Marlene Schlindwein

Diretor Administrativo-Financeiro | Neusa Maria Soares Müller

Diretor de Cultura | Vinicius da Cunha Wolff

Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli Maria Vanzuita Petry

Blumenau em Cadernos

Editor | Órgão de fomento | **Divulgação** | **Distribuição** | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010

Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcblu.com.br

Diretora | Sueli Maria Vanzuita Petry

Conselho Editorial

Presidente | Annemarie Fouquet Schünke

Carla Fernanda da Silva

Cristina Ferreira

Gervásio Tessaleno Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Urda Alice Klueger

Projeto gráfico | Giba Santos

Capa | Elaborada por Nancy Elaine de Souza

Normalização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva

Revisão | Valdir Anselmo Petry **Secretária** | Mirela Adriana Nolasco

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,

concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;

Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras;

Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.

Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catalogação | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],
1957- .
v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-.

Fundada por José Ferreira da Silva.

Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.

Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome

para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.

Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.

Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos

45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.

Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimestral

com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimestral de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração

alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.

Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide

Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9

ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos

1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

SUMÁRIO

Documentos originais | Viajante

Na Alemanha e no Brasil: Viagem ao sul do Brasil – 1888

In Deutschland und Brasilien: Reise in Südbrasilien – 1888

Gustav Stutzer

Tradução: Annemarie Fouquet Schünke

7

Artigos

Cozinhar, costurar, lavar e passar: a remodelação do
modelo familiar e a institucionalização do feminino na Vila
Operária Próspera (1950-1960)

Ismael Gonçalves Alves

40

As tropas militares da Guerra do Contestado em passagem
no Vale do Itajaí: descrição da paisagem e do modo de vida
regional

Nilson Cesar Fraga / Fernando Anísio de Oliveira Simas

58

Memórias

Estação Rodoviária de Blumenau

Rolf Oscar Hoeltgebaum

75

Entrevista

História de vida: Ludmila Isabel Schmidt

Solange Terezinha Felippi

82

Correspondências de imigrantes

Tradução e comentários Rolf e Renate Odebrecht

115

Autores Catarinenses

Cabeza de Vaca

Enéas Athanázio

122

APRESENTAÇÃO

Este número de “Blumenau em Cadernos” procura oferecer aos leitores textos contendo artigos, traduções, correspondências, entrevista, memórias e comentário literário que levam a reflexões sobre temas de relevância nas mais diversas esferas históricas e sociais.

Destaca-se, na coluna **Documentos Originais – Artigos**, mais um texto bilíngue intitulado “*In Deutschland und Brasilien: Reise in Südbrasilien - 1888*” (Na Alemanha e no Brasil: Viagem no sul do Brasil -1888), de autoria do Pastor Gustav Stutzer, com tradução de Annemarie Fouquet Schünke. Relata observações e acontecimentos ocorridos durante sua viagem à região litorânea no sul de Santa Catarina, mais especificamente a Laguna e, posteriormente, a Tubarão.

Na seção **Artigos**, Ismael Gonçalves Alves, doutorando do programa de Pós-graduação em História pela Universidade Federal do Paraná, produziu o interessante artigo “Cozinhar, costurar, lavar e passar: a remodelação do modelo familiar e a institucionalização do feminino na Vila Operária Próspera (1950-1960)”. Ao observar famílias que se estabeleceram neste espaço do estudo, o autor apreendeu impressões em torno da remodelação do modelo familiar e da atuação das irmãs da Divina Providência em auxiliar as mulheres dos mineradores de Criciúma.

O geógrafo e doutor em Meio Ambiente pela UFPR e professor no Programa de Pós-graduação em Geografia, Nilson Thomé, juntamente com o arquiteto e urbanista, mestrando do Programa de Mestrado em Organizações e Desenvolvimento - FAE, Fernando Anísio de Oliveira Simas, apresentam “As tropas militares da Guerra do Contestado em passagem no Vale do Itajaí: descrição da passagem e do modo de vida regional”. Trata-se de uma análise dos escritos feitos por militares que deixaram registradas

suas impressões durante a passagem pelo Vale do Itajaí em direção a regiões atingidas pela Guerra do Contestado.

O acadêmico do Curso de Ciências da Religião, Rolf Oscar Hoeltgebaum, após analisar alguns documentos em poder de familiares, relembra na coluna memórias, o processo de construção da primeira rodoviária de Blumenau.

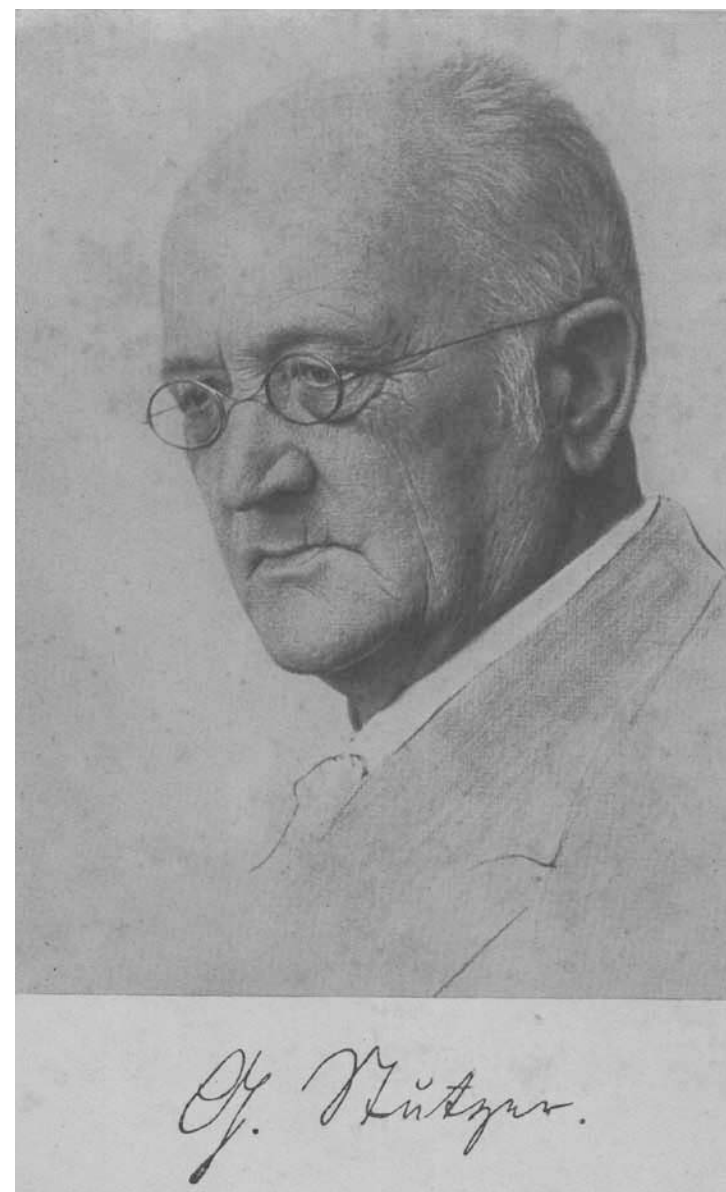
Na coluna **Entrevista**, é transcrito o depoimento colhido em 1992, pela estudante do curso de História da FURB, Solange Teresinha Felipe. A entrevistada, professora Ludmila Isabel Schmidt, deixou sua marca no magistério estadual e no seu trabalho social e comunitário junto ao poder público. Este registro se constitui em informações que provocam muitas reflexões e revelam importantes aspectos do contexto social, econômico e político da época

Em outro momento, em **Cartas de Imigrantes**, publica-se mais uma série de correspondências trocadas entre os parentes da família Odebrecht. Vale aqui registrar os nossos agradecimentos ao casal Renate e Rolf Odebrecht por permitir adentrar na intimidade familiar de Emil Odebrecht, esposa Bertha e familiares, socializando com os leitores e pesquisadores o seu cotidiano, preocupações e alegrias.

Por fim, a revista encerra com a coluna **Autores Catarinenses**, que traz como título “*Cabeza de Vaca*”. Com este texto, o advogado e escritor Enéas Athanázio tece comentários referentes às expedições do espanhol Álvar Nunes Cabeza de Vaca por terras catarinenses. Para focar esta temática, o autor faz uma análise da obra escrita pelo jornalista Paulo Markun, publicada em 2009 pela Cia das Letras.

Esperamos com este número, estar contribuindo e estimulando novas abordagens, bem como nos colocamos à disposição para receber outros textos para os futuros números desta revista

Sueli M. V. Petry
Diretora da revista Blumenau em Cadernos



NA ALEMANHA E NO BRASIL: VIAGEM AO SUL DO BRASIL - 1888

IN DEUTSCHLAND UND BRASILIEN: REISE IN SÜDBRASILIEN – 1888

Gustav Stutzer*

Das Vorkaufsrecht für 9 Monate aus 36000 Morgen (9000 hektar) der Floresschen, Maffraschen und anderer Ländereien zwischen Itajahy und Blumenau zu 5 Mark für den Morgen erworben. Aber die Besitztitel waren nur zum Teil in Ordnung, und die Tutoren der unmündigen Kinder einer Seitenlinie der Familien wollten für ihr Teil die Zustimmung nur unter allerlei Vorbehalt geben. Also wieder unklare oder schwer zu überwindende Verhältnisse. Ein gebranntes Kind scheut's Feuer – Die geschäftliche Lage in der Kolonie war noch schlechter als ein Jahr zuvor.

Der Bevollmächtigte von Dr. Blumenau sagte mir nur, daß er einen wütenden Brief erhalten hätte. Der Doktor hätte geschrieben, er sei durch meine Reise für die Kolonialgesellschaft „öfentlich blamiert und diskrediert“.

Zwei Wochen lang im Sattel durchstreifte ich die oberen Seitentäler des Itajahy, die Subida, den Beneditto und Cedro und fuhr dann nach Desterro, der Hauptstadt der Provinz. Sie ist sehr schön auf einer Insel gelegen; die Einfahrt in den weiten Hafen von Norden her so eng, dass eine gewöhnliche Fähre an der Stelle die Insel mit dem Festlande verbindet. Die Stadt von etwa 20 – 30.000 Einwohnern baut sich in Terrassen an einer Hügelkette hinauf, von deren Höhe vier helle Villen in großen, üppig bewachsenen Gärten weithin glänzen. Ich kannte sie schon, die Wohnhäuser der Kaufleute, die unten am Hafen ihre Niederlage und Geschäftshäuser haben. Die größten hatten deutsche Besitzer. Auch im Süden schließt sich die langgestreckte Insel fast ans Festland an. Nur ein Kanal trennt beide. So erscheint der Hafen wie ein Binnensee, von dessen westlicher

* Texto de sua autoria publicado na obra: In Deutschland und Brasilien. Lebenserinnerungen von Gustav Stutzer Zwanzigste Auflage – Mit dem Bilde des Verfalles. Hellmuth Wollermann Verlagsbuchhandlung (W. Kraus) – Braunschweig – 1930, p. 294-312.

NA ALEMANHA E NO BRASIL: VIAGEM AO SUL DO BRASIL - 1888Gustav Stutzer*
Annemarie Fouquet Schünke**

A preferência de compra durante um período de nove meses sobre trinta e seis mil Morgos (nove mil hectares) das terras pertencentes às famílias Flores e Mafair foi obtida a cinco Marcos o Morgo, além de outras terras entre Itajaí e Blumenau. Porém os títulos de propriedade estavam apenas parcialmente regularizados e os tutores dos menores, de um ramo da família, queriam dar seu consentimento com determinadas ressalvas. Mais uma vez uma situação indefinida, difícil de vencer. Para aquele que já se queimou, todo cuidado é pouco. As condições econômicas da Colônia estavam piores do que no ano anterior.

O procurador do Dr. Blumenau disse que recebeu uma carta furiosa do Dr. Blumenau. O Doutor havia escrito que por causa da minha viagem em favor da Sociedade Colonizadora ele foi “publicamente ridicularizado e desacreditado.”

Durante duas semanas, eu percorri a cavalo os vales secundários do Itajaí, da Subida, do Benedito e Cedro e então viajei até Desterro, a capital da Província. Ela situa-se de modo aprazível em uma ilha. A entrada norte para o amplo porto é muito estreita, tanto que uma balsa liga a ilha ao continente. A cidade tem entre vinte a trinta mil habitantes e se eleva em terraços até o topo de um morro, onde existem quatro vilas rodeadas de jardins frondosos. Eu já conhecia estas residências dos comerciantes, cujo comércio estava estabelecido junto ao porto, sendo que as maiores pertenciam a alemães. Ao sul, a extensa ilha está separada do continente apenas por um canal. O porto dá a impressão de um lago interior e a oeste

* Texto de sua autoria publicado na obra: In Deutschland und Brasilien. Lebenserinnerungen von Gustav Stutzer Zwanzigste Auflage – Mit dem Bilde des Verfalles. Hellmuth Wollermann Verlagsbuchhandlung (W. Kraus) – Braunschweig – 1930, p. 294-312.

** Tradutora.

Seite die Gebirgszüge der Serra, über einen leichten Dunst der See hervorragend, den Eindruck eines mächtigen Massivs machen. Das landschaftliche Bild gleicht den schönsten Szenerien an den oberitalienischen Seen, nur leuchtet der brasilianische Himmel viel dunkelblauer, die Wasseroberfläche der Hafens von Desterro ist viel weiter, und alle Farben des Landes und des Meeres sind, ich möchte sagen, lebensfreudiger. Ich hätte viel darum gegeben, wenn Therese und die Kinder sich an dem herrlichen Bilde hätten mit mir freuen können.

Der Dampfer legte an. Ein Schwarzer trug mein Gepäck. Wir gingen über den Marktplatz. Rechts und links saßen und standen – deutsche Bauernfrauen und Mädchen mit richtigen Kiepen und Körben voller Eier, Butter, Käse, Bananen, Ananas, Pfirsichen, mit Hühnern und Enten. An einem Baume hing ein kleines Reh mit Läufen, die nicht dicker waren als ein Finger; an einem andern ein Wildschwein, nicht größer als ein halbjähriges Ferkel; an einer Schnur aufgereiht ein halbes Dutzend wilde Fasanen. Männer standen bei offenen Säcken mit Mais, Bohnen, Mandioca. “Woher kommt ihr Landsleute?”

“Aus der Kolonie Theresopolis,” antwortete ein strammer Bauer. „Wir kommen jede Woche zweimal an den Markttagen mit unseren Kanoas vom Festlande herüber. Aber es lohnt sich beinahe nicht mehr. Unsere Produkte werden zu schlecht bezahlt.“

“Nee,” fügte eine Frau hinzu, „hei will weiten, von woans wi in Dütschland kamen.“ “Dat weit ick all,” erwiderte ich ihr „ji sünd Mekelbörger.“ Herre,” rief die Frau „kennt Sei uns denn?“

“Nee, dat nich, leiwe Frue, aber Ji kennt doch den, dä tau’m Apostel Petrus säe: „Deine Sprache verrät dich.“

“Na sau wat!” sagte die Frau.

Nach kräftigen Händeschütteln ging ich weiter zwischen auffallend vielen Schwarzen hindurch zum Geschäftshause des deutschen Konsuls, den Inhaber einer altbewährten Firma. Der gab mir zunächst eine Karte für den Wirt des deutschen Klubs, der in dem einzigen Logierzimmer nur so eingeführte Gäste beherbergen durfte.

os cumes da serra sobressaem da bruma que emana do lago. Uma visão imponente. A paisagem é similar a do norte da Itália, no entanto eu diria que, aqui, o céu é de um azul mais intenso. A água que banha o porto é bem mais ampla e todas as cores são mais intensas e alegres. Eu teria dado tudo para que Thereze e as crianças tivessem podido se alegrar comigo com esta maravilha.

O navio aportou, um negro carregou minha bagagem e atravessamos a praça do mercado. De ambos os lados da praça as colonas, mulheres e moças alemãs, ofereciam cestos e balaies repletos de ovos, manteiga, queijo, bananas, abacaxis, pêssegos, galinhas e patos; um pequeno veadado pendia de uma árvore, suas pernas não eram mais grossas do que um dedo; em outra um porco selvagem maior do que um leitão; e em uma corda meia dúzia de faisões alinhados. Os homens estavam junto às sacas de milho, feijão e mandioca.

“Patrícios, de onde vocês vêm?”

“Da Colônia Teresópolis,” respondeu um colono forte. “Em dia de feira, nós viemos duas vezes por semana do continente com nossas canoas. Quase não vale mais a pena, pagam muito pouco por nossos produtos”.

“Não”, acrescentou uma mulher em dialeto, “ele quer dizer de onde nos viemos da Alemanha”.

“Tudo isso eu sei”, respondi também em dialeto, “vocês são de Mecklenburg”.

“Senhor”, gritou a mulher, “então nos conhece?”

“Não, isso não, prezada mulher, “mas tu conheces aquele que viu o apóstolo Pedro em sonho, é a tua maneira de falar que te trai”.

“Então está bem”, retrucou a mulher.

Despedi-me com um forte aperto de mão, passei entre muitos negros até chegar à casa comercial do Cônsul, proprietário desta tradicional Firma. Ele me deu um cartão que eu deveria entregar ao hoteleiro do Clube Alemão, este somente poderia hospedar quem fosse apresentado desta forma.

Da war ich gut ausgehoben und erlebte an dem Nachmittage desselben Tages eine mir unvergeßliche Szene.

Im Nachbarhause hatte ein Notar sein Bureau. Der pflegte bei Verträgen den Klubwirt als Zeugen für die nötigen Unterschriften rufen zu lassen. Ich begleitete ihn dahin, und der Notar, freundlich wie alle Brasilianer, wenn sie um eine Gefälligkeit gebeten werden, hatte gegen meine Gegenwart nichts einzuwenden. Das Zimmer war voll Zigarettendampf. Der Notar rauchte und sein Schreiber auch. Da standen an der Wand vier Neger, und zwei Brasilianer saßen auf einer Bank. Der Schreiber las das Protokoll, von dem ich nur den Eingang verstand, denn die portugiesische Landessprache war mir damals noch ziemlich unbekannt: "Im Jahre 1888 nach der Geburt unsers Herrn and Heilandes Jesus Christi usw." - Ich betrachtete mir genau die vier Schwarzen. Ein alter, sehr häßlicher Mann. Ein alter, sehr häßlicher Mann. Sein wolliges Haar mit weißen Flocken durchsetzt, die Handflächen gelblich - weiß. Neben ihm ein kräftig gebauter Mann, dessen Alter ich aus 30 bis 40 Jahre schätzte. Eine alte und eine jüngere Frau.

„Was bedeutet das alles?“ fragte ich meinen Wirt beim Ausgange.

„Einen Sklavenhandel,“ antwortete er. „Der eine Brasilianer hat seine Beszung an den andern verkauft; mit ihr seine vier Sklaven. Deren Kinder find frei. Aber die Namen und das Alter der Eltern müssen mit dem Preise für jeden einzelnen und einer Personalbeschreibung in das Protokoll aufgenommen werden. Durch ein Gesetz vom Jahre 1871 wurden alle Kinder der Sklaven für frei erklärt, die Alten blieben aber eine käufliche Ware. Im Jahre 1885 verfügte die Regierung, daß der Wert eines Sklaven höchstens mit 900 Milreis (damals = 1800 Mark) berechnet werden dürfe, und im Jahre 1898 sollten alle frei sein. Diese gesetzlichen Bestimmungen üben schon einen starken Druck auf den Markpreis aus. Der im besten Alter stehende Mann hätte vor einigen Jahren noch einen Wert von 2000 Mark gehabt, heute ist er nach langem Feilschen für 1000 Mark losgeschlagen. Für die beiden Alten, seine Eltern, find zusammen nur 400 Mark bezahlt, für seine junge Frau 600. So ist der Preis auf 2000 Mark abgerundet. Die Käufer haben ein gutes Geschäft gemacht, denn die Kinder bleiben doch auch bei den Eltern; und einige davon mögen jetzt

Fiquei bem instalado. À tarde presenciei uma cena inesquecível.

Na casa ao lado havia o escritório de um tabelião. Ele costumava chamar o hospedeiro como testemunha para as devidas assinaturas de contratos. Eu o acompanhei até lá e o tabelião, solícito como todos os brasileiros quanto a favores, não foi contrário à minha presença. A sala estava totalmente enfumaçada, devido aos cigarros, o tabelião e o escriturário fumavam. Junto à parede se encontravam quatro negros, e dois brasileiros estavam sentados em um banco. O escriturário leu o protocolo, eu apenas compreendi o começo “no ano do Senhor de 1888 etc.” porque naquele tempo ainda não estava familiarizado com a língua portuguesa. Eu observava muito bem os negros, um homem velho e muito feio, ele tinha mechas brancas em seu cabelo crespo, as palmas das mãos eram branco-amareladas. Ao seu lado, um homem forte de uns trinta a quarenta anos, uma mulher velha e uma mais jovem.

Ao sair, perguntei ao hospedeiro: “O que significa tudo isso?”

“Uma negociação de escravos. Um dos brasileiros vendeu sua propriedade com quatro escravos, no entanto os filhos são livres. Porém os nomes, a idade dos pais, os dados pessoais e o preço de cada um deles precisa constar no protocolo. De acordo com um decreto de 1871 os filhos se tornaram livres, mas os velhos permaneceram como mercadoria a ser vendida. Em 1885 o Governo estipulou o valor máximo de um escravo em novecentos mil-réis (= 1800 Marcos) e em 1889 todos estariam livres. Esta decisão judicial já está pressionando o preço do mercado. Há alguns anos o valor do homem jovem teria sido de dois mil Marcos, hoje, após longa negociação, foi negociado a um mil Marcos. Para os dois idosos, seus pais, calcularam quatrocentos Marcos, para a jovem mulher seiscentos. Assim o preço total foi de dois mil Marcos. Os compradores fizeram um bom negócio, porque os filhos podem permanecer com os pais, alguns deles provavelmente já devem ser bons trabalhadores. Daqui a dez anos estarão livres. No momento,

schon gute Arbeiter sein. In zehn Jahren sind sie frei, kosten ihren Besitzer also zusammen jährlich 200 Marl. Mit dem Abgange durch den Tod rechnet man bis dahin nicht. Sie wissen ja, daß die Schwarzen leicht 90 bis 100 Jahre alt werden.“

„Sie haben,“ fragte ich „wohl in Ihrer Klub-Bibliothek Bücher über die Geschichte des Sklavenhandels, die Sie mir übersetzen können, wo ich sie nicht verstehe?“

So geschah es in den nächsten Tagen. Ich machte mir Notizen, durch welche die vorstehenden gesetzlichen Bestimmungen, auch die früheren über die Zahlen der Einfuhr aus Afrika, bestätigt wurden. Ueber die Sklaveneinfuhr werde ich später berichten. Ich lernte ihre Geschichte und Gebräuche an dem Hauptstapelplatze des Südens, In Iguape, kennen, in dessen Nähe ich von 1897 bis 1899 wohnte. Nur das eine möchte ich gleich hier bemerken, daß die Sklaven im allgemeinen in Brasilien gut behandelt wurden.

Mit meiner Fahrt nach Desterro verfolgte ich einen zweifachen Zweck. Erstens vollte ich bei der Regierung Erkundigungen über die „devoluten“ Ländereien am Südarms des Itajahy einziehen, von denen ich soeben nur die Lage und den Eingang kennengelernt hatte, die mir aber von Kennern jener Gegend sehr empfohlen waren. Ich erhielt gute Mitteilungen, die sofort nach Leipzig gingen, da ich zu Verhandlungen mit der Regierung über Hunderttausende von Morgen keine Vollmacht hatte. (Meinen Bericht schickte ich ein Jahr später an Dr. Fabri für die Hamburger Kolonisations – Gesellschaft. Er diente als Grundlage für die Vorarbeiten, aus denen die sogenannte Hansa – Kolonie entstanden ist.)

Zweitens wollte ich über Desterro nach dem Süden. Da sollten sich auf der Grenze von den Provinzen Santa Catharina und Rio Grande do Sul sehr große, fruchtbare Ländereien im Besitze von alten brasilianischen Familien befinden, noch unbesetzt.

Also mit dem nächstfälligen Küstendampfer nach Laguna. Ein trostloses Hafenstädtchen. Sand, nichts als Sand. Er knirschte bei der Einfahrt am Boden unseres flachen Dampfers; er drang durch die Fenster des „Hotels“, welches nach dem Namen seines Wirtes (eines reckenhaften Mulatten in Schlappantoffeln an den nackten Füßen)

seu custo é de duzentos Marcos por ano, não se leva em conta que possam morrer. Como sabe, os negros vivem de noventa a cem anos.”

“Presumo que tenha em sua biblioteca livros sobre a história do tráfico de negros. Caso eu não entender, talvez possa traduzir para mim.”

Nos dias seguintes fiz anotações sobre as determinações judiciais, bem como das anteriormente existentes, para confirmar quantos indivíduos vieram da África. Ainda voltarei a relatar sobre o tráfico de escravos. Aprendi sobre sua história e costumes em Iguape, o principal porto do sul, porque morei naquela redondeza de 1897 a 1899.

Gostaria de chamar a atenção para o fato que, de um modo geral, os escravos eram bem tratados no Brasil.

Eu tinha dois objetivos em mente, quando viajei a Desterro.

Em primeiro lugar eu queria obter informações sobre as terras devolutas situadas ao longo do Rio do Sul, afluente do Itajaí. Destas conheci apenas uma pequena parte, mas foram muito bem recomendadas pelos peritos da região. Obtive ótimas informações, que passei imediatamente para Leipzig, porque eu não tinha em meu poder uma procuração para negociar com o Governo milhares de Morgos. (Um ano mais tarde enviei meu relatório ao Dr. Fabri, da Companhia de Colonização Hamburguesa. Este relatório serviu como base para os trabalhos primários, surgindo assim a Colônia Hansa).

Em segundo lugar, queria ir de Desterro para o sul. Segundo constava, havia terras muito produtivas, ainda não ocupadas, entre a divisa de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, pertencentes a tradicionais famílias brasileiras.

Então fui até Laguna com o próximo navio costeiro. Uma cidade portuária desoladora. Areia e mais areia. Tanto que o casco raso do navio ranguu ao atracarmos. Além disso, também penetrava pelas frestas das janelas do “Hotel”,

stolz „Hotel Montenegro“ hieß. Ein weites einstöckiges Haus von roten Feldsteinen. Zwei übergroße Säle die einzigen Gemächer. Die Küche in einem Anbau auf dem Hofe. Der eine Saal hatte in der Mitte einen Tisch, der für 40 Personen ausreichte, an den Wänden entlang noch mehr Stühle von dem häßlichen, gebogenen Wiener Fabrikat, bei jedem dritten oder vierten den allgemein üblichen buntbemalten Spucknapf. Die Wände blitzblau mit einem breiten gelben Fries unter der hohen Decke von ungestrichenem dunkeln Canellaholz. An den Schmalseiten der Wände ein goldstrahlendes Marienbild (ohne Jesukind); gegenüber das Bild des Kaisers. – Es hat sich das alles mir so lebhaft eingepägt, weil ich zum ersten Male in einem anständigen, ganz und gar brasilianischen Gasthofe wohnte. Dieser Raum diente als Wohn – und Eßzimmer für die zahlreiche Familie des Wirtes und für seine Gäste.

Der andere Saal war der allgemeine Schlafrum. Aber wie? In der Mitte ein breiter Gang, rechts und links begrenzt durch Bretterwände, die aber nur (gemessen!) eine Brasse (2 ¼ Meter) hoch waren. In der nämlichen Breite (gemessen und notiert!) lauter Kojen, also oben offene Kasten. Die Einrichtung bestand aus einem schmalen Bett. Aus längslaufenden Brettern eine dünne Heumaträtze mit einem Laken von Baumwolle; ein eben solches zum Zudecken. Ländlich sittlich. Ein Stuhl und einige Nägel. Als Waschbecken diente ein Zementtrog aus dem Hofe neben einem Schuckebrunnen. Mein einziger Wandnachbar, ein Zigaretten rauchender Herr, der sich nachher vergeblich bemühte, mit seinem Scharchen einem Eicheklotz durchzusägen. In welchen Abteilungen eine Frau mit einem kleinen Kinde und die Familie des Wirtes hauste, blieb mir unbekannt, war auch gleichgültig, weil doch jeder Laut durch den ganzen Saal tönte. – Einen Türverschluß gab es nicht. Der Stuhl diente im Nebenamte dazu, die Tür nicht ausgehen zu lassen.

Ich schlief die ganze Nacht durch, bis ein Rucken des Stuhles mich weckte. Heller Tag. Herein trat auf ihrem selbstgewachsenen Leder ein pechschwarzes altes Weib, ein Finkennäpfchen in der Hand. Stumm hielt sie mir das winzige Täßchen mit Kaffee hin. Extrakt, aus welchem eine gute deutsche Hausfrau sechs große Tassen voll hergestellt hätte. Wie Öl rutschte der ungezuckerte schwarze Saft durch die Kehle. Es war 7 Uhr.

denominado assim pelo hoteleiro orgulhoso, (um mulato alto e forte que usava pantufas velhas), de “Hotel Montenegro”. A construção era em granito vermelho, tinha apenas um piso, mas bastante espaçosa. Havia somente duas salas grandes, a cozinha ficava no pátio em um anexo. No centro de uma das salas havia uma mesa para quarenta pessoas. Ao longo da parede mais cadeiras. Eram feitas e curvas de fabricação vienense. A cada terceira ou quarta cadeira a usual cuspeira colorida. As paredes eram em azul celeste um friso amarelo debaixo do teto alto em madeira canela. Em uma das paredes laterais havia uma pintura de Maria (sem o menino Jesus), defronte uma do Imperador.

Tudo isso ficou na minha memória, porque pela primeira vez me hospedei em um hotel brasileiro tão decente. Esta sala servia como sala de estar para sua numerosa família e de seus hóspedes.

A outra sala era o dormitório comum. Mas como? Ao meio, um corredor largo e em ambos os lados havia divisórias de apenas dois metros e um quarto de altura. Os beliches tinham a mesma medida, portanto, nada mais do que caixotes abertos. A mobília resumia-se a uma cama. Sobre o estrado de sarrafos, um colchão fino de feno coberto com um lençol de algodão, e mais outro para se cobrir. Este era o costume. Uma cadeira e alguns pregos. Como lavatório, um tanque de cimento no pátio ao lado do poço. Meu único vizinho de quarto era um fumante e depois que adormecia parecia serrar um tronco de carvalho. Não sei em qual compartimento o hospedeiro e sua família habitavam, também não importava já que qualquer barulho era ouvido em toda sala. Não havia tranca na porta, era a cadeira que a segurava.

Dormi durante toda a noite até que fui acordado com um empurrar de cadeira. Era dia claro. Uma velha negra adentrou com um bulezinho na mão. Alcançou-me a minúscula xícara de café sem dizer uma palavra. Com esse extrato uma boa dona de casa alemã teria feito seis xícaras grandes bem cheias. Esse café forte sem açúcar desceu como óleo pela goela. Eram sete horas.

Die Waschung auf dem Hofe in der Nähe des Küchenfensters und des Schweinestalles vollzog sich ohne Verletzung des öffentlichen Anstandes. Ein blendend weißes Handtuch hing am Brunnenpfosten, wie auch die Bett- und Tischwäsche tadello war. Die Wäsche ist der Stolz der Brasilianerinnen, eine Tugend, die man als Reisender hoch einschätzt.

Um 9 Uhr erstes Frühstück mit ungefähr denselben Gerichten wie bei der Hauptmahlzeit zwischen 4 und 5 Uhr. Die brasilianische Küche liefert vorzügliche Speisen, nur zu viele Fleischkost. Einen Weinzwang kennt man nicht. Der richtige Brasilianer liebt keine Spirituosen. Die Messer trugen die Marke einer bekannten Solinger Firma. Die Teller zeigten auf der Unterseite den mir aus meinem Elternhause bekannten Stempel der Porzellanfabrik von Fürstenberg an der Weser. Nach dem Frühstück erfuhr ich, wer sie geliefert .

Der Besitzer des einzigen größeren Geschäftshauses in Laguna war ein Deutscher, der Träger eines Familiennamens von sehr altem deutschen Adel. Ich war gut bei ihm eingeführt, und er empfing mich wie ein Kavalier. Ich bin ihm sehr zu Dank verpflichtet, denn er vermittelte mir die Bekanntschaft mit den Großgrundbesitzern im Süden, besorgte mir die nötigen Begleiter und die zum Abschluß des Vorkaufsrechtes erforderlichen Formalitäten.

Am Abend des ersten Tages faßen wir plaudernd bei einem Glase Bier aus der kühlen Veranda seines Hauses. Herr von... klagte über die schlechte Geschäftslage. Das sei aber gerade bei der Geldknappheit die rechte Zeit, Land billig zu erwerben. Die Krisis bedeute nur einen kurzen Übergang. – Da grüßten zwei vorübergehende Herren mit einem kräftigen „Guten Abend!“ Eingelanden, sich zu uns zu setzen, stellte sich der ältere mit einem englischen Namen vor und fügte hinzu, er spräche gern deutsch; der jüngere mit einer burschikosen Betonung als – „Schulmeister“. Was in so einem Weltwinkel für Menschen zusammengewürfelt werden können! Der Engländer hatte schon so ziemlich die ganze Erde abgejagt; aber so viele Wasservögel und besonders Reiher wie hier, sagte er, hätte er noch nirgends gefunden. Er versende die kostbaren Federn kiloweis; war mithin einer der schlimmsten Vertilger des schönen Vogels. – Den jüngeren, der

A higiene matinal no pátio, próximo à janela da cozinha e do curral de porcos, transcorreu sem ofender a moral pública. Pendurado junto ao poço uma toalha impecavelmente branca, assim como a roupa de cama e de mesa também eram. A roupa é o orgulho da brasileira, uma virtude muito apreciada pelo viajante.

Às nove horas, foi servido o primeiro lanche, os pratos servidos eram mais ou menos os mesmos como da refeição principal das quatro e cinco horas. A cozinha brasileira é excelente, mas servem muita carne. Não existe o hábito de tomar vinho. Nas facas a marca de uma conhecida firma de Solingen. Embaixo dos pratos, um carimbo que conheço da casa de meus pais: o da fábrica de porcelana Fürstenberg às margens do rio Weser. Após o lanche, fiquei sabendo quem os forneceu.

O proprietário da única casa de comércio bem equipada era um alemão, cujo nome era de uma tradicional e antiga família da nobreza. Foi-me apresentado, e me recebeu como um cavalheiro. Eu lhe devo muito, porque me apresentou aos latifundiários do sul, conseguiu os acompanhantes necessários para a conclusão das formalidades necessárias da preferência de compra.

No primeiro dia à noite conversávamos e tomávamos um copo de cerveja na varanda de sua casa. Senhor von.... queixava-se da situação dos negócios. Como havia falta de dinheiro, era a época propícia para comprar terras por um bom preço. A crise não seria duradoura. Dois senhores que por lá passavam nos desejaram boa noite. Os convidamos para juntarem-se a nós, o mais velho de nome inglês disse que gostava de falar alemão, o mais jovem, com um jeito mais debochado, era professor. Encontrava-se de tudo em um lugar como este! O inglês já havia viajado praticamente por todo o mundo, mas tantas aves aquáticas como aqui, principalmente garças, não encontrara em nenhum outro lugar. Ele despachava as preciosas penas em quantidade, além disso, era um ávido consumidor do belo pássaro. Quanto

vielleicht 30 Jahre zählte, verrieten sofort ein paar regelrechte „Schmissee“ auf der linken Backe als früheren Studenten.

„Heidelberg oder Bonn?“ fragte ich, indem ich auf seine Backe wies. „Korpsbursche oder Burschenschafter?“

Ohne ihn weiter zu fragen, erfuhr ich bald seine ganze Lebensgeschichte. Die alte Leier, das alte Leid. Verzogener, nicht zum Gehorsam angeleiteter Junge – die zarte Mutter früh verloren – des kirchenfeindlichen Vaters Losung: leben und leben lassen – auf der Universität verbummelter Jurist, Pauksimpler, Biertrinker – im Examen durchgefallen – mit tausend Talern in der Tasche vom Vater weggejagt – nach Brasilien gegangen – alles durchgebracht – Eseltreiber – Pferdebahnkutscher – die Sprache gelernt – Schulmeister in Laguna. Einer von den wenigen, die, von der Familie über das Meer geschickt, nicht in einer Kneipe oder hinter einer Hecke verenden. Für diesen hübschen jungen Mann bedeutete unser Begegnen eine Fügung Gottes. Er schrieb mir später dankbar aus Desterro (Florianópolis).

Nach einigen Tagen der Vorbereitung und der Verhandlungen trat ich mit meinen beiden deutsch-brasilianischen Begleitern die Reise an. Zuerst auf der schmalspurigen Dona Christina – Bahn bis Tubarong. Eine närrische Bahn. Ein Schulbeispiel brasilianischer Mißwirtschaft. Die Kaiserliche Regierung hatte für dreißig Jahre eine sechsprozentige Zinsgarantie geboten. Daraufhin baute eine englische Gesellschaft die Linie, die zu einem Steinkohlenlager führen sollte, von dem die glänzendsten Berichte verbreitet und von bestochenen Ingenieuren beglaubigt wurden. „Unabhängigkeit Brasiliens von der eurapäischen Kohleneinfuhr“, posaunten viele (gleich-falls bestochene) Zeitungen. Keine Stimme erhob sich dagegen. Wer mochte auch durch den viele, viele Tagereisen weiten Urwald kriechen, die Sache nachzuprüfen? Auch die durchaus solide bahnbauende Gesellschaft ging das gar nichts an. Sie hatte sich aber dem Strohfeuer gegenüber dadurch klug gesichert, daß sie die Zahl der Züge „nach Bedarf“ einschränken oder vermehren konnte, wie sie wollte.

ao mais jovem, de mais ou menos trinta anos, era visível que fora estudante devido à cicatriz na face esquerda.

Apontei para sua face e perguntei: “Heidelberg ou Bonn?” “Da corporação ou da associação de estudantes?”

Sem mais perguntas, logo soube de sua vida. A mesma história de sempre. O menino mimado perdera a frágil mãe muito cedo e foi educado sem noção de obediência. O lema do pai, que tinha aversão à igreja, era viver e deixar viver. Na Universidade fora um jurista preguiçoso, bebedor de cerveja e reprovado no exame. Então foi mandado embora pelo pai com um mil Taler no bolso. Veio ao Brasil e gastou tudo. Foi condutor de mulas, cocheiro de carroções, aprendeu o vernáculo e tornou-se professor em Laguna. Ele foi um dos poucos, que mandado pela família para além-mar, não sucumbiu em tavernas ou se perdeu em algum lugar. Eu vi muitos afundarem sem ajuda. Para este bonito jovem o nosso encontro foi desígnio de Deus. Mais tarde mandou-me uma carta de agradecimento de Desterro (Florianópolis).

Após alguns dias de preparação e negociação, iniciei a viagem com os meus dois amigos teuto-brasileiros. Fomos até Tubarão de trem pela estreita estrada de ferro D^a Thereza Christina. Um comboio esquisito. Um exemplo da péssima administração brasileira. O Governo Imperial oferecera uma garantia de seis por cento por um período de trinta anos. Baseado nisso, uma sociedade inglesa construiu a linha. Esta deveria ir até um depósito de carvão, sobre o qual foram divulgados ótimos relatos, que foram ratificados por engenheiros subornados. “Brasil livre da importação de carvão europeu”, alardeavam jornais igualmente subornados. Nenhuma voz contrária. Quem estaria disposto a viajar durante dias pela mata para comprovar o assunto? Nem a sólida sociedade construtora de vias férreas

Einen einzigen Wagen zog die kleine Lokomotive langsam durch lange Tunnel. Tunnel und keine Berge? Sie sind von Eisen und Wellblech konstruiert gegen den Tribsand. An einem Sambaqui (einem großen Muschelhügel) ein langes halt. Wir stiegen aus und sahen, wie ein Bahnbeamter, nach allen Seiten prüfend, über die längste Brücke ging, die ich bis dahin gesehen. Sie führt über eine Meeresbucht, 96 Fuß über dem Spiegel des Wassers. Wie Schwefelhölzer erschienen die eisernen Pfeiler. „All right!“ rief der Beamte, und mit der Geschwindigkeit einer Schnecke kroch der Zug über das schmale, wackelnde Gestell. Nicht einmal ein Gitterwerk an der Seite täuschte einige Sicherheit vor. Dann ging's durch eine hübsche, fast unbebaute Landschaft einige Stunden, bis wir vor einer großen Flußbrücke haltmachten, welche durch Hochwasser eingestürzt war. Die Passagiere konnten aber auf Brettern hinübergehen.

„Um alles,“ sagte ich zu meinem Begleitern, „da ist wohl die Eisenbahnfahrt schon am Ende?“

„Gewiß,“ antworteten sie, „und der Zug fährt nur jede Woche einmal bis hierher und dann wieder zurück!“

„Aber wie kommen wir weiter?“

„Dafür ist schon gesorgt.“ Wirklich! Am Bahnhofe (Estação stand an einer hölzernen Bude angeschrieben) trat uns „o Chefe“ entgegen. „Sie sind die Herren, für die ich auf telegraphische Order unseres Bureaus in Desterro eine draisine bis zu den Minas stellen soll?“

„Ja, die sind wir,“ antwortete ich, „was kostet die Fahrt?“ (Soweit reichte mein portugiesischer Sprachschatz.)

„Nada“ (nichts), lautete der Bescheid. In zwei Stunden können Sie fahren.“

Das verdankte ich wieder Herrn von...! Wir frühstückten und besahen den kleinen, von einer mächtigen Kirche überragten Ort.

Ich schlug mein Taschenlexikon von Meyer aus, um zu sehen, ob das Wort Tubarao eine Bedeutung hätte. Richtig: „Walfisch“. Und da fanden wir eine Tafel, auf welcher stand: „Correio e Telégrapho da Freguezia“ (Post und Telegraphenamt des Marktfleckens) Santa Maria da Piedade do Tubarao.“ Alle Wetter, das bedeutet ja, daß

se importou. Eles se garantiram perante o fogo de palha, calculando que poderiam reduzir ou aumentar a quantidade de comboios de acordo com a necessidade.

A pequena locomotiva puxava lentamente um único vagão através do túnel. Túnel sem morros? Eles foram construídos em ferro e com chapas onduladas como proteção contra a areia trazida pelo vento. Paramos junto a um Sambaqui durante bastante tempo. Saímos do trem e observamos um funcionário inspecionando, com muita atenção, a ponte mais longa que eu já vira. Localizava-se sobre uma baía, a noventa e seis pés do nível da água. Os pilares pareciam palitos de fósforo. „All right!“, disse o funcionário e assim o trem se locomoveu vagarosamente sobre a estrutura oscilante. Não havia sequer uma proteção nas laterais que transmitisse um pouco de segurança. Passamos algumas horas através de uma bela paisagem até pararmos num rio diante de uma ponte grande, que desmoronara durante uma enchente. Mas os passageiros puderam atravessar a pé por sobre as tábuas.

Perguntei a uma companheira de viagem: “Será que este é o fim da viagem?”

“Certamente,” respondeu, “o trem somente vem uma vez por semana até aqui e então retorna.”

“Mas como continuaremos?”

“Isso já foi providenciado.”

Realmente! Na estação o “chefe” veio ao nosso encontro e perguntou: “É para os senhores que recebi ordens pelo telégrafo de nosso escritório de Desterro para colocar à sua disposição um velocípede de trilhos (Draisine) que os levará às minas?”

Respondi: “Sim, somos nós. Quanto custa a passagem?”

“Nada,” foi a resposta. “Poderão partir em duas horas.”

Novamente devo isso ao senhor...! Fizemos um lanche e andamos pelo vilarejo, onde a monumental igreja se sobressaía.

der volle Name des Ortes ist: „Heilige Maria von der Barmherzigkeit des Walfisches!“ Und das hier mitten im Lande! Was soll da der Wasfisch! Und obendrein noch seine Barmherzigkeit? Wer hat denn je schon so etwas gehört?

Von der Intelligenz der ursässigen Guarany's bei Ortsbezeichnungen haben wir in einem früheren Abschnitt etwas vernommen, aber die Geistlosigkeit der eingewanderten Portugiesen war mir bisher in einer so krassen Weise noch nicht entgegengetreten. Man gewöhnt sich an die häufigen Familiennamen: Pinto da Luz, übersetzt: „Küken vom Licht“, oder Pires da Costa = „Untertasse von der Küste“, oder Ramos de Oliveira = „Zweig vom Ölbaum“ – und wie sie sonst zu hunderten heißen. Es wirkt nur konisch, wenn diese de und da in Europa für ein Adelsprädikat gehalten werden.

Auf zu den Minas (den „Bergwerken“)! Die draisine (der alte gute Erfinder wohnte in Thüringen und hieß Drais. Aber die lieben, ach so gebildeten Deutschen sprechen das Wort bekanntlich französisch aus) ist ein kleiner, offener Wagen, der auf den Schienen läuft. – Knie hochziehen und das Gleichgewicht nicht verlieren! Denn die stacheligen Büsche, die auf dem Bahnkörper wuchern, erlauben es nicht, sich auf die Seite zu setzen und die Füße baumeln zu lassen. Vorn und hinten stand aber ein Schwarzer mit einer langen Bambusstange.

Sie wußten sich vor Freude gar nicht zu bergen, diese beiden Kerle mit den breiten Schultern, den dicken Muskeln in Armen und Waden; wahre Prachtgestalten. Ein paar Tage frei, gute Verpflegung, ein Trinkgeld in Aussicht! Ihre Füße trippelten vor Vergnügen wie die Füße der gesunden Kinder auf den Bürgersteigen in Deutschland. Die Neger sind Kinder, oft recht ungezogene, selten boshafte; aber Augenblicksmenschen, die sich mit Freundlichkeit und Ernst leiten lassen. Ich habe viele Schwarze kennengekernt, aber keinen traurig gestimmten.

„Joho! Joho!“ schrien unsere beiden, wenn die Bahn abwärts ging und wir in sausender Fahrt dahinrollten, an scharfen Biegungen nicht ohne Gefahr, umzukippen. Bei Steigungen stießen sie ihre Stangen unverdrossen in den Boden, uns weiterschiebend.

So ging's viele Stunden ohne Pause durch den Wald; selten an einer Hütte vorbei. Vor dem Endpunkte der Bahn war eine Brücke unpassierbar, auch

Verifiquei no dicionário de bolso Meyer se a palavra Tubarão tinha algum significado. Realmente tinha. Em uma placa estava escrito “Correio e Telégrafo da Freguesia Santa Maria da Piedade da Baleia.”¹ Isso no interior do Estado! O que a baleia tem a haver aqui? E além de tudo a sua piedade? Onde já se ouviu uma coisa dessas? “Estranho, este significado de Santa Maria da Piedade da Baleia!” E isso aqui no interior do país! O que é que uma baleia faz aqui? E, além disso, a Piedade? Quem é que já ouviu uma coisa dessas?

Já tínhamos informação sobre a inteligência dos guaranis, quanto à denominação de lugares, mas a falta de imaginação dos portugueses, até agora, nunca havia chamado tanto a minha atenção. Estamos acostumados com os nomes de família como: Pinto da Luz; Pires da Costa; Ramos da Oliveira e muitos outros. Parece estranho, porque na Europa o significado de “de” e “da” são predicados da nobreza.

Então vamos às minas! O inventor do velocípede se chamava Drais e era de Turíngia.² Mas os queridos e tão instruídos alemães pronunciavam este nome à francesa. Este velocípede é um carro pequeno aberto, que anda em trilhos. Era preciso encolher os joelhos e não perder o equilíbrio, pois a vegetação espinhosa não permitia sentar de lado com as pernas de fora. Na parte da frente e de trás estavam dois negros com uma vara de bambu.

Estes dois não cabiam em si de alegria. Tinham ombros largos e músculos fortes nas pernas e braços. Eram dois belos exemplares da raça negra! Tinham alguns dias de liberdade, bom sustento e uma gorjeta em vista. Seus pés não paravam quietos, assim como os pés das crianças sadias nos passeios da Alemanha. Os negros, assim como as crianças podem ser malcriados, mas não existe maldade, eles vivem apenas o momento e se deixam levar com benignidade e seriedade. Eu conheci muitos negros, mas nenhum triste.

Os dois gritavam “iaho! iaho!” quando o velocípede ganhava

¹ N.T. na versão em alemão consta baleia, mas significa tubarão.

² Drais era na natural da região de Baden.

für Fußgänger. An der anderen Seite Häuser; Männer, die uns zuriefen, sie wollten uns „die drei Maultiere“ zum Überholen bringen. Der weit über die Ufer getretene Fluß war recht breit, schien aber nicht tief zu sein. Ein Mann, der die Esel herüberbrachte, sank nur stellenweise bis unter die Arme ins Wasser, wo dann die Tiere schwammen, die ungesattelt und ohne Kopfzeug waren. Ich schwang mich auf den größten. Der rutschte, indem er die Hinterbeine einzog, die Böschung hinab kehrte sich wie ein verständiger Bootsmann, halb gegen die Strömung. Da ergriff mich ein mir bis dahin unbekannter Schwindel. Ich beugte den Kopf auf den Hals des Tieres. In derselben Minute waren die beiden Schwarzen an meiner Seite und brachten mich glücklich ans andere Ufer. Meine beiden weißen Begleiter, an solche Fährnisse gewöhnt, machten sich die Sache einfacher. Sie banden das Gepäck auf den Rücken der Esel, faßten diese am Schwanz und ließen sich so, gehend und schwimmend, hinüberziehen. Zum Glück hatten wir alle Zeug zum Wechseln; denn selbst mir, auf dem Rücken des Maultieres, war das Wasser bis an die Hüften gegangen. Eine heiße Tasse Kaffee mit einem Zuckerschnaps reichte aus, uns in Stimmung zu versetzen.

Die Frau, welche uns in ihrer Hütte den Kaffee reichte, sprach mit ihrem Manne – deutsch! Im unverfälschten niederrheinischen Dialekt. Und der Mann erzählte, er sei Bergmann aus dem Kohlenberzirke im alten Vaterlande, angestellt bei diesem „Mumpiß“ von einer Kohlengrube. Kohlen gäbe es vielleicht hier in Menge, sie taugten aber zu nichts. Ihm sei es „Wurst“; er bekomme seinen guten Lohn, habe aber leider nichts zu tun.

Wir schliefen in einem leeren Schuppen, in den Poncho gewickelt, auf der Erde, einem Sattel mit weichen Fellen unter dem Kopfe. So haben wir dann noch öfter, auch ohne einem Schuppen über uns, geschlafen.

Das wichtigste war mir, zu erfahren, daß es von da weiter nach dem Südem wirklich einen leidlichen Weg gab, wie mir die Herren in Laguna versichert hatten, und daß „die drei Maultiere“ auf Befehl der Bahndirektion zu unserer Verfügung standen.

Am andern Morgen ließ ich mich zu der kaum fünf Minuten entfernten „Kolengrube“ führen. In einem Umkreise von ein paar hundert Metern

velocidade em uma descida e passava perigosamente pelas curvas fechadas, correndo o risco de virar. Nas elevações fincavam as varas incansavelmente no chão para nos levar adiante.

Assim, percorremos, durante horas, sem cessar, através da mata e raras vezes havia uma cabana. Antes do final da linha havia uma ponte intransitável até para pedestres. No lado oposto havia casas e os homens avisaram que trariam burros para que pudéssemos atravessar. O rio havia ultrapassado sua margem e era bastante largo, mas parecia que não era muito fundo. O homem que trazia os burros, vez ou outra afundava com água até debaixo dos braços. Então, os animais nadavam, estavam sem sela e arreio. Eu pulei no maior. Ele escorregou barranco abaixo e como um hábil balseiro foi andando de lado contra a correnteza. Então fiquei tonto e debrucei minha cabeça no pescoço do animal. No mesmo instante, os dois negros estavam ao meu lado e me levaram até a margem oposta. Meus dois companheiros, acostumados a estes perigos, simplificaram a travessia. Eles amarraram seus pertences no lombo dos burros, seguraram a cauda dos animais e assim atravessaram andando e nadando. Por sorte tínhamos roupas para trocar, porque a água atingira meu quadril, mesmo estando no lombo do burro. Bastou uma xícara de café quente e uma dose de cachaça para nos animar.

A mulher que nos serviu o café em seu rancho falava alemão no típico dialeto do sul do Reno. O marido contou que foi mineiro na região carvoeira da velha pátria e agora empregado de um fantoche em uma mina de carvão. Contou que provavelmente havia muito carvão, mas não prestava para nada. Para ele era indiferente, ganhava um bom salário, mas não tinha o que fazer.

Dormimos em um rancho, enrolados em ponchos, e como travesseiro usamos uma sela forrada com peles. Assim dormimos muitas vezes, mesmo sem ter um rancho.

Para mim o mais importante era saber se mais ao sul realmente

fandern sich ein Dutzend ausgepuddelte Löcher von wenigen Metern Tiefe, und überall zerstreut ansehnliche Stücke kohlen.

„Gar kein Bohrloch?“ fragte ich den Bergmann. „Ich verstehe davon nichts; aber das wäre doch, denke ich, die Hauptsache.“

„Ja, freilich,“ antwortete er. „Ich fand hier vor einem halben Jahre einen ganz verrosteten und halb zerbrochenen Handbohrer und habe schon zehnmal telegraphiert, mir einen neuen zu schicken. Es ist eine Sauwirtschaft.“

„Tun Sie mir den Gefallen,“ bat ich ihn, „und packen Sie mir zwei Kisten mit ausgesuchten guten Stücken. Ich will sie zur Untersuchung mit nach Deutschland nehmen.“

(Und so geschah es. Die Kohlen wurden in Essen und in Klausthal fachmännisch untersucht und als untauglich erklärt, von beiden Seiten mit der Bemerkung, daß sich bei einer Tiefbohrung vielleicht eine brauchbare Qualität fände.)

Ich lernte dann ein großartiges, sehr fruchtbares, noch unbefetztes Kolonisationsgebiet kennen und hatte dabei in der ganzen Zeit nur ein einziges, bemerkenswertes Erlebnis. Auf einer Grasfläche weit im Innern fanden wir im einsam gelegenen Hause eines alten Brasilianers gastfreundliche Aufnahme. Nachdem wir unsere Reittiere besort hatten, wurde uns im Kreise der Familie der übliche Mate vorgesetzt. Der Hausherr nimmt dabei den ersten Zug aus der dünnen silbernen Röhre, die er dann mit dem Henkeltopfe den Gästen darreicht. Diese saugen ihr Teil und geben Kanne und Röhre an die Hausfrau. Weiter geht's durch den Kreis der versammelten Angehörigen mit zwei oder drei Runden, soweit der Vorrat reicht. Es wäre ungezogen, dabei den Mund zu verziehen. Die Prozedur vollzieht sich bei völligem Schweigen mit einer gewissen Feierlichkeit. Sogar die sonst immer brennenden kurzen Holzpfeifen oder Maisstrohzigaretten werden dabei von Männlein und Fräulein zur Seite gelegt. – Dann aber kennt die Neugier kein Hindernis mehr. Woher? Wohin?

„De Alemanha.“ – „Uh,“ sagte der Brasilianer, „ich weiß: Deutschland liegt bei Hamburg!“ – Stolz blickt die Familie auf ihren gebildeten Hausvater.

havia um caminho transitável como os senhores em Laguna haviam afirmado e, que os três burros estariam à nossa disposição, de acordo com a ordem dada pela diretoria da rede ferroviária.

Na manhã seguinte fui até as minas de carvão, distantes apenas cinco minutos. Em uma área de algumas centenas de metros havia uma dúzia de buracos de alguns metros de profundidade e ao redor consideráveis pedaços de carvão.

Perguntei ao mineiro: “Nenhuma perfuração?” “Eu não entendo disso, mas em minha opinião seria o mais importante.”

“Realmente” foi sua resposta. “Há meio ano encontrei aqui uma broca manual quebrada e já telegrafei uma dezena de vezes para enviarem uma nova. É uma administração vergonhosa.”

“Faça-me um favor, coloque algumas peças em dois caixotes. Quero levar isso para a Alemanha para serem analisadas.”

(Assim foi feito. O carvão foi analisado por especialistas em Essen e Klausthal e declarado sem valor com a ressalva de ambos, que se fosse feita uma perfuração mais profunda haveria a possibilidade de encontrar carvão de melhor qualidade).

Então conheci uma área de colonização muito fértil e ainda desocupada. Durante todo esse tempo aconteceu apenas um caso marcante. Longe, no interior, em meio a um campo verde, encontramos uma casa solitária de um velho brasileiro, onde fomos muito bem recebidos. Após termos tratado os animais, foi-nos oferecido o mate no seio da família. O dono da casa toma o primeiro gole da bomba de prata e em seguida oferece-o com a chaleira aos visitantes. Estes, depois de tomarem sua parte alcançam tudo à dona de casa. Assim é passado pelo círculo dos presentes em duas ou três rodadas até acabar. Manifestar desagrado seria falta de educação. Tudo

„Ganz recht,“ erwiderte ich, „Deutschland liegt bei Hamburg; es ist aber ein großes Land und hat einen Kaiser. – Schweigen. – „Wir haben auch einen berühmten Mann, er heißt Bismarck.“ –

„E verdade“ (wirklich) lautet die Antwort, „Alemanha é a terra de Bismarcke!“

Den Namen kannte er, stand aus reckte die rechte hand über seinen Kopf und sagte zu seiner bewundernden Familie: „So groß ist er und so breit, ein Riese. Aus unserem größten Pferde könnte er nicht reiten, weil seine Füße bis aus die Erde reichen würden!“

Nach Laguna zurückgekehrt, schloß ich mit den Befitzern in aller Form das Vorkaufsrecht auf mehr als 100 000 Hektar zu einem äußerst geringen Preise ab. Die Option galt bis zum 1. Oktober 1888. Papiere, Zeichnungen und Berichte gingen nach Leipzig.

Als der Dampfer auf der Rückreise in die Bucht von Desterro einfuhr, erdröhte die ganze Gegend auf der Insel und dem Festlande von Dynamitbomben und Flintenschüssen. Alle Passagiere liefen zusammen. „Es ist doch heute kein hoher Festtag,“ hieß es, „was bedeutet das? Revolution?“

Das Geschieße wurde immer toller, ein wahrer Höllenskandal. Dazu läuteten die Glocken in fiebernder Hast. Bald sahen wir auf dem Markplaze am Hafen die Menschen in dichten Haufen, wie sie die Arme in die Höhe warfen. Geschwenkte Hüte, wehende Tücher, sich im Kreise umherwirbelnde Gestalten. Also keine Revolution. Aber was denn? Die Anker waren noch nicht ausgeworfen, als Boote aus das Schiff zuflogen mit schreienden Menschen. Endlich verstanden wir aus dem Getöse, „Liberdade dos escravos! Viva Isabella!“ (Freiheit der Sklaven, es lebe Isabella!) „Viva o Brazil!“

Ich drängte mich durch die schon heiser heulenden schwarzen Haufen am Lande hindurch, ohne einen Kerl willig zu finden, mein Gepäck zu tragen; schleppte es also selbst zum Klubhause. Auch der Wirt war ganz aufgeregt.

„Heute morgen ist ein Telegramm des Ministeriums von Rio an den

acontece de modo solene e no maior silêncio. Até os cachimbos e os palheiros, normalmente sempre acesos, são deixados de lado por homens e mulheres.

Então a curiosidade explode: “ De onde? Para aonde?”

“Da Alemanha.”

“Ah eu sei, a Alemanha fica perto de Hamburgo!” E a família olhou com orgulho para o culto pai de família.

Respondi: “É verdade, a Alemanha fica perto de Hamburgo, é um grande país e tem um Imperador.” Apenas silêncio. “Mas também temos um homem famoso que se chama Bismarck.”

“Realmente, a Alemanha é a terra de Bismarcke!” Esse nome ele conhecia, levantou e esticou o braço direito para cima e disse para a perplexa família: “Ele é grande assim e desta largura, um gigante. Ele não poderia montar em nosso maior cavalo, porque seus pés arrastariam no chão!”

Voltando a Laguna, negocie a preferência de compra com os proprietários dos mais de 100.000 (cem mil) hectares por um valor ínfimo. A validade seria até 1º de Outubro de 1888. Os papeis, os desenhos e os relatórios foram encaminhados para Leipzig.

Quando o navio entrou na baía de Desterro, ecoava por toda ilha e continente o estouro de bombas e tiros. Todos os passageiros se reuniram: “Hoje não é feriado, o que significa isso? Será uma revolução?”

O tiroteio aumentava, o barulho era infernal. O badalar ininterrupto dos sinos se juntava a isso. Logo vimos a aglomeração de pessoas na Praça do Mercado junto ao porto. Estendiam os braços para cima, abanavam os chapéus e lenços, rodopiavam. Portanto, não era revolução! Mas o que estava acontecendo? O navio ainda não havia baixado as âncoras, quando lanchas, com pessoas aos brados se aproximaram. Finalmente conseguimos entender: “Liberdade dos escravos! Viva Izabel! Viva o Brasil!”

hiesigen Gouverneur des Staates eingetroffen, daß alle Sklaven sofort freizugeben sind. Der Senat hat in der Sitzung der letzten Nacht die Bitte der Regentin Isabella genehmigt. Das gibt ein großes Unglück.“

Im Saale traf ich einen evangelischen Geistlichen aus einer der benachbarten deutschen Kolonien, der schon lange im Lande wohnte. Ein gescheuter Herr. Er faßte die Moral von der Geschichte in die Worte zusammen: „Das kostet dem Kaiser den Thron!“

Wir setzten uns bei einem Glase Bier zusammen, und ich bat ihn mit dem bekannten Worte:

„Erkläre mir, Graf Örindur, diesen Zwiespalt der Natur,“ um Ausschluß über den mir rätselhaften Vorgang. Seine Mitteilungen brachte ich an demselben Abend zu Papier, nach dem sie mir vom deutschen Konsul als richtig bezeichnet waren. Er sagte etwa folgendes.

„Sie wissen, daß sich unser guter Kaiser auf einer Reise in Europa befindet. Seine älteste Tochter Isabella ist für die Zeit seiner Abwesenheit mit allen Rechten zur Regentin des Reiches erklärt. Nach dem Tode ihres bejahrten Vaters wird sie die regierende Kaiserin. Ihr Gemahl ist ein unbedeutender Mann. Sie besitzt viel Energie und noch mehr Ehrgeiz. Klug wie sie ist, täuscht sich nicht darüber, daß eine starke republikanische Bewegung durch das Volk geht. Brasilien ist die einzige Monarchie in ganz Amerika. Sie will sich beim großen Haufen, bei allen Liberalen, um jeden Preis beliebt machen. Die Neuwahlen für das Parlament finden im nächsten Monat statt. Die Republikaner sollen dabei nicht siegen. Das ist die einzige möglichen Erklärung für diesen beillosen Schwindel.“

„Das wäre schon begreiflich,“ erwiderte ich, „aber wie werden sich die vielen hunderte oder Tausende von Großgrundbesitzern dazu stellen? Nach der letzten Zählung gibt es rund 600 000 männliche Sklaven bei einer Gesamtbevölkerung von höchstens 15 Millionen, alle Frauen und Kinder, auch die schon freien Kinder der Sklaven mit eingerechnet. Auf 20 bis 30 Brasilianer – einschließlich der Frauen und Kinder – kommt also ein männlicher Sklave. Mancher Gutsbesitzer hat davon Hunderte. Die Ernte hat gerade begonnen. Sie

Em terra, tentei abrir caminho através da multidão já rouca de tanto chorar, não encontrei ninguém para carregar minha bagagem, assim a levei até o Clube. O hoteleiro também estava muito nervoso:

“Hoje pela manhã chegou um telegrama do Ministério do Rio para o Governador do Estado com a mensagem de libertar imediatamente os escravos. O Senado decidiu na sessão da noite passada acatar o pedido da Regente Izabel. Isso será um grande desastre.”

No salão do clube eu encontrei um Pastor de uma vizinha colônia alemã, estabelecido há muito tempo no país. Um homem sábio. Ele chegou à seguinte conclusão e falou: “Isso vai custar o trono ao Imperador.”

Sentamos a uma mesa, tomamos um copo de cerveja e então solicitei que esclarecesse este acontecimento difícil de entender com as seguintes palavras: “Esclareça-me, Conde Örindur, esta dualidade da natureza.”

Anotei tudo na mesma noite, após ter recebido a confirmação do Cônsul sobre a veracidade do fato. Ele disse o seguinte:

“O senhor sabe que nosso bondoso Imperador está na Europa. Para o período de sua ausência, sua filha mais velha, Izabel, foi nomeada Regente do Império com todos os direitos assegurados. Após a morte de seu pai, que está com idade avançada, ela será nomeada Imperatriz. Seu esposo é um homem insignificante. Ela é muito enérgica, além disso, ambiciosa demais. É muito inteligente e não se engana quanto ao movimento republicano, que está em andamento no meio do povo. O Brasil é a única monarquia de toda América. Ela está fazendo o possível para ser benquista entre a população e os liberais. As eleições para o Parlamento serão no próximo mês. Não é para os republicanos ganharem. Essa é a única explicação plausível para todo esse engodo.”

Retruquei: “Isso daria para entender, mas qual será a posição das centenas ou milhares de latifundiários? De acordo com o último censo,

mußten damit rechnen, daß diese ihre einzigen Arbeiter am 28. September 1898 frei wären, aber doch nicht heute, am 13. Maio 1888. Zu sparen haben nur wenige verstanden, die meisten stecken in Schulden, von einer Entschädigung kann bei der Menge keine Rede sein, die 600 000 Sklaven repräsentieren (es ist schrecklich zu sagen) einen „Kapitalwert“ von wenigstens 200 Millionen Mark. Da muß doch ein Kind einsehen, daß der größte Teil des Grundbesitzes durch den einen Federstrich ruiniert ist. So etwas kennt ja die ganze Weltgeschichte nicht! Und Brasilien ist doch bis jetzt noch nichts anderes als ein Ackerbau treibender Staat. Was soll aus dem Kaffee werden, der den Weltmarkt beherrscht? – Ihre Antwort genügt mir nicht. Es muß mehr hinter diesem Blitz aus blauem Himmel stecken.

“Der Geistliche sah sich vorsichtig im Zimmer um. Da war niemand. Trotzdem rückte er mir näher und sagte: „Sie haben recht. Die Jesuiten stecken dahinter. Die Regentin befindet sich ganz in der Hand ihres Beichtvaters. Als sie die Regentschaft übernahm, legte er ihr als erste Handlung aus, zur Büßung etwa noch nicht vergebenen Sünden sich auf das tiefste zu demütigen. Sie mußte auf den Knien und mit eigener Hand die Schloßkapelle scheuern! Das wird natürlich heftig geleugnet, ist aber buchstäblich wahr. Sie ist es gar nicht, die regiert, sondern ihre jesuitische Umgebung!“

„Na, na!“ unterbrach ich ihn, „sollte da nich der Geist des protestantischen Pastors aus Ihnen sprechen? Das hieße ja den Teufel der Republik durch Beelzebub austreiben. Die Jesuiten sind immer die klügsten Vorausrechner gewesen. Und die sollten durch die Sklavenbefreiung die kirchlich gesinnten, konservativen Grundbesitzer ruinieren?“

„Wenn Sie,“ erwiderte er, „zwangig Jahre wie ich in diesem Lande gelebt hätten, so würden Sie mich verstehen. Was fragen die Jesuiten nach Kaiserreich oder Republik? Sie fragen nur nach Befestigung ihrer Macht. Sie wissen, daß der Thron auf sandigem Boden steht, der schon halb unterwaschen ist. Über kurz oder lang muß er stürzen. Sie tun, als wären sie die einzigen Stützen des Thrones. In Wahrheit sind sie die stärksten Gehilfen der unfehlbar kommenden Republik, mit der sie dann allein zu rechnen haben. Die einzigen Gegner derselben sind die

existem seiscentos mil escravos homens em uma população de quinze milhões de habitantes, incluindo todas as mulheres, os filhos, e também os filhos já livres. Pode-se calcular um escravo para vinte até trinta brasileiros, incluindo mulheres e crianças. Muitos proprietários são donos de centenas de escravos. A safra apenas começou. Eles contavam que esses seus únicos trabalhadores seriam livres em 1898, mas não hoje, em 13 de maio de 1888. Poucos haviam economizado, a maioria está afogada em dívidas. Com o número expressivo de escravos é impossível pensar em indenização, (até é difícil dizer isso), porque os seiscentos mil escravos representam um capital de duzentos milhões de Marcos. Qualquer um pode ver que com esta assinatura a maioria dos latifundiários está arruinada. Na história da humanidade não existe algo semelhante! Afinal o Brasil não é nada mais do que um país agrícola. O que será do café que domina o mercado mundial? Sua resposta não me convence. Deve haver mais por detrás de tudo isso”.

O Pastor olhou furtivamente em sua volta. Não havia ninguém. Apesar disso ele veio mais perto de mim e disse: “O senhor tem razão. São os jesuítas que estão por trás de tudo. A Regente está nas mãos de seu confessor. Ao assumir a Regência, ele impôs como primeiro dever uma penitência sobre os pecados não absolvidos, que seria a de se humilhar profundamente. Ela foi obrigada a esfregar, ajoelhada, a capela do palácio com as próprias mãos! É óbvio que isso foi desmentido, mas foi o que aconteceu. Não é ela quem governa, são os jesuítas à sua volta!”

Eu o interrompi dizendo: “Não é o espírito do Pastor protestante falando? Isso significaria expurgar o diabo da República com Belzebu. Os jesuítas sempre foram, em questão de previsão, os mais inteligentes. Justamente eles arruinariam os proprietários rurais conservadores e fiéis à Igreja com a libertação de escravos?”

Ele retrucou: “O senhor me compreenderia se tivesse vivido durante vinte anos neste país. O que interessa aos jesuítas, o Império ou

Grundbesitzer. Deren Kraft muß gebrochen werden; sie müssen durch den Verlust ihrer Arbeiter zu Feinden der Regierung gemacht werden. Das stärkste Mittel zur Erreichung dieses Zieles ist die plötzliche Freilassung der Sklaven. Sie haben jetzt, ehe der Kaiser zurückkehrt, die Macht. Also gebrauchen sie ohne Bedenken das Mittel. Wenn dann die Republik hergestellt ist, steht die ‚Kirche‘ als Bahnbrecherin der ‚Volksfreiheit‘ da und erscheint den Schwarzen als die Erlöserin.

Den Abend jenes merkwürdigen Tages verbrachte ich im Kreise mehrerer Herren. Aus der Unterhaltung haben sich mir zwei Bemerkungen eingeprägt: Die katholische Kirche sei die stärkste Geldmacht des Staates; und: der Kaiser habe mit feiner Ironie bestimmt, daß die hohen Abgaben für die vielbegehrten Adelsdiplome und Standeserhöhungen nicht der Staatskasse, sondern dem Irrenhause zugute kämen. Er selbst habe die Inschrift der betreffenden Kasse und ihrer Bücher verfaßt:

„A vaidade humana à Miséria humana“

d.h. „Die menschliche Torheit dem menschlichen Elend.“

Am andern Morgen begegnete ich dem Konsul, welcher der Inhaber des größten Geschäftshauses am Platze war. Lachend trat er mir entgegen.

„Denken Sie sich, was für mich bei dem Schwindel herausgekommen ist! Die schwarzen Weiber haben unsere Abteilung für Zeuge und Kleidungsstücke förmlich gestürmt. Das ganze, bedeutende Lager von bunten Tüchern, Kopspitzen und Stiefeln ist ausverkauft. Und das Tollste: Wir hatten gerade für die Zweiggeschäfte in den Kolonien viele hundert Korsetts aus Deutschland bezogen. Nicht eins ist mehr zu finden!“

Santos. Sonntags morgens. Der hamburger Dampfer, mit dem ich fahren wollte, lag schon im Hafen. Ich quartierte mich gleich vom Küstendampfer aus ihn um und schlenderte dann durch die Stadt. Aus der hauptkirche hörte ich Musik, trat ein, kehrte aber sogleich um, denn die Blechinstrumente schmetterten zum Schluß irgend einer Heiligenfeier die Melodie der Straußschen Walzers: „An der blauen Donau.“

a República? Eles somente se interessam em fortalecer o seu poder. É de seu conhecimento que o trono está em uma situação muito vulnerável. A queda é uma questão de tempo. Eles agem como se fossem os pilares de sustentação do trono. Na verdade, eles são o braço mais forte da futura República, a única com que podem contar. Os únicos opositores são os grandes proprietários rurais. O poder deles deve ser quebrado com a perda da força de trabalho, e assim irão se tornar inimigos da República. Para conseguir isso nada melhor do que a súbita libertação dos escravos. Antes do Imperador retornar, eles detêm o poder. Portanto, é usado qualquer meio sem ponderar. Quando a República for declarada, a Igreja será a instauradora da liberdade e os negros a verão como redentora.”

Eu passei a noite deste memorável dia em companhia de alguns senhores. Desta conversa registrei duas observações: que a Igreja Católica detinha o maior poder econômico do País e que o Imperador afirmou, com certa ironia, que as altas taxas destinadas aos tão cobiçados diplomas de nobreza e elevação do nível social, não eram para os cofres públicos, mas beneficiariam o manicômio.

Ele mesmo redigiu a inscrição que consta no cofre e respectivos livros:

“A vaidade humana à Miséria humana”

Na manhã seguinte encontrei o Cônsul, proprietário da maior casa comercial do lugar. Veio ao meu encontro sorrindo.

“Imagine o que lucrei com este embuste! As mulheres pretas praticamente invadiram a seção do vestuário. Todo o estoque de tecidos coloridos, chapelaria e botas está esgotado. E o mais estupendo é que havíamos recebido algumas centenas de espartilhos da Alemanha para enviar às filiais! Não se encontra mais um!”

Darauf kam ich an dem Cültyschen Restaurant vorbei, aus dessen offener Tür mir ein mächtiges „Hallo“ entgegenschallte. Ein Dutzend Herren zogen mich in ihren Kreis, die Bekannten von Weihnachten vor einem Jahre. Ich wußte wohl, daß die freudige Bewegung nicht mir, sondern unsern Kindern galt, war aber doch von Herzen gern in ihren Familien bis zum späten Abend. Wie war ich doch zu der Zeit noch so jung! – Wie hatte mich der Erfolg meiner Reise erfrischt! – Wir werden noch mehr von Santos hören.

Lissabon. Viele gute Briefe. Darunter auch einer von Stoecker, worin er mich bat, in einer seiner damals noch gewaltig großen Versammlungen in Berlin im Juni einen Vortrag über meine Reise zu halten.

Ich benutzte die fünf Tage bis Hamburg, die Rede zu verfassen. Den unterhaltenden Teil derselben habe ich in diesem Kapitel einfach abgeschrieben. Er ist deshalb unter den frischen Eindrücken ein bißchen breit geraten.

Um nun dem monatelangen Reiseintermezzo hier gleich den Abschluß zu geben: Die Leipziger Gesellschaft sprach mir ihre „vollste Befriedigung“ brieflich aus, erklärte das auch in einem ihrer Berichte und – dabei ist es geblieben. Man wurde mit den Überlegungen bis zum 1. Oktober nicht fertig.

Unter dem 5. Oktober schrieb mir Herr Klein aus Tubarong: „Der italienische Konsul von Desterro hat hier gestern kaltlächelnd alle die Ländereien gekauft. Der kann auch lachen. Die herrlichen Urwaldsgebiete, ein Fürstentum, zu denselben fabelhaft billigen Perisen!“

Jetzt, nach 25 Jahren, wohnen dort viele Italiener in blühenden Ackerbaukolonien.

Santos. Domingo de manhã. O navio hamburguês com o qual eu queria viajar já estava no porto. Alojei-me direto do navio costeiro para lá e fui flunar na cidade. Escutei música vinda da igreja matriz, entrei, mas saí em seguida porque os instrumentos de metais ressoavam ao final de uma cerimônia aos Santos à melodia de uma valsa de Strauss: “Danúbio Azul.”

Em seguida, passei em frente a um restaurante e escutei um forte “Hallo” vindo da porta. Uma dúzia de senhores me convidou para participar. Eram os conhecidos do Natal passado. Eu sabia que este gentil acolhimento não era para mim, mas para nossos filhos, mas fiquei feliz em estar com suas famílias. Como eu era jovem naquela época! Como o sucesso da viagem me fizera bem! Ainda ouviremos mais sobre Santos.

Lisboa. Muitas cartas com boas notícias. Entre elas uma de Stoecker na qual ele pedia para eu dar uma palestra em junho sobre a minha viagem, em uma de suas grandes e expressivas reuniões em Berlim.

Aproveitei os cinco dias que faltavam até Hamburgo para redigir a palestra. A parte interessante da mesma eu copieei neste capítulo.

Agora a conclusão desses meses de viagem: A Sociedade de Leipzig, através de carta, manifestou-se muito satisfeita, ainda explicou em um de seus relatórios... E assim ficou. Até primeiro de outubro não haviam terminado com suas considerações. O senhor Klein escreveu em cinco de outubro: “O Cônsul italiano de Desterro, com um sorriso debochado, comprou ontem todas estas terras. Este realmente pode rir. As maravilhosas terras virgens, um ducado, por um preço extremamente baixo.

Agora, depois de vinte e cinco anos, muitos italianos habitam lá em florescentes colônias agrícolas.



COZINHAR, COSTURAR, LAVAR E PASSAR: A REMODELAÇÃO DO MODELO FAMILIAR E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO FEMININO NA VILA OPERÁRIA PRÓSPERA (1950-1960)

COZINHAR, COSTURAR, LAVAR E PASSAR: A REMODELAÇÃO DO MODELO FAMILIAR E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO FEMININO NA VILA OPERÁRIA PRÓSPERA (1950-1960)

Ismael Gonçalves Alves*

RESUMO

Este artigo busca apreender algumas impressões acerca da remodelação do modelo familiar na Vila Operária Próspera em Criciúma. Vindas de regiões vizinhas os novos moradores da cidade tinham pouca ou nenhuma vivência relacionada ao modo de vida urbana. A fim de inseri-los no complexo cotidiano citadino e seus códigos de civilidade, a pedido das mineradoras, a ordem Pequenas Irmãs da Divina Providência elaborou uma série de atividades e cursos populares. Baseados nas distinções dos papéis de gênero, estes cursos buscavam solidificar a imagem naturalizada da mulher como mãe, esposa e dona de casa e o homem como provedor e administrador dos espaços públicos.

Palavras-chave: Família; Relações de Gênero; Vila Operária Próspera; Pequenas Irmãs da Divina Providência.

ABSTRACT

This article attempts to capture some impressions about the remodeling of the model family in the village of Prosperous Workers Criciúma. Coming from regions near the new town's residents had little or no experience related to the way of urban life. In order to insert them in the complex everyday city and its code of civility, at the request of the miners, the order of Little

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Paraná.

Sisters of Divine Providence prepared a series of activities and popular courses. Based on distinctions of gender roles, these courses were seeking to solidify the image naturalized woman as mother, wife and homemaker and the man as provider and administrator of public spaces.

Keywords: Family, Gender Relations, Workers' Prosperous Village, Little Sisters of Divine Providence.

A família, enquanto objeto de estudo, demonstra toda a complexidade das relações sociais instituídas no mundo contemporâneo. Espaço privilegiado das práticas de socialização e estratégias de sobrevivência, durante muito tempo esta “instituição” tem suscitado os mais diferentes debates sobre a sua desestruturação ou reorganização. Esta inquietação da sociedade burguesa diante dos novos arranjos familiares funda-se na ideia desta ser o primeiro espaço de normalização do indivíduo. Contudo, o processo histórico nos revela o extraordinário poder de amoldamento e resistência dos diversos grupos familiares que atravessaram inúmeras mudanças sociais e econômicas, adaptando-se perfeitamente a novas realidades a elas impostas.

Segundo Martine Segalen “o nascimento da sociedade industrial [foi] acompanhado por uma diversidade de famílias operárias”,¹ e neste artigo, me proponho a analisar as famílias operárias que fizeram parte do processo carbonífero do município de Criciúma-SC, entre as décadas de 1950 e 1960.

As atividades de extração de carvão em Criciúma, no início do século XX, transformaram-na em um aglomerado de médias e grandes mineradoras que impuseram um novo ritmo sócio-econômico à pequena urbe de agricultores. Da mesma forma, o início da extração do

¹ SEGALEN, Martine. A revolução industrial: do proletário ao burguês. In: ARAÚJO, Carlos. **História da Família**. Volume IV. Lisboa: Terramar, 1999. p. 07.

carvão mineral pela Sociedade Carbonífera Próspera S.A.² na década de 1920 desencadeou um fenômeno comum a vários núcleos industriais, ou seja, a vinda de pessoas das regiões circunvizinhas em busca de emprego. Nesta época, os centros urbanos industriais representavam à possibilidade de ascensão social e melhoria da qualidade de vida, coisas não encontradas em seus locais de origem.

Este processo acelerado de crescimento urbano no qual se envolveu Criciúma trouxe consigo o problema das moradias operárias. Necessitando de uma quantia elevada de trabalhadores a cidade não estabeleceu um planejamento para a alocação dos novos moradores, tornando-se problemático comportar toda mão-de-obra atraída pela possibilidade de emprego. Vindas de municípios das regiões litorâneas, tais como Laguna, Imaruí e Jaguaruna para trabalhar na carbonífera, estas populações não possuíam um espaço de moradia garantido, apesar de a mineradora oferecer casas para seus funcionários, estas dependiam da disponibilidade.

A Vila Operária Próspera surgiu na década de 1930 a partir da necessidade de abrigar o elevado contingente de pessoas atraídas pelo início das atividades extrativas da Carbonífera Próspera. A construção desta “cidadela” teve como principal objetivo a fixação da mão-de-obra nas proximidades da empresa, que por sua vez atendia aos requisitos básicos da vigilância e do controle sob seus empregados. As vilas operárias de Criciúma quase sempre foram construídas da mesma forma, ou seja, nas proximidades dos meios de produção, que tinham como seu maior expoente industrial as minas de carvão.

Num primeiro momento, as famílias vindas de “fora” eram

² Mineradora que contribuiu significativamente para o processo de desenvolvimento da cidade, e que durante algum tempo carregou o título de ser a mais “poderosa” mineradora de Criciúma.

obrigadas a ficar na casa de seus parentes e amigos até conseguir uma colocação e, consecutivamente a sua residência própria. Para Martine Segalen, o grupo doméstico é um local de resistência onde “é conhecido o papel ativo desempenhado pelas redes de parentescos para acolher o imigrante vindo da mesma província, encontrando-lhe alojamento e residência e facilitando-se assim o melhor possível a sua integração na cidade”³.

Para o ideário burguês, a família era o centro das relações sociais e, a partir dela, é que seus membros se relacionariam com o mundo exterior, ou seja, a rua. Mas o arranjo familiar idealizada pelo ethos burguês não poderia ser extenso, mas sim, nuclear, centrado na figura do pai-provedor, da mãe dona-de-casa e dos filhos. A casa deveria ser o “templo sagrado” da família; espaçosa, bem-arejada e ventilada, ela deveria ser um dos fatores de união familiar, responsável por criar o gosto pela intimidade “nuclearizando” a família. “[...] A família define-se como local da ordem, como detentor de um poderoso modelo normativo em que toda e qualquer divergência é considerada como um perigoso desvio social”.⁴ À mulher, segundo os padrões estabelecidos, cabia a boa administração do lar, os cuidados com os filhos e o marido. Enquanto aos homens, cabia o mundo externo, das ruas, a efervescência cidadina, pois estes sim eram “capazes” de lidar com a rudez da vida urbana.

A falta de espaço era um problema crônico das famílias mineiras,⁵ as casas cedidas pela mineradora eram pequenas, escuras e moradias mal-arejadas, possuindo dois ou três cômodos e uma “patente”,⁶ da qual o esgoto escorria a céu aberto. Estas casas, por apresentavam um tamanho reduzidíssimo, não atendiam aos requisitos básicos necessários

³ SEGALEN, Martine. Op Cit. P. 17.

⁴ Ibid. p. 18.

⁵ Em média as famílias eram compostas por 8 ou 10 pessoas, o que tornavam as casas relativamente pequenas.

⁶ Uma espécie de latrina que ficava do lado de fora das residências.

para a manutenção de uma mão-de-obra disciplinada e sadia, pois seguindo os preceitos sanitários vigentes, a habitação deveria ser um templo de salubridade onde o trabalhador, após uma longa jornada de trabalho, deveria repousar confortavelmente e, conseqüentemente, estar pronto para mais um dia exaustivo de trabalho. Segundo um relatório do DNPM⁷ era assim que se encontravam as casas da Vila Operária Próspera:

[As] casas (ou melhor dizendo “ranchos”) velhíssimas, toscas, de madeira empenada e podre, com cobertura de cacos de telhas, cheias de buracos enormes por onde a chuva se escoava aos borbotões, com assoalhos e paredes repletos de largas frestas, por onde o vento sul, no inverno rigoroso, penetra impiedosamente, fustigando não só o próprio mineiro, mal agasalhado, como também sua mulher e seus infelizes filhos, cobertos com farrapos, constituem as habitações dos mineiros.⁸

Desta forma, as Vilas Operárias da cidade, passaram a ser apontadas com centros “degeneradores” incompatíveis com a criação de um modelo familiar sadio. A pedido dos mineradores vários aspectos da vida cotidiana do trabalhador foram analisados a fim de serem combatidos, como por exemplo, o carteado e as brigas de galos, que iam noite adentro regados com muita cachaça. Estas práticas cotidianas chamadas nos relatórios do DNPM de “desregramentos”, tornaram-se um dos principais motivos de preocupação das autoridades, pois além de perdurarem grande parte da noite e, muitas vezes a madrugada toda, o uso do álcool era frequente deixando os operários indispostos para mais um dia de labuta,

[...] ação sedativa e narcótica que exerce sobre o sistema nervoso central, mesmo que em quotas não excessivas, o álcool afeta a produtividade do operário e faz crescer a cifra de erros e acidentes, tanto mais, quanto mais delicada a tarefa do operário, prejudicando assim, quantitativa e

⁷ Departamento Nacional da Produção Mineral

⁸ BOA NOVA JÚNIOR. Francisco de Paula. Problemas Médicos sociais da indústria Carbonífera Sul Catarinense. DNPM – Boletim n. 95. p.67.

qualitativamente o seu trabalho. [...] a produtividade do operário, se reduzem em média a 15 % à simples administração do álcool, mesmo em taxa reduzida.⁹

O médico-sanitarista Francisco de Paula Boa Nova Junior¹⁰ ainda cita outros comportamentos considerados “degenerativos” como a prostituição, que além ferir os juramentos do sagrado matrimônio, proporcionavam “noitadas alegres em antros sórdidos povoados por infelizes mercadoras em precárias condições de saúde, subalimentadas e portadoras das mais variadas enfermidades”.¹¹ Em Criciúma estas noites alegres ocorriam na *maracangalha*¹², como lembra Dona Lurdes Pizzetti:

[...] tinha homem que só recebia o pagamento era na maracangalha direto. No dia do pagamento não vinham nem em casa, tomavam banho lá, que a Cia tinha os banheiros, levavam as roupas e de lá iam. Só vinham na Segunda feira de manhã para trabalhar na mina, porque geralmente recebiam o pagamento era em uma Sexta, Sábado e Domingo era maracangalha direto.¹³

Este tipo de comportamento era analisado como um desperdício de tempo e dinheiro, por isso, o médico Boa Nova Junior propõe:

O amplo combate ao jogo, sob qualquer forma, e à prostituição desregrada seriam medidas a serem no caso adotadas em defesa de uma geração de operários já bastante viciada e esgotada no pleno verdor de seus 25 ou 30 anos de existência, com remotas probabilidades de atingir pelo menos a uma longevidade de 40 anos, em consequência desses desregramentos e do abuso do álcool.¹⁴

⁹ BOA NOVA JUNIOR. Francisco de Paula. Op. Cit. p. 65.

¹⁰ Médico sanitaria contratado pelas carboníferas para elencar os “problemas” encontrados entre a população mineira e seus reflexos sobre o trabalho.

¹¹ BOA NOVA JUNIOR. Francisco de Paula. Op. Cit. p.66.

¹² Assim chamada à zona do meretrício pelos habitantes da cidade.

¹³ LURDES DARÉ PIZZETTI: Depoimento [25 de maio de 1998]. Entrevistadora Marli de Oliveira Costa. Criciúma: Acervo Memória e Cultura do Carvão.

¹⁴ BOA NOVA JUNIOR. Francisco de Paula. Op. Cit. p. 66.

Assim como em outras partes do Brasil, a classe operária mineira ficava restrita às periferias da cidade, em locais sem as mínimas condições de higiene, onde a pobreza e a sujeira se confundiam, tornando esta massa de trabalhadores suscetíveis a todo o tipo de privações e doenças infecto-contagiosas, como demonstra o relatório do médico-sanitarista Boa Nova Junior¹⁵ sobre os surtos de Tifo:

Doença endêmica das mais temíveis na época [...] pelo grande número de óbitos que causava [...], a febre tifoide é conhecida na região carbonífera sul-catarinense desde longa data. Durante, as quatro estações do ano ocorriam casos de tifo em Criciúma, mas o recrudescimento da endemia coincidia quase sempre com a entrada do verão, ou seja, a época em que as chuvas, mais frequentes, determinavam, ao se escoarem para os cursos d'água, a poluição destes, ao arrastarem para eles dejeções expostas de portadores de bacilos, e ainda pelo fato, comum à região, de se situarem poços d'água utilizada para alimentação nas proximidades de fossas de dejeções, de construção precária.¹⁶

Como é possível perceber, os surtos de doenças eram constantes em Criciúma, e para as elites locais, as vilas operárias eram verdadeiros focos disseminadores deste tipo de endemia. Por isso, como foi o caso da Vila Operária Próspera, elas deveriam ser alvo de estudos aprofundados a fim de normatizar e moralizar as práticas cotidianas de seus habitantes, já que este local de habitação deveria ser um lugar saudável e propenso ao trabalho.

Para isso tornar-se realidade, foi preciso “a imposição do modelo imaginário de família criado pela sociedade burguesa”,¹⁷ ou seja, uma família nuclear, hierárquica e com papéis definidos. Para tanto, foi necessário oferecer aos operários uma casa maior e mais aconchegante,

¹⁵ Médico-sanitarista, que veio a Criciúma a pedido da CEPCAM analisar a situação dos mineiros.

¹⁶ BOA NOVA JUNIOR. Francisco de Paula. Op. Cit. p.14.

¹⁷ RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 61.

objeto este, que instituiria o gosto pela intimidade doméstica. Na Vila Operária Próspera isso ocorreu a partir da década de 1950, onde aos poucos algumas casas de madeira foram sendo substituídas por casas de alvenaria ou por casas de madeira maiores com três ou quatro cômodos.

Apesar de morarem em casas maiores, onde as crianças pudessem dormir separadas dos adultos, e os meninos das meninas, os hábitos na Vila Operária não se modificaram completamente, era ainda preciso inculcar nos moradores novos hábitos e valores, no intuito de remodelar os comportamentos sociais de modo que se adequassem às normas de higiene, saúde e bons costumes.

Para que este projeto de normalização da Vila Operária Próspera fosse concretizado, tornava-se necessário a intervenção direta na vida pessoal do trabalhador, ou seja, em sua família. Desta forma, para a realização de tal tarefa, foram convidadas as Freiras da Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência que há algum vinham trabalhando com as populações operárias, “a Congregação teve este convite para trabalhar aqui no sul, através do Sesi.¹⁸ Queriam irmãs para trabalhar com os operários do carvão”.¹⁹ Neste sentido, nada melhor para justificar esta interferência na vida dos moradores, que o sagrado manto de Cristo, assim, com o apoio financeiro do Sesi, que lhes dava todo tipo de assistência, as freiras passaram a residir na Vila Operária Próspera, em uma casa fornecida pela própria mineradora.

A incumbência das Irmãs na vila operária era educar e disciplinar as famílias segundo os preceitos morais e de higiene vigentes naquela época. Por meio das religiosas, a empresa mineradora iniciou o processo de normalização e disciplinarização das famílias. Autorizadas pelo

¹⁸ Serviço Social da Indústria.

¹⁹ CLÁUDIA FREITAS: Depoimento [1996]. Entrevistadora Marli de Oliveira Costa. Criciúma: Acervo Memória e Cultura do Carvão

discurso religioso, elas intervinham rotineiramente na vida dos habitantes da vila implementando hábitos considerados saudáveis e higiênicos. Por considerarem a maneira mais eficaz para alcançar seus objetivos as Pequenas Irmãs da Divinas Providência passaram a fazer um trabalho rotineiro com as mulheres e, organizaram uma série de cursos populares voltados exclusivamente para elas, o que demonstravam a tentativa da (fabricação) de uma nova mulher e dona-de-casa, com interesses voltados para o bem-estar da família e a limpeza do lar.

Os cursos oferecidos pelas religiosas e patrocinados pelo Sesi como, arte culinária, serviço prático de costura, enfermagem caseira, permitiam o contato direto com as mulheres e, conseqüentemente, com a família. Nestes encontros com finalidade de ensinar “novos hábitos” e usos, era ainda possível conhecer o cotidiano de cada uma e, assim, elaborar os procedimentos exclusivos capazes de instituírem hábitos “civilizados” na Vila Operária Próspera.

Em um local onde as dificuldades sócio-econômicas eram gritantes – mesmo com a vigência de imperativos morais que impedissem as mulheres de trabalhar fora de casa – estas podiam realizar pequenos serviços que lhes rendessem alguns trocados como lavar roupa e costurar, desde que não descuidassem de sua casa. Mesmo podendo circular pelas adjacências vila e até prestar alguns serviços, ser esposa e mãe era considerado o “caminho mais natural” para as mulheres durante os anos de 1950, “na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento, e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina”.²⁰ Voltando sua atenção para o lar, a mulher seria menos contestadora e peça fundamental da união familiar, como afirmou Rago:

Certamente, a construção de um modelo de mulher simbolizado pela mãe devotada e inteira sacrifício, implicou

²⁰ BASSNEZI, Carla. **Mulheres dos anos dourados**. IN: PRIORI, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 1997. p 609.

sua completa desvalorização profissional, política e intelectual. Esta desvalorização é imensa porque parte do pressuposto de que a mulher em si não é nada, de que deve esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido.²¹

Outro foco de atuação das Irmãs foi à tentativa de evitar as “fugas”,²² e fazer que os enlaces matrimoniais ocorressem segundo as premissas vaticanas em torno do matrimônio – um sacramento estabelecido pela igreja e considerado por ela inviolável. Por meio de aconselhamentos, as Irmãs tentaram modificar este hábito. Alegando a falta de dinheiro para realizar a cerimônia e a festa, às famílias as “isentavam-se” da “culpa” por seus rebentos terem fugido. A partir desta constatação, as Irmãs, para agir no sentido de coibir esta prática, passaram a organizar e arrecadar o dinheiro para a cerimônia. Mas com o passar do tempo percebeu-se que esta prática continuava ocorrente e que, mesmo se tentassem coibi-la, ela sempre tornava a ocorrer, demonstrando que certas práticas cotidianas são persistentes e só se modificam a partir do momento que fizerem algum sentido à sociedade praticante. Mesmo assim, outras atividades continuaram a serem empreendidas pelas religiosas a fim de alcançar seus objetivos.

O curso popular de arte culinária, parece-me essencialmente voltado para as mulheres casadas, “donas-de-casa”, pois a alimentação era uma preocupação constante das autoridades com relação aos mineiros, como é possível perceber no relatório do médico sanitário Boa Nova Junior que dedica um capítulo inteiro a este assunto:

A fome apresenta-se na região carbonífera do sul catarinense, como aliás nos demais meios operários, sob o duplo aspecto de *alimentação insuficiente e má alimentação*. Algumas vezes são as dificuldades da vida (salários baixos e preços exorbitantes) que obrigam o operário e à sua famí-

lia à alimentação parca, insuficiente; outras vezes, porém, o mal consiste em que o operário podendo bem alimentar-se, come maior quantidade mas com pouco proveito, porque come o que não deve e não come o que necessita.²³

Mais uma vez coube à mulher da vila operária a atribuição de melhorar a alimentação de sua família, pois o seu papel, como relata Margareth Rago, era de *esposa-dona-de-casa-mãe-de-família*²⁴ e, na intimidade de seu lar, deveria dedicar-se exclusivamente ao marido e filhos. Percebendo a má qualidade da alimentação e o mau aproveitamento dos mesmos, as Irmãs decidiram lecionar um curso de arte culinária:

É conhecido de todos à base de alimentação da grande maioria dos habitantes da Próspera, pirão de água, ou melhor, farinha de mandioca e água misturados na hora de servir com peixe cozido. Este prato que constitui o alimento dos pobres operários que trabalham nos serviços tão exaustivos e duro sabemos que a pobreza não justifica isso e sim descuido.²⁵

A Irmã Cláudia relata como as religiosas tiveram a ideia do curso: “a gente foi vendo que elas jogavam muita coisa fora, não faziam aproveitamento de alimentos então tivemos a ideia de dar um curso de arte culinária”.²⁶ Uma boa performance na cozinha – além de reforçar o mito de *rainha do lar* – para os mineradores, era a garantia do bom desempenho do mineiro em seu trabalho cotidiano, e para as mulheres dos anos de 1950, era a segurança da manutenção do casamento. “O bom desempenho nas tarefas domésticas, especialmente cozinhar bem era visto como garantia

²¹ MARGARETH, Rago. Op. Cit. p. 65.

²² Casamento instituído sem a aprovação formal da Igreja e sem registro civil.

²³ BOA NOVA JUNIOR. Francisco de Paula. Op. Cit. p. 101.

²⁴ Termo utilizado por Margareth Rago. Op Cit. p. 62.

²⁵ Álbum/Relatório das atividades desenvolvidas pelas Pequenas Irmãs da Divina providência. Op. Cit.

²⁶ CLÁUDIA FREITAS: Depoimento [1996]. Entrevistadora Marli de Oliveira Costa. Criciúma: Acervo Memória e Cultura do Carvão.

de conquista do esposo e manutenção do casamento”.²⁷ E o objetivo de agradar o marido “conquistando-o pelo estômago” foi alcançado; segundo registros encontrados no álbum/relatório sobre o curso de arte culinária é possível encontrar a seguinte frase: “já recebemos agradecimentos de alguns maridos por intermédio de suas senhoras”.²⁸



Figura 01: Curso de arte culinária – Criciúma/SC (década de 1950).

Fonte: Álbum/Relatório das atividades das pequenas Irmãs da Divina Providência. (1955-1957) – SESI – Criciúma/SC. **Acervo:** Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação – GRUPEHME

Nestes cursos, as Pequenas Irmãs da Divina Providência ensinavam as mulheres a não desperdiçarem alimentos e a variar os quitutes domésticos na medida do orçamento familiar mineiro. O respeito conquistado pelas religiosas ao longo do trabalho junto a algumas destas

mulheres foi se mostrando cada vez mais eficaz, mesmo preparando alimentos cotidianamente muitas delas questionavam suas próprias práticas cotidianas, como é possível perceber na fala da Irmã Cláudia Freitas: “Era muito engraçado as mulheres que faziam o curso, porque elas acreditavam tanto na gente, que mesmo eu dando as minhas gafes elas confiavam, e todo mundo que vinha estava acostumada a cozinhar todo dia, então, sabiam muito mais que eu”.²⁹

Com esta confiança adquirida pelas Irmãs foi possível, aos poucos, instituir novos hábitos higiênicos e moralizantes, como o “descongestionamento dos corpos”, onde marido e mulher deveriam ter um cômodo separado das crianças em sua casa, desta forma não permitindo as mesmas que participassem da intimidade do casal, pois “certos assuntos” deveriam ficar distantes do mundo infantil. A participação das Irmãs no processo transferência dos casais para habitações maiores foi de certa forma relevante, pois elas constantemente iam ao escritório da carbonífera reivindicar moradias maiores para os habitantes. Nas visitas domiciliares, as religiosas dividiam-se em duplas: a primeira entrava e conversava com o casal dando aconselhamentos, enquanto a segunda ficava do lado de fora e brincava com as crianças.

²⁷ BASSNEZI, Carla. Op. Cit. p. 627.

²⁸ Álbum/Relatório das atividades desenvolvidas pelas Irmãs da Divina providência. Op. Cit.

²⁹ CLÁUDIA FREITAS: Depoimento [1996]. Entrevistadora Marli de Oliveira Costa. Criciúma: Acervo Memória e Cultura do Carvão.



Figura 02: Visita domiciliar – Criciúma/SC (década de 1950).

Fonte: Álbum/Relatório das atividades das pequenas Irmãs da Divina Providência. (1955-1957) – SESI – Criciúma/SC. **Acervo:** Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação – GRUPEHME.

Outra atividade desenvolvida pelas Irmãs era o serviço prático de costura também voltado para as “senhoras”, pois uma boa dona-de-casa também deveria saber costurar e cerzir as roupas, seja a do marido ou a dos filhos/as, como é possível perceber no programa por elas proposto, “cerzir e remendar camisa para homem, calça para homem, roupinha de criança, vestidos e bordados”.³⁰

A dedicação de algumas horas por dia para a confecção de roupas destinadas a casa era vista com bons olhos, pois além de representar economia financeira, seria uma fonte de renda legítima por ser conseguida em casa. A costura não só vestia a família como, sabendo cerzir, a mulher cuidaria do bom estado de todas as roupas utilizadas no cotidiano doméstico tais como: lençóis, panos de prato e toalhas, evitando novas despesas no já apertado orçamento do mineiro.

³⁰ Álbum/Relatório das atividades desenvolvidas pelas Irmãs da Divina providência. Op. Cit.



Figura 03: Serviço prático de costura – Criciúma/SC (década de 1950).

Fonte: Álbum/Relatório das atividades das pequenas Irmãs da Divina Providência. (1955-1957) – SESI – Criciúma/SC. **Acervo:** Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação – GRUPEHME

Através desta análise preliminar, é possível perceber a dedicação exclusiva que a mulher deveria direcionar a seu marido e filhos. A sua realização pessoal estava em último plano, a sua felicidade viria em decorrência do marido e dos filhos felizes, ou seja, anulação total dela como indivíduo com projetos e objetivos pessoais. Este era o discurso da época, quanto mais passiva, obediente e encerrada em seu papel de esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, menos perigo ela representaria para esta sociedade, que imbuída em conceitos judaico-cristãos, definia como lugar natural da mulher maternidade, o cuidado com os filhos e o marido. Dela dependia toda a harmonia familiar. Ou seja:

A boa esposa – principal responsável pela paz doméstica e a harmonia conjugal – além de não discutir, não se queixa, não exige atenção. Não aborrece o marido com manias de limpeza e arrumação, futilidades, caprichos, insegurança ou necessidade de romantismo fora da hora – *atitudes típicas das mulheres*.³¹

Era este o modelo de mulher que se tentou construir na Vila Operária Próspera com a ajuda das Pequenas Irmãs da Divina Providência, uma mulher reflexo direto da sociedade burguesa cheia de normas e valores peça fundamental no plano de moralização e normatização das famílias mineiras. Disseminadora dos novos valores edificados por uma sociedade repleta de preconceitos, a mulher foi exposta a uma série de discursos que tentaram anular feminilidade em detrimento de uma família feliz, que embebida em valores burgueses não permitia emancipação feminina. Mas nem todas as mulheres da vila operária reagiram da mesma forma, muitas foram contrárias aos ensinamentos das religiosas, cultivando hábitos e valores que sempre estiveram presentes em seu cotidiano, mostrando que nem toda interferência externa era aceita com passividade.

A redefinição dos papéis familiares, centrados sobre a figura da mulher, foi a pedra fundamental no processo civilizador empreendido pelas Irmãs na Vila Operária Próspera. Ao dito mundo feminino coube o papel de dona-de-casa, disseminadora de hábitos higiênicos e civilizados, a ela não competia às ruas e o mundo do trabalho. Encerrada no interior de seu lar, dela esperava-se uma casa limpa em ordem, e que aguardasse ansiosamente pelo marido que viria de mais um dia estafante de trabalho, sempre com a comida pronta e os olhos “brilhando de felicidade” ao revê-lo! Peça mestra deste processo normatizador a mulher deveria instituir o desejo pela intimidade doméstica, recolhendo seus familiares do agitado mundo das ruas. Enfim, em torno da classe trabalhadora instituiu-se uma

série de discursos normalizadores que tentaram transformar indivíduos considerados “débeis” e “miseráveis” em mão-de-obra produtiva e obediente, de acordo com as exigências capitalistas.

REFERÊNCIAS

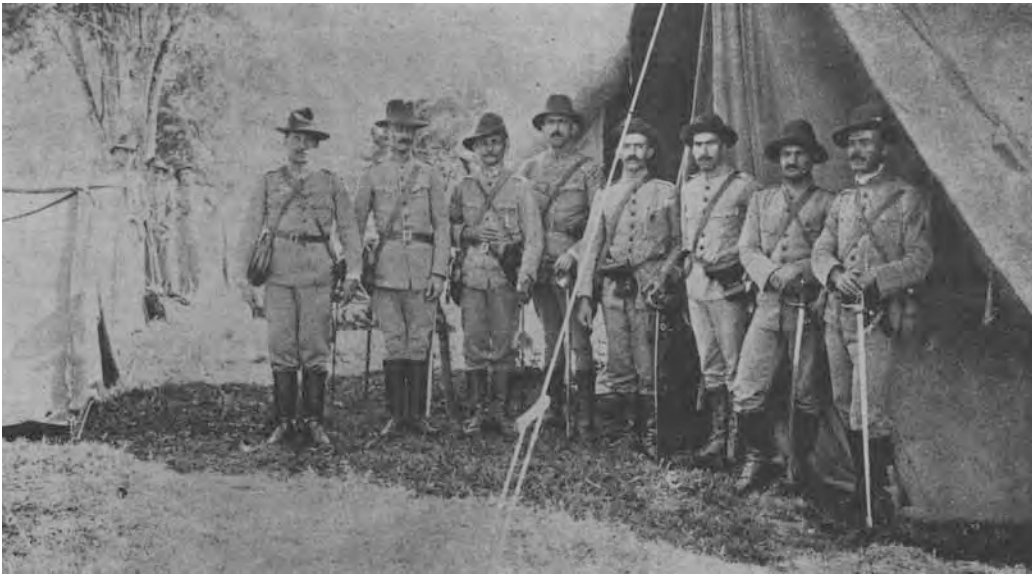
- Álbum/Relatório das atividades desenvolvidas pelas Pequenas Irmãs da Divina providência /1959-1957. Vila Operária Próspera – Criciúma/SC.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. Chorar, verbo transitivo. IN: **Cadernos Pagu** (4), Campinas/Unicamp, 1998. p. 321 – 343.
- BASSNEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. IN: PRIORI, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 1997
- BERNARDO, Roseli; COSTA, Marli de Oliveira; OSTETTO, Lucy Cristina. A casa e a Vila: A família operária e moradia na região carbonífera, 1913-1930. In: FILHO, Alcides Goulart. **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.
- BOA NOVA JUNIOR. Francisco de Paula. Problemas Médicos sociais da indústria Carbonífera Sul Catarinense. DNPM – Boletim n. 95.
- COSTA, Marli de Oliveira. **“Artes de viver”**: recriando e reinventando espaços – memórias das famílias de vila operária mineira Próspera/Criciúma (1945-1961). Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 1999.
- FLORES, Maria Bernadete Ramos. Entre a casa e a rua... memória das festas açorianas no sul do Brasil. IN: **Cadernos Pagu** (4), Campinas/Unicamp, 1995. p. 117 – 142.
- RAGO, Margareth. **Do Cabaré a o Lar**: A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- SEGALEN, Martine. A revolução industrial: do proletário ao burguês. In: ARAÚJO, Carlos. **História da Família**. Volume IV. Lisboa: Terramar, 1999
- SPINK, Mary Jane Paris. A medicina e o poder de legitimação das construções sociais de igualdade e diferença: uma reflexão sobre cidadania e gênero. IN: SPINK, Mary Jane Paris. **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 93 – 103.

³¹ BASSNEZI, Carla. Op. Cit. p. 630.

AS TROPAS MILITARES DA GUERRA DO CONTESTADO EM PASSAGEM NO VALE DO ITAJAÍ: DESCRIÇÃO DA PAISAGEM E DO MODO DE VIDA REGIONAL

Nilson Cesar Fraga*

Fernando Anísio de Oliveira Simas**



AS TROPAS MILITARES DA GUERRA DO CONTESTADO EM PASSAGEM NO VALE DO ITAJAÍ: DESCRIÇÃO DA PAISAGEM E DO MODO DE VIDA REGIONAL

RESUMO

O trabalho aqui apresentado propõe analisar a leitura territorial feita por militares que passaram pelo Vale do Itajaí durante o período da Guerra do Contestado, entre 1912 e 1916. Os costumes dos habitantes, o estilo arquitetônico das construções, a infraestrutura regional são cuidadosamente descritos, inclusive com inspirações euclidianas, e que levam a uma visitação por um território catarinense que teve uma participação secundária nesta guerra, mas que iniciava um processo de miscigenação de sua população. A guerra produz muitas consequências no desenvolvimento regional. O Médio Vale nunca participou de guerras como seus colonizadores alemães e compatriotas brasileiros, porém a leitura de uma cidade em época de guerra expõe a população a uma nova dinâmica e, de certa forma, ao medo de que a guerra chegue ao Vale.

Os relatos feitos pelo 1º Tenente do Exército Brasileiro, Herculano Teixeira d'Assumpção, nos guiará num desvendar da paisagem e do mundo vivido pelos cidadãos do Vale do Itajaí durante o período da Guerra do Contestado, entre 1912 e 1916. Publicado em maio de 1917,

* Geógrafo, Doutor em Meio Ambiente pela UFPR, Professor no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná – UFPR e do Programa de Mestrado em Organizações e Desenvolvimento - FAE. nilsoncesarfraga@hotmail.com

** Arquiteto e Urbanista pela UFPR, mestrando Programa de Mestrado em Organizações e Desenvolvimento - FAE. fsimas@me.com

pela imprensa oficial do Estado de Minas Gerais, cujo prefácio, por ele mesmo feito, deixa claro que, “*como observador directo dessa luta gigantesca, na qual, - como secretário do 58 Batalhão de Caçadores e depois assistente da columna do sul, desde a sua organização, - tomei parte do começo ao fim, estou em condições de prestar o meu depoimento de testemunha leal e insuspeita.* (d’ASSUMPCÃO, 1917, p. II)”.

Percorrendo uma ampla porção desta região catarinense, indo da cidade/porto de Itajaí, passando por Blumenau, Rio do Sul até alcançar a Serra Acima, entre Pouso Redondo e Curitibanos, lembrando que, excetuando a última cidade mencionada, as demais, deste longo caminho, faziam parte do enorme município de Blumenau à época, conforme se verifica na figura 1.

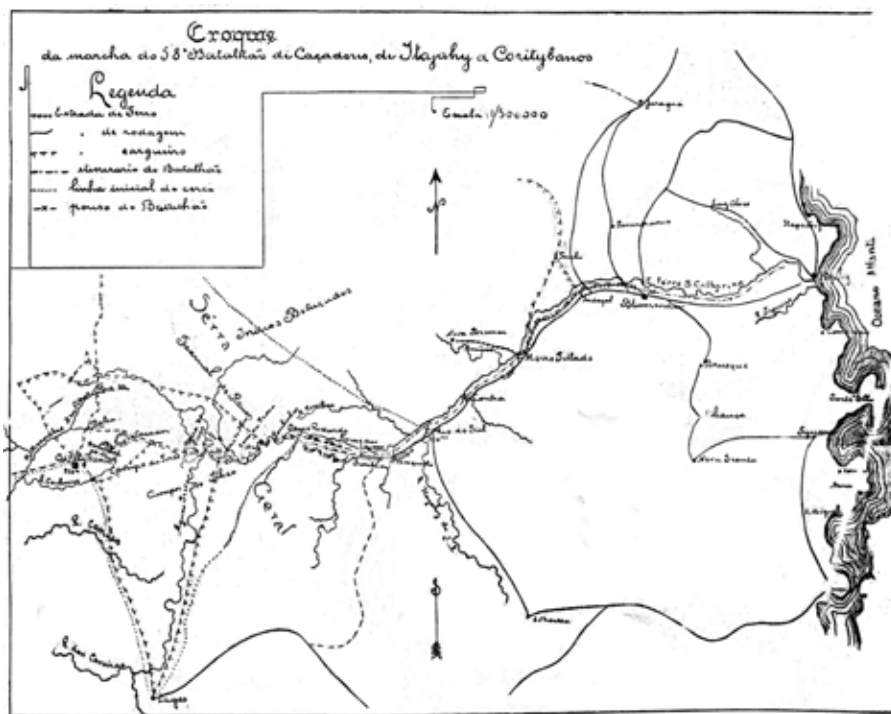


Figura 1: Croqui do percurso percorrido pelo 58º Batalhão de Caçadores.
Fonte: d'ASSUMPÇÃO, 1917, 156.

Quando se reflete a noção de homem e espaço, aqui acrescida à questão temporal, tem-se em mente que tais concepções são modelos europeus e o ideal civilizatório deles herdados é bastante dualista, pois traz no bojo a ideia de civilização, aquela que habita o litoral e que o sertão brasileiro é dominado pela barbárie – tal concepção paradigmática encontra-se, também, em Euclides da Cunha, em *Os Sertões*. Essa influência que toma de expectativa a elite intelectual daquela época pode ser verificada na obra que se trabalha aqui, pois a forma narrativa de d'Assumpção sobre a marcha da Coluna Sul se assemelha às narrativas euclidianas.

Os autores deste trabalho não são os primeiros a levantar tais indagações, alguns pesquisadores já narraram o conflito do Contestado sob uma perspectiva euclidiana, como aponta Dalfré (2007). Por meio desta forma narrativa se pode verificar as características do modo de vida dos moradores do interior do Brasil, assim como seus valores, crenças e sua própria identidade, sendo que muitas vezes tais características são apresentadas de forma exótica.

Na obra se d'Assumpção encontram-se suas opiniões e reflexões pessoais sobre a cultura e os costumes dos habitantes de Santa Catarina, mas neste texto se busca trazer os que se referem ao Vale do Itajaí. Se faz importante mencionar que d'Assumpção não foi imparcial como bem disse no prefácio da sua obra, pois no decorrer dos relatos ele deixa bem clara a sua formação e as suas opiniões. Tanto que, no transcorrer da obra ele deixa claro que o dito *fanatismo* é fruto da falta de uma educação letrada entre os caboclos e ao mesmo tempo demonstra o quanto é civilizada a cultura ereta dos colonizadores germânicos no Vale do Itajaí. Em resumo, sua visão aponta para um litoral civilizado e um planalto inculto, deixando transparecer sua forma euclidiana de análise dos fatos. Mas é bastante contraditório, pois os moradores do litoral, seja no Vale do Itajaí ou noutra porção do Brasil, também não tinham acesso à educação formal, esta estava disponível apenas a uma pequena elite naquele momento histórico.

O que d'Assumpção conseguiu fazer com maestria foi uma verdadeira antropologia dos sertões, quando demonstrou o modo de vida, a forma de se vestir e de conversar do habitante do interior por ele percorrido, um verdadeira geografia regional descritiva, típica do seu tempo e distante de qualquer neutralidade, pois classifica o outro e isso é fruto da sua formação militar.

A Campanha do Contestado (As Operações da Columna do Sul), dividida em dois volumes, se constitui num trabalho muito rico em detalhes, trazendo no seu bojo, detalhes de operações de guerra, natureza do seu teatro e seus ensinamentos, retrospectos de expedições anteriores, síntese das operações da coluna Norte, Leste e Oeste, costumes e hábitos sertanejos, fanatismo e banditismo, fatos e episódios, recursos militares das zonas colonial e serrana. Vem ainda, ricamente ilustrado com fotos e croquis, em síntese, um primoroso documento produzido no início do século XX, quando os recursos tecnológicos ainda eram escassos no Brasil.

A Guerra do Contestado foi definidora dos territórios atuais de Santa Catarina e Paraná, além de constituir aqueles denominados como “região do Contestado catarinense e sul-paranaense”, onde, conforme Galeano (1986), verificou-se uma das maiores guerras civis do continente americano, pois o genocídio de milhares de camponeses pobres foi sua principal marca. Evidente que esta é uma leitura atual sobre o conflito, pois nos relatos de Assumpção (1917), assim como de outros militares que estiveram no Contestado, os milhares de camponeses/caboclos eram tratados e tidos como incautos, fanáticos, horda de bandidos dentre outros adjetivos que os desqualificavam como cidadãos (FRAGA, 2009).

A Guerra do Contestado é um episódio complexo, pois é alimentada por vários fatores que se entrelaçam, sejam de ordem social, política, econômica, cultural, sejam de ordem religiosa. A questão fronteiriça extrapola os interesses de Santa Catarina e do Paraná, é bem mais antiga

iniciada a partir de 1680, quando os portugueses fundaram a colônia do Sacramento, na margem esquerda do rio da Prata, quando tiveram início os conflitos mais sérios entre Portugal e Espanha sobre a posse de terras localizadas na região Sul do Brasil. Estas questões de limites serão, depois de definidas entre Espanha e Portugal, depois entre Brasil e Argentina, e por fim herdadas por Santa Catarina e São Paulo, e a partir de 1853, entre Santa Catarina e Paraná, sendo resolvidas apenas em 1916, com um acordo de limites (FRAGA, 2010).

A Guerra contra os caboclos do Contestado será *encerrada* em 1915, com fortes expedições envolvendo quatro colunas militares, partindo dos quatro pontos cardeais, a saber, as colunas Norte, Leste, Oeste e Sul, está última com passagem pelo Vale do Itajaí, que tomamos como base, para analisar o olhar sobre a sociedade blumenauense da época, assim como doutras pequenas comunidades que viriam, anos depois, a se transformar em importantes municípios desta região catarinense. A questão de limites entre os Estados de Santa Catarina e o Paraná será encerrada em 1916, por um acordo entre seus governadores e o Presidente da República Wenceslau Braz. E a Guerra contra os caboclos se estenderá até 1917, com a limpeza da região para a colonização europeia. Tal limpeza da região significou o extermínio de milhares de sertanejos sobreviventes dos anos de guerra civil, que deram espaço a uma colonização oficial branca na região.

A coluna Sul, já estava de prontidão para embarcar para Santa Catarina na noite de 27 de setembro de 1914, mas a missão de guerra embarcou a bordo do paquete *Satellite* apenas no dia 3 de outubro, sob o comando do tenente-coronel Francisco d'Estillac Leal.

Já o dia 5 ia em meio, quando, inesperadamente, esse afflictivo mal estar geral melhorou; o navio já não jogava, a sua marcha era serena. E foi com um suspiro de alívio que a tropa recebeu a boa nova de que o paquete estava navegando em água doce. Elle, então, calmamente, evitando

os syrtes, transpunha a estreita entrada da barra do rio Itajahy-assú. A's 16 hs. e 20 ms., finalmente, chegávamos ao desejado porto de Itajay (d'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 23).

Os relatos demonstram as condições do tempo quando da viagem da tropa entre o Rio de Janeiro e Itajaí, o tempo “ruim” se manterá durante alguns dias, enquanto estes dão continuidade à viagem, entre Itajaí e Blumenau.

D'Assumpção (1917, p. 20), quando inicia seus relatos de abertura sobre a expedição, menciona que havia um desconhecimento na região do baixo Vale do Itajaí sobre o que a tropa iria encontrar na sua incursão por aquelas terras. A população de Itajaí não dispunha de nenhuma informação militar de utilidade, ignorando, inclusive, o trecho percorrido pela Estrada de Ferro Santa Catarina, inclusive não sabia onde de dava o ponto final de tal ferrovia que percorria a região.

Na leitura de d'Assumpção (1917, p. 24),

Itajahy é uma cidade construída á margem direita do rio Itajay-assú, em uma baixa planície arenosa. De bordo, avistámos, numa praça fronteira ao porto, a vestuta igreja do S. S. Sacramento, que é o orago da cidade. A tropa, desde a chegada do navio ao porto, recebia do povo itajayense as maiores provas de sympathia. A bordo, por esse motivo, havia um desejo geral de que se effectuasse publicamente uma demonstração de reconhecimento á população da galante cidade do sul.

No dia seguinte à chegada a Itajaí, o batalhão, em formatura, faz um desfile militar pelas ruas da cidade, algo muito imponente naquela e para aquela época.

O objetivo da missão era proteger a freguesia de Rio do Sul, pois esta estava próxima dos contrafortes da Serra Geral, região que vivia sobre a ameaça de incursão dos caboclos da Serra Acima, ou seja, do Planalto

Catarinense, ou ainda, da região do Contestado. O itinerário de viagem da tropa era Itajaí, Blumenau, Apiúna¹, Lontras e Rio do Sul.

O primeiro trecho da viagem aconteceu entre Itajaí e Blumenau, numa viagem rio acima para vencer a distância de 60 km. Desta forma d'Assumpção (1917, p. 27-30) relata suas primeiras impressões sobre a Geografia Física regional:

O rio Itajahy-assú tem um curso superior a 240 kms. e despeja suas aguas no Oceano Atlantico. (...) O rio é navegável, numa extensão de 90 kms., até Itoupava Secca, estação da E. F. Santa Catharina. Dahi em diante ha uma serie de itoupavas² produzindo tão fortes choques que dificultam a navegação (...) A uma distancia superior a 36 kms., as marés oceanicas influem sobre o grande rio.

A viagem do primeiro trecho da viagem acontece por meio dos vapores *Blumenau* e *Santa Catharina* para os oficiais e quatro lanchas para os praças. Enquanto o material pesado foi levado de chatas, até Itoupava Seca e dali iriam de trem. Os animais foram por terra, pela estrada que ligava Itajaí-Brusque-Blumenau.

Ao escurecer, as nuvens pedrentas do céu augmentavam; as nevoas sombrias, entenebrecendo o ar, já não deixavam ver a merencória luz da noctilua dos poetas. E a chuva ameaçadora começava, ás 20 horas, a dar as primeiras demonstrações do que em toda a noite e em successivos dias. (d'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 32-33)

A comitiva militar chegou ao porto de Blumenau na madrugada do dia 7 de outubro de 1914, sob forte chuva, fazendo com que o barraco de atracação dos navios estivesse encharcado e intransitável devido à lama escorregadia. Mesmo tarde e sob a ininterrupta chuva, segundo os relatos

¹ Apiúna aparece com o nome de Morro Pelado nos relatos do militar, pois era apenas uma pequena localidade no caminho.

² Pedras que dificultam a passagem das águas no leito do rio, gerando pequenas corredeiras.

d'Assumpção (1917, p. 34) não impediram o comparecimento de muitas famílias alemãs e do próprio superintendente do município, Alvim Schrader, que saudaram *a tropa que ia em defesa da rica zona colonial*. Neste ponto dos seus relatos euclidianos, d'Assumpção deixam transparecer a dimensão e os reflexos da Guerra do Contestado sobre o estado de Santa Catarina, pois Blumenau se encontra a mais de 350 km de Timbó Grande, hoje uma pequena cidade do Planalto, que na época do envio da tropa era o centro das operações militares que colocariam fim ao caboclo.

Para alojar todo o efetivo que passava por Blumenau, os clubes e os cinemas foram transformados provisoriamente em dormitórios e refeitórios, isso para os praças, pois por ordem do governo municipal, os oficiais ficaram hospedados no Hotel Holetz³, cuja imponência pode ser verificada na figura 2.



Figura 2: Propaganda do Hotel Holetz, início do século XX. (Tradução: O mais famoso Hotel da praça. Quartos limpos e arejados. Cozinha de primeira classe. Quarto de amostra à disposição do viajante. Satisfatória garagem para automóveis. Localizado no centro da cidade.)

Fonte: Day, Adalberto, 2010.

³ O Prédio foi inaugurado em 01 de setembro de 1902, na esquina da atual Alameda Rio Branco (durante a monarquia "Kaiserstrasse"), com a Rua 15 de Novembro, no mesmo local em que se ergue, hoje, o Grande Hotel Blumenau. (DAY, 2010)

Blumenau é descrita por d'Assumpção (1917, p. 35) como:

uma cidade allemã encravada no Brasil: germanica é sua lingua, seus costumes e quasi a totalidade de sua população. O estylo moderno de sua construção agrada á vista do visitante, constituindo innegavel demonstração do progresso da graciosa cidade. (...) hoje estão augmentados com mais de 3.000 edificios e de 17.000 habitantes (...) O observador que percorrer a cidade não póde deixar de notar a majestosa egreja catholica, construída numa bella collina. Essa cidade tem bom clima e illuminação a luz electrica. O rio Garcia atravessa Blumenau, dividindo-a em duas partes. Alem desse rio, a cidade é banhada pelo ribeirão da Velha. O município, com uma população approximada de 59.000 habitantes, é regado por mais dez rios e alguns ribeirões. A industria e o commercio têm nella uma esplendida representação.

Nas dependências do Hotel Holetz foram feitos inquéritos relativos à questão da Guerra na Serra Acima, com emigrados dos combates em Curitibanos. Foram inquiridos o frei Redempto Kuhlmann e o advogado Cornélio Varella, gerando uma documentação de informações de guerra, que gerariam os relatos de d'Assumpção, em 1917. A tropa ficou poucas horas em Blumenau, pois ao meio-dia do dia 7 de outubro, rumaram para a estação de trem, em marcha pelas ruas sem calçamento e tomadas pela lama da chuva que continuava a cair ininterruptamente (d'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 36-37).

Pela E. F. Santa Catarina rumaram para Morro Pelado, não sem antes descrever outras impressões sobre os blumenauenses:

Antes da partida desses trens, porém, a previdancia allemã não descurára da situação dos nossos soldados, que por muitas horas não teriam alimentação: a cada um delles foi distribuido um pequeno farnel contendo carne e pão, para a segunda refeição do dia. O terreno marginal a estrada é todo habitado; as vivendas pittorescas dos allemães e teuto-brasileiros, pintadas, muito asseíadas, têm, em sua maioria, plantações em derredor. Os jardins, com que algumas se enfeitam, em plenos dias primaveris, se atufavam

de flores de delicado matiz (...) A primorosa educação de tal povo captivava nossa alma agradecida... (...) A chuva, numa persistência que tocava as raíais da impertinência, é que promettia crear embaraços á nossa marcha de Morro Pellado ao Rio do Sul.” (d’ASSUMPÇÃO, 1917, p. 37-38).

A descrição de uma Blumenau limpa e ajardinada em outubro de 1914, exatamente 3 anos após a grande enchente em que as águas do Rio Itajaí-açu atingiram 16,90 metros, conforme se verifica na figura 3, demonstra que a cidade já possuía uma grande capacidade de recuperar-se de grandes catástrofes. Esta enchente só foi menor que a de 1880 nos primórdios da colônia, mas era uma constante na vida dos moradores de Blumenau. Numa dada passagem, d’Assumpção (1917, p. 44) relata as chuvas em sua marcha, “a chuva, numa persistência que tocava as raíais da impertinência”, fato que provocava sentimentos mais angustiantes nos soldados, no aniversário da grande enchente.



Figura 3 – Centro da cidade de Blumenau tomado pela enchente de 1911.
Fonte: SANTIAGO, 2001.

A passagem por Blumenau da tropa do conflito que estremeceu as relações entre os Estado do Paraná e de Santa Catarina provocou a quebra da dinâmica de uma cidade pequena e descentralizada. Blumenau que se localiza afastada da costa brasileira não presenciara os danos de uma guerra como seus compatriotas e seus descendentes alemães. Mesmo assim, a guerra pode ser traduzida em medo para a população civil. A passagem da tropa gerou a angústia de um conflito estar próximo à cidade. Mas que relação Blumenau e as cidades do médio vale poderia ter com o contestado? Foi provavelmente este um bom motivo para colocar algumas cidades na rota destas tropas. Em 1914, a economia de Santa Catarina ficou estagnada, motivada pela guerra envolvendo a questão do Contestado. Porém observa-se que as exportações de artefatos têxteis mais que triplicaram seu volume neste ano, grande parte proveniente de Blumenau, observável na tabela 1, onde em negrito se encontram os dados dos anos correspondentes ao período da Guerra do Contestado.

Ano	Exportações de SC	Tecidos	% sobre o total
1894	4.955:126	-	-
1895	5.367:777	-	-
1896	6.598:370	7:730	0,12
1897	8.897:978	3:695	0,14
1898	10.000:000	:781	0,008
1899	10.224:107	:820	0,008
1900	7,255:000	5:200	0,07
1901	6.781:000	8:000	0,13
1902	7.281:000	-	-
1903	6.361:315	-	-
1904	7.233:000	-	-
1905	5.450:000	128:000	2,35
1906	7.794:141	-	-
1907	10.253:636	74:070	0,72
1908	10.354:328	592:850	5,73

1909	8.119:434	530.850	6,54
1910	6.891:977	-	-
1911	8.217:552	-	-
1912	8.124:715	150:713	1,85
1913	9.231:043	142:536	1,54
1914	8.969:267	640:972	7,15
1915	14.289:844	888.019	6,21
1916	15.180:991	1.239:106	8,16
1917	20.127:919	1.601:648	7,96
1918	25.876:000	3.553:606	13,73
1919	34.795:556	4.656:000	13,38
1920	37.799:245	3.358:000	8,88

Tabela 1: Evolução das exportações de tecidos catarinenses em Réis (1894 e 1920).

Fonte: LOUREIRO, Luiz Jr. (Dados sobre as Exportações do período de 1892 e 1920) Papellaria Americana, Rio de Janeiro 1922, in: ACIB, 200,1 p. 25.

Uma investigação sobre o expressivo desenvolvimento econômico de Blumenau não foi profundamente evidenciado nos relatos aqui trabalhados. Mas a participação das empresas blumenauenses, que exportavam camisas aos soldados alemães na 1ª Guerra Mundial, permite concluir que este mercado capitalista poderia fornecer outros fomentos para uma guerra não tão distante, no caso, a do Contestado.

A tropa chegou à estação de Aquidaban às 17h, algum tempo depois estava em Morro Pelado, 70 km distante da estação de Blumenau.

E sob a chuva que caía sem cessar, num terreno lamacento, teve a tropa de fazer o seu primeiro acampamento, na margem direita do rio Itajahy-assú, pois Morro Pella só tem tres construções: a casa comercial de um dos dois irmãos Odebrecht, o edificio da estação, muitissimo acanhado, e um velho paiol, que serviu de abrigo á officialidade. As outras habitações do lugarejo se alteam na margem opposta do rio e em pontos afastados da estação. (d'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 39).

A marcha de Morro Pelado para Rio do Sul iniciou no dia

9 de outubro. Neste dia a chuva ainda caía sobre toda a região, alagando os caminhos precários e dificultando a penetração da tropa vale adentro, dominado por declives acentuados e baixadas dominadas por banhados e lamaçais. O comboio era formado por seis viaturas de batalhão, seção de metralhadoras e 44 carroças coloniais contratadas em Rio do Sul. De Morro Pelado até Lontras a distancia é de 25 quilômetros, subindo a Serra Geral e esta seria a caminhada do primeiro dia, mas os terrenos e o caminho estavam dominados por ravinas abertas pelas chuvas daqueles dias (d'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 43).

Na medida em que a tropa avança montanha acima vai enfrentando a torrente de água que desce das encostas e a própria floresta densa. Quando da descida da serra abrupta para dar entrada nas terras mais planas onde se encontra Lontras, a tropa se depara com um habitante da região,

um cavalleiro de compleição robusta, de côr clara e com grande bigodes de pontas cahidas: era um bello typo gaúcho. Vestia calças pretas bombachas, tendo aos lados, sobre as costuras, botões brancos á phantasia; em volta do pescoço, num laço desataviado, com as pontas pandas enfundadas ao vento, trazia um grande lenço de seda preta; sobre a cabeça um chapéo de feltro, de abas largas, e, preso á cinta, um bello revólver Smith & Wessons, de alma longa; o seu calçado eram vistosas botas com cano em forma de folle de concertina, adornadas, na cinta superior, com grandes fivelas de metal prateado. (d'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 45).

O tal gaúcho descrito era irmão de um fazendeiro de Pouso Redondo, hoje município que limita o Vale do Itajaí, no litoral catarinense, com os campos da serra acima, no planalto catarinense. O gauchismo que chamou a atenção, e foi bem descrito por d'Assumpção, vem demonstrar que o envio daquela tropa tinha o objetivo de impedir a entrada dos combatentes caboclos no Vale mencionado e da mesma forma, permite verificar a influência sul-riograndense na região Planaltina, que se iniciou com o tropeirismo.

A tropa chega a Lontras depois de nove horas e meia de marcha, ainda sob forte chuva.

Lontras é um lugarejo de pequena importancia: tem algumas casas dispersas, sendo a principal a do allemão Schreder, a qual, além de hospedaria, é uma grande casa commercial. O logar é banhado pelo riacho Lontras, que também pertence a bacia do Itajahy (d'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 47).

Passada a noite em Lontras, a tropa rumo para Rio do Sul no final da manhã do dia 10 de outubro.

O barro dos caminhos esplendida materia prima para applicações industriaes, com grande proporção de alumina e silica, endurecia facilmente com a acção demorada dos escaudantes raios do sol. (...) As casas de madeira dos colonos, de construcções interessantes e muito limpas, ornadas de flores em profusão pelos jardins e pelas janellas, já appareciam a pequeno espaço uma das outras. (...) Em Bella Alliança, um alegre grupo de meninas vestidas de branco, com a candura propria da puerícia, dirigiu-se ao commandante e offereceu-lhe flores... E acolhimento identico tivemos em toda a região colonial, quasi que exclusivamente habitada por allemães e teuto-brasileiros. (d'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 48-50).

Conforme a descrição do autor trabalhado, Rio do Sul era uma pequena povoação, com menos de 60 casas, outras muito dispersas não constantes do montante calculado no lugarejo. Na parte central havia apenas um edifício de regular capacidade, de propriedade de um italiano chamado Largura, construído para ser um grande armazém.

Ainda segundo (d'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 54), a freguesia de Rio do Sul, de Bela Aliança as margens do rio Trombudo deveria ter uma população de 2.000 pessoas, sendo que destas, umas 800 seriam de homens válidos.

As outras casas todas particulares, e uma pequena capella para o culto religioso são de modestas dimensões. Tem tres casas commerciaes importantes: a do sr. Walter Baungartz,

a do sr. Odebrecht e a do sr. Guilherme Ern, a primeira tendo annexa o hotel de Oeste e a segunda a agencia do correio local. Essas casas commerciaes dispõem sempre de regular stock de cereaes e artigos diversos. (...) No Rio do Sul existem uma regular officina de selleiro por um habil artista italiano, uma ferraria, uma funilaria e duas padarias, sendo uma, a que pertence ao sr. Largura, tem capacidade para fornecer pães para 600 homens. Ha dois hoteis, ambos podendo alojar 40 homens. (...) Na freguezia do Rio do Sul, o serviço clinico é feito pelo pharmaceutico allemão Conrado Wagner, proprietario de uma modestissima pharmacia. (d'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 56-58),

Até 17 de novembro de 1914 a tropa ficou estacionada em Rio do Sul, controlando a entrada e saída de pessoas, montando postos avançados na região, revistando o material levado por tropeiros e outros viajantes entre o planalto e o litoral. Pouco antes de marchar para Curitiba, participaram de uma festa comemorativa do dia 15 de Novembro. Sobre ela, (d'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 101), destaca que além do seu caráter cívico, *seria um novo alento moral recebido num meio quasi inculto*.

Sob a sua forma euclidiana de descrever a geografia regional, d'Assumpção menciona que o Estado de Santa Catarina se encontrava naquela época em destaque para não entrar na penumbra.

O importante Estado do Sul, tem o bello nome da filha do Velho Monteiro, o iniciador de sua colonização, em 1650, é dotado de uma natureza exuberante, cheia de viço e de riqueza, tendo no seu solo uma população de 405.800 habitantes. A sua superficie, insular e continental, é de 74.156 ks.², sendo que, no caso de execução da sentença do Supremo Tribunal Federal, na malfadada questão do território contestado, no qual estão as cidades de Rio Negro, União da Victoria e Palmas, villas de Canoinhas, de Itayopolis e Clevelandia e muitos povoados, Ella ficará sendo de 154.000 ks.² (d'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 176).

Este trabalho não segue com a tropa a serra, onde o olhar e a leitura de d'Assumpção difere da dada ao vale, pois seu diagnóstico mostra um povo mais rude e rústico, a exemplo dos comentários feitos sobre o

“tipo gaúcho” encontrado na subida da serra. O meio quase inculto e o revólver representam este modo de vida serrano que tanto difere da vida da *perfeição* do médio vale que pode ser sentida nas descrições do tenente do Exército Brasileiro. Entretanto, já naquela época, existia um comércio entre o Alto Vale e a região serrana, o que também permitiu uma favorável troca cultural. Isso ocorreu não somente entre o interior de Santa Catarina, mas por migrantes de diversas regiões do país, o que hoje não garante mais o título de Blumenau como uma cidade Alemã no Brasil. Sua atual sociedade miscigenada, ou antropologicamente multicultural, salvo alguns vilarejos, a faz imagem de uma verdadeira cidade brasileira. Diferente da moderna Alemanha e diferente da antiga colônia, Blumenau guardará para sempre os elementos típicos de uma colonização alemã, mas que já se reproduzem em uma diferente realidade.

REFERÊNCIAS

ADALBERTO DAY (2010) <http://adalbertoday.blogspot.com/2008/12/tragdia-anunciada.html> - Acessado em 29/08/2010.

D'ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. **A Campanha do Contestado**. (As Operações da Columna Sul). Minas Gerais, IOEMG, 1917.

DALFRÉ, Liz André. **Narrativas da nacionalidade: o caso de Euclides da Cunha e do Contestado**. São Leopoldo/RS: Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2007.

FRAGA, Nilson Cesar (org.). **Contestado, o território silenciado**. Florianópolis: Ed. Insular, 2009.

FRAGA, Nilson Cesar. **Vale da Morte, o Contestado visto e sentido**. Entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná. Blumenau: Ed. Hemisfério Sul, 2010.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SANTIAGO, Nelson Marcelo. **Acib 100 anos construindo Blumenau**. Blumenau: Editora Expressão, 2001.



ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DE
BLUMENAU

ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DE BLUMENAU

Rolf Oscar Hoeltgebaum*

Para poder falar sobre a primeira Estação Rodoviária, precisamos voltar no tempo, poucos anos antes da sua inauguração. O Sr. Siegfried Hoeltgebaum e sua esposa Wanda Hoeltgebaum, que aqui moravam, resolveram embarcar rumo à Europa, abril/1952, para a sua viagem de núpcias (o casamento já ocorrera muitos anos antes). Durante o passeio, visitando diversas cidades, surgiu a idéia da construção de um local em Blumenau que tivesse espaço para os diversos tipos de transporte coletivo e ao mesmo tempo, um lugar para hospedar os viajantes e turistas. Retornaram em outubro daquele ano, com a idéia da construção de uma estação rodoviária.

No final de 1953 e início de 1954, o Sr. Siegfried conseguiu a licença junto à Prefeitura para a construção da tão desejada Estação Rodoviária. Um detalhe interessante, é que para conseguir a licença havia a necessidade de adquirir uma apólice, a qual recebeu nr.68, no valor de 200 mil réis, junto à Prefeitura. Na época esta seria uma forma de emprestar dinheiro para o município e o mesmo seria devolvido ao munícipe com juros de 8% ao ano. O município no entanto, nunca pagou esta apólice.

Com a licença na mão, começou-se a construção. Em janeiro de 1955, começa então a funcionar a Estação Rodoviária de Blumenau, esquina da Rua Sete de Setembro com Padre Jacobs. Os nove primeiros inquilinos fixos podem-se dizer, foram: Sr. Victor Fastrono – Restaurante; Empresa Auto Viação Catharinense SA; Expresso Rodoviário Brusquense;

Rápido Cometa; Maochi, Barg e Cia “Jaraguá”; Auto Viação Hasse “Rio do Sul”; Empresa Mário Schroeder “Indaial”; Expresso Presidente Getúlio; Empresa Timboense. Estas pessoas e empresas se instalaram então no local para oferecerem seus serviços a todos os blumenauenses, moradores de cidades vizinhas e turistas em geral.



Sr. Siegfried Hoeltgebaum. Proprietário da Estação Rodoviária de Blumenau.

Todos que vinham à Blumenau de ônibus ao precisarem de um transporte para qualquer cidade ou bairro da cidade vinham até a rodoviária. As empresas de transporte pagavam uma comissão para utilizar o espaço, os boxes; e tinham salas que eram utilizadas como depósito para as mercadorias, que vinham e iam por meio dos ônibus. Em março deste ano a Varig aluga uma pequena sala, e em Maio a Farmácia Catharinense se instala no prédio.

* Rolf Oscar Hoeltgebaum. Aluno do Curso de Ciências da Religião. rolf.oscar@terra.com.br

Finalmente, em julho daquele ano, o Hotel Rodoviário começa a funcionar. Como na época não havia funcionários disponíveis para trabalhar neste ramo, assim sendo o Sr. Siegfried resolve buscar seus sobrinhos, os irmãos Klemz, que moravam em Ibirama/SC, para trabalharem com ele na manutenção do Hotel.

Januário 1955

Víctor Gastano Miguel	3.000.00
Empresa Auto Viação Cath. 11. km.	7.441.90
Expresso Rodoviário Brusquense	3.581.00
Rápido Cometa	2.967.60
Maochi, Barg e Cia Ltda	4.030.00
Auto Viação Hasse	4.000.00
Empresa Mario Schroeder Ltd.	1.100.00
Expresso Presidente Getúlio	1.100.00
Empresa Timboense	1.620.00

Em setembro de 1955, o Sr. José Roedel instala sua barbearia (Roedel e Salvador Barbeiros). Em julho de 1956 passa para João da Silva. No seguinte ocorreram algumas mudanças: o calçamento da rua sete de setembro, o Sr. Adolf Karsten é contratado como zelador e também foi

contratado um guarda noturno. Os serviços de lavar e passar as roupas do Hotel ficaram a cargo da Sra. Lydia Becker.

Januário 1955

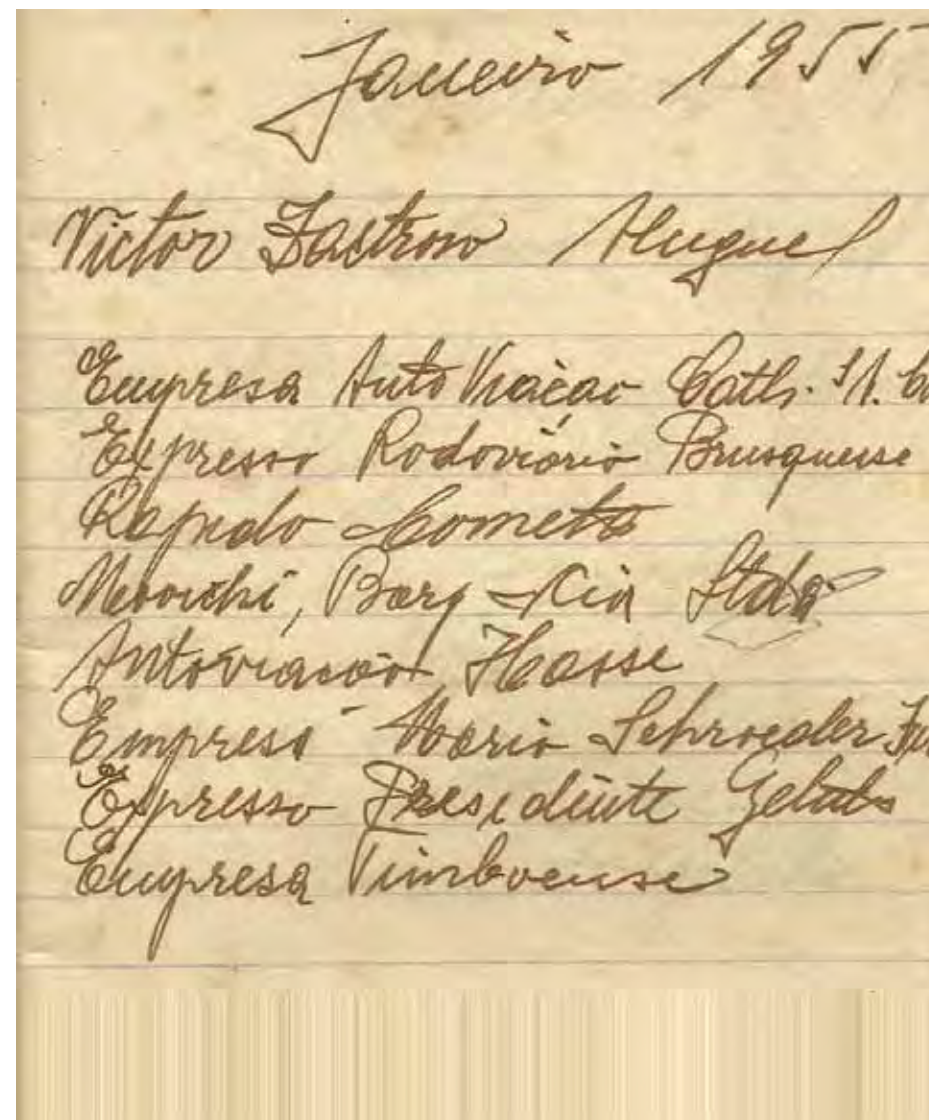
Víctor Gastano Miguel	3.000.00
Empresa Auto Viação Cath. 11. km.	7.441.90
Expresso Rodoviário Brusquense	3.581.00
Rápido Cometa	2.967.60
Maochi, Barg e Cia Ltda	4.030.00
Auto Viação Hasse	4.000.00
Empresa Mario Schroeder Ltd.	1.100.00
Expresso Presidente Getúlio	1.100.00
Empresa Timboense	1.620.00

No final de 1957, início de 1958, existiam ali 19 empresas utilizando o espaço para embarque e desembarque de passageiros. Segue a relação: Maochi, Barg e Cia “Jaraguá”; Auto Viação Hasse “Rio do Sul”; Emp. Auto Viação Catharinense AS; Empresa Rodoviária Brusquense AS; Rápido Cometa; Expresso Blumenau-Curitiba Ltda; Auto Rápido Blumenau-Florianópolis; Expresso Presidente Getúlio; Expresso Timboense (R. Doege); Helmuth Hasse – Benedito Novo; Emp. Mário Schroeder, Auto Viação Schmidt - Belchior; Coletivo Rodeense; Expresso Massarandubense; Auto Viação Rio do Testo; Expresso Itoupava; Emp. Martendahl – Luiz Alves;

Emp. Adolfo Lima – Itajaí; Emp. Emílio Fredemann. Em dezembro/1957, fazendo o balanço geral de rendimentos obtidos durante o ano, incluindo comissões, aluguel do restaurante, barbearia, hotel, o Sr. Siegfried obteve um lucro de \$ 1.032.140,00 cruzeiros.



Para demonstrar sua gratidão aos sobrinhos que o vinham ajudando, resolve pelos anos de 1959/1960, torná-los sócios, que passariam a ter com isto 49% das ações da empresa. Passa então a ter sócios na empresa, que juntos mais tarde, viriam ajudá-lo na construção do Hotel Glória, uma quadra abaixo da Estação Rodoviária.



Lista das empresas de ônibus e pagamentos efetuados.



HISTÓRIA DE VIDA: LUDMILA ISABEL SCHMIDT

HISTÓRIA DE VIDA: LUDMILA ISABEL SCHMIDT*

S.T.F.: Esta entrevista está sendo realizada na residência da Sra Ludmila Isabel Schmidt Eing. O objetivo da mesma consiste em registrar, com a sua autorização para futura publicação, aspectos de sua vida. O interesse deve-se ao seu envolvimento na área da educação e atividades comunitárias. Início perguntando quem é Ludmila Isabel Schmidt Eing?

L.I.S.E.: Bem, autorizo você fazer uso deste depoimento como forma de deixar registradas minha participação na educação e outras atividades que exerci ao longo da minha carreira. Eu nasci em 27 de fevereiro de 1932, no interior do município de Braço do Norte, numa localidade chamada São José. Sou filha de Turíbio Schmidt e Eugênia Wiggers Schmidt. Nós éramos em 12 irmãos. Destes doze, nove ainda vivem e três deles já faltam no âmbito de nossa família, bem como também meus pais já faleceram. Meu pai faleceu faz pouco tempo e nós tivemos a preocupação de cuidar dele até que ele faltasse. Tive uma infância muito feliz, muito mesmo. Imagina que com doze irmãos, claro que nós tínhamos que cuidar também dos menores, mas tínhamos uma vida de campo. Meu pai era o professor daquela localidade, minha mãe também. Meu pai fez o curso ginasial no internato do Colégio Santo Antônio, aqui em Blumenau, e minha mãe estudou no Colégio das Irmãs da Divina Providência, em Laguna, município do Sul do Estado. E nós éramos felizes. Tínhamos uma vida de

* Esta entrevista foi realizada em 26 de setembro de 1992, pela acadêmica Solange Terezinha Felippi, do Curso de História da FURB - aluna do 6º semestre na residência da Sra. Ludmila Isabel Schmidt Eing, localizada na Rua Joinville, 679 no Bairro Vila Nova, cidade de Blumenau - Santa Catarina. Os originais encontram-se no Centro de Memória Oral e Pesquisa -CEMOP - Departamento de História - FURB. A Entrevistada atualmente(2010) reside no Balneário de Camboriú.

campo, nada nos faltava e brincávamos muito, mas aprontávamos muito também. E meu pai com essa preocupação de não deixar os filhos sem estudo, começou a preocupar-se, sendo que ele foi nosso primeiro professor até no terceiro ano primário, pois havia somente ali o ensino até esse terceiro ano, numa escola isolada. Todos nós passamos pela mão do pai, com exceção da minha irmã mais nova. Quando ela foi para escola, já residíamos no município de Braço do Norte. As brigas existiam normalmente, como sempre, crianças... Eu participava muito das artes dos meus irmãos, fugia muito para tomar banho no rio, e tive uma infância saudável, muito saudável, e que sempre traz grandes saudades. Era uma época muito boa. Mas o tempo foi passando, meu pai foi se preocupando e foi tratando de dar o estudo aos filhos, e nós às vezes estávamos em cinco ou seis fora de casa, estudando. Minha irmã e eu estudamos no Colégio Normal São José de Tubarão. Nós levávamos quatro horas de viagem para chegar no Colégio. Não deixava de ser um pouco de desespero para nós, tínhamos que nos afastar da família, mas era necessário.

E os meus irmãos então, todos partiram para o seminário, mas na realidade só um é que ficou padre. Há passagens boas da vida da gente na adolescência, mas também tivemos passagens muito tristes. Enquanto estávamos no Colégio, perdemos a nossa irmã mais velha de 18 anos de idade, o que nos chocou muito, porque era ela que nos recebia junto com os pais em época de férias. Nós íamos para casa só uma vez por ano porque a distância era muita e não valia à pena passar o final de semana em casa, e até o próprio regime do Colégio não permitia.

Mas as coisas aconteceram desta forma e a gente aceitou. Nós tivemos os pais que nos deram uma educação muito sólida, muito segura mesmo, tanto é que de todos os filhos, de todos nós

irmãos, apenas uma irmã não completou o ensino superior. Muitos já ocuparam funções importantes, o que orgulhou meu pai. Ele era uma pessoa que sentia um orgulho muito grande de seus filhos, ele realmente valorizava os filhos. E a nossa mãe era uma pessoa que com a sua humildade, nos transmitiu os conhecimentos da vida, e nós a tínhamos como uma orientadora, e tanto fazia, casados ou solteiros, ela marcava a sua presença, e foi uma criaturinha que nos fez muita falta, quando partiu. E o pai ainda viveu mais tempo.

Bem, depois surgiram os casamentos. A família foi se distanciando, passamos a residir no município de Braço do Norte, mesmo porque eu ia me formar no curso normal e precisava ingressar no magistério. Então meu pai tratou de comprar uma casa em Braço do Norte, construiu ali bem na frente do colégio, era só atravessar a rua e avenida. Esse Colégio foi o D. Joaquim Domingos de Oliveira e lá iniciei minha carreira profissional.

Em 1955 me casei e vim para Blumenau. Mas, para chegar em Blumenau havia entrado com pedido de remoção. Há alguns meses antes havia estado em Blumenau para conhecer o colégio onde eu iria trabalhar, e optei pelo Santos Dumont. Fui a Florianópolis. Na época, a Secretaria da Educação não existia como tal, era o Departamento de Educação, dirigido na ocasião por uma mulher. Vi que o meu processo de remoção não se encontrava no departamento, havia sido engavetado. Bem, o que fiz? Tive que vir para Blumenau assim mesmo. Aí providenciei já uma escola particular, que foi o Colégio Sagrada Família, mas não me conformava, pois eu tinha o direito, era um direito que me assistia e voltei a Florianópolis. Passada uma semana, foi com surpresa que me disseram que eu tinha que voltar para Braço do Norte e lecionar em Braço do Norte. Eu disse que isso era impossível, pois eu havia recém casado, como é que eu poderia fazer isso?

“É, mas é isso aí”, disseram com estupidez. Mas não desisti! Fui à casa da minha tia, eu tinha um primo, e lá ele disse: “Eu vou te acompanhar hoje lá, e nós vamos ver se nós encontramos a Dona Ondina”. Era a mulher que era a Secretária, hoje conhecida como secretária, na época diretora.

Eram nove horas da noite, e eu fui. Fomos lá e ninguém nos atendia, e nós sabíamos que ela estava lá dentro da sala. Meu primo até trepou num banco para ver e realmente viu que estava, e então nós insistimos: “Abre essa porta”. E fomos até um pouco rústicos. São coisas que marcam a vida da gente quando se tem o direito e não consegue, e eu primo sempre pela justiça. Então, com muito custo ela nos atendeu. Aí enrolou, aquela história toda, que tinha que falar no dia seguinte com Fulano, e foi levando aquilo. E eu disse: “Tudo bem”. Aceitei, até porque na época, eu acho que a gente era um pouco indefesa. Se fosse hoje, com a experiência que tenho, por tudo que passei, garanto que não passaria por isso aí não, saberia me defender diferente. Mas na época a gente tinha que aceitar. Lembro muito bem que na mesma noite fui até a residência do Sr. Valdir Busch, que era uma pessoa muito influente na educação, pedir a ele para dar orientação. Por todas essas humilhações a gente passou, e eu fiquei naquela expectativa. Mas no dia seguinte, peguei meu irmão que me acompanhou. Primeiro tivemos que esperar, como se fôssemos... sei lá, pessoas que nunca tivessem feito nada pelo magistério, éramos insignificantes. Mas aguardei, eu precisava e tinha que me humilhar, tinha que aceitar. E, de repente então chamaram: “Ludmila (voz grossa)”. Entrei e subi de cabeça baixa. Meu irmão me havia dito: “Tu fica humilde, tens que te humilhar, porque senão tu não vais conseguir nada”. Eu disse: “Tudo bem”. A primeira coisa que me jogaram então: “Ah, você, na política, trabalhou contra nós, pisoteou em cima

dos santinhos”. “Eu não fiz isso, nunca me ocorreu de fazer uma coisa dessas”, respondi. No fim eu quase não falava, fui recebendo as coisas com humildade. Então eles disseram: “Nós vamos dar para você uma designação, mas não vamos dar uma remoção, e a mínima coisa que fizer lá em Blumenau, você vai ter que voltar para a sua cidade”. Eu disse: “Tudo bem”. “E tem mais: Você vai ter que organizar um grupo e fazer um trabalho político para o nosso partido”. Na época era a UDN e nós éramos do PSD.

S.T.F.: PSD .

L.I.S.E.: As raízes políticas mais fortes dessa região eram UDN e PSD. E era sempre aquela troca de Governo. E o governo uma hora era PSD outra hora era UDN, e a perseguição era uma constante, era uma tristeza; de ambos os partidos, não era só de um lado também não. Eu passei por tudo isso. Iniciei meus trabalhos em 1952, ocasião em que eu me casei com Frederico Eing, que era estudante do Colégio Santo Antônio aqui em Blumenau. Ele não estava formado na época, faltava ainda um ano para se formar, mas estava à espera para nós iniciarmos a nossa vida nesta cidade que a gente escolheu como uma cidade-mãe, onde nasceram nossos dois filhos e depois nossos quatro netos.

Em 1955, não fui designada para o Luis Delfino, fui designada para o grupo Adolfo Konder e eu morava na Rua Amadeu da Luz. O Colégio Luis Delfino era aí pertinho, eu tinha que pegar o ônibus e ir para lá. Mas gostei, a comunidade era muito boa, me acolheu de braços abertos, era uma experiência para mim, uma vida nova, uma cidade totalmente nova, que estranhei bastante, apesar de ser de origem alemã. Então eu ia ao comércio aqui e me perguntavam sempre em alemão o que eu queria, e fiquei apavorada, e disse: “Ah meu Deus, acho que aqui só falam alemão, como é que vou me

virar?” Mas, devagarzinho fui convivendo com a comunidade e fui gostando dessa gente boa de Blumenau, e tive uma receptividade muito boa também. Lecionei também, em 55 e 56, no Colégio das Irmãs da Divina Providência, Sagrada Família. Então no final de 56 saí, porque estava grávida, esperando meu primeiro filho, que é a Simonete. Hoje é Orientadora Educacional no Colégio Pedro II. Depois tive o Roger, que é formado em Odontologia. São esses dois os filhos que tive. Tenho um genro muito bom, que é engenheiro de segurança na Companhia Hering, e a minha nora, Eliane, que é também dentista e trabalha junto com o marido. E os quatro netos que aí estão com onze anos e oito anos, dois meninos e duas meninas; crianças maravilhosas a quem a gente quer bem, e se recorda através deles os momentos felizes da infância. E assim foi a vida da Ludmila, até aqui, já com algumas passagens, algumas provas; e provas, às vezes, que até deixaram marcas profundas na nossa vida em conjunto.

Com dez meses de casada, meu marido teve meningite e ficou quatorze dias em coma no Hospital Santa Isabel, com poucas esperanças de vida. Mas tive que aceitar, e com muitas orações, com muita força por parte das irmãs a gente conseguiu um milagre. E hoje ele está, não uma pessoa saudável, mas superou essa doença e continuamos a nossa vida, lutando. Nada veio de mãos beijadas, passamos por dificuldades, mas tínhamos acima de tudo a força e aquela garra na vontade de vencer, e a gente conseguiu!

Em 1957, eu ainda estava no Colégio Grupo Adolfo Konder. Assumi a direção da escola como designada, porque a diretora havia se afastado. Então a inspetoria me indicou para substituir essa diretora. Ali foi muito bom, fiz grandes amizades com a comunidade, gente boa com a qual convivemos. A gente sentiu uma Blumenau diferente. Eu comecei a sentir a coisa pelo outro

lado e tive momentos profundos também, que marcaram a vida da gente mesmo.

Em 1959, era época do concurso de remoção e pensei então em ficar mais perto da minha casa e resolvi pedir a remoção como professora; porque eu era diretora só designada e viria uma outra diretora. Eu iria aproveitar a oportunidade também para pegar uma outra escola. Peguei então o Colégio Luis Delfino, que era o meu sonho. Mas na realidade, o Luis Delfino de 1959 deixava muito a desejar e todos eles me diziam: “Ludmila, você é nova aqui, não deve ir para o Luis Delfino, que aquilo lá não é escola”. E realmente senti que a coisa não era bem assim, não havia uma direção rígida, ou que tivesse uma disciplina, até deixava a desejar no ensino. Havia uma fama que denegria a imagem da escola. Eu disse: “Aqui estou eu. Vou trabalhar e cumprir minha missão, e não vou me importar com o resto”. Foi o que aconteceu, e comecei a lecionar sempre no pré-ginásial, gostava mais, me adaptava melhor. Mas só lecionei um ano e pouco e novamente a direção se ausentou e a inspetoria veio e disse: “Olha, você vai assumir de novo a direção”. Eu disse: “Ah, não quero a direção, vou entrar em licença prêmio”. Então veio o Secretário da Educação, Sr. Elpidio Barbosa e o Sr. José Vieira Corte (Inspetor de Ensino), e conversaram comigo: “Você pode entrar, nós vamos lhe pagar esses três meses de licença prêmio, mas você vai assumir essa direção porque existe a necessidade de pegar”. Eu disse: “Está bem, então eu vou pegar!” E comecei devagarzinho a mostrar o meu trabalho. Mas antes, nesses dois anos eu também fui marcada no magistério. Eu era cumpridora das obrigações. Eles chegavam a atrasar e adiantar o relógio para dizer que eu tinha chegado tarde e não podia assinar o ponto. Um dia eu fui obrigada a procurar o inspetor e dizer que essas coisas não podiam acontecer. Quando assumi a direção

as coisas começaram a ficar preocupantes por parte daqueles que faziam isso. Então, numa reunião que fiz, tracei as minhas normas de trabalho e de disciplina e então as pessoas vieram e disseram que elas eram obrigadas a fazer isso por ordem da direção que tinha uma certa preocupação de me amedrontar. Eu me omito de dizer o nome, porque não há necessidade. Disse que eles não precisavam ter preocupação nenhuma, que não iria olhar por esse lado, iria olhar pelo lado correto, que o compromisso era com a educação e que todos eles teriam a liberdade de falar comigo a hora em que bem entendessem, e sempre que tivessem necessidade de uma ajuda podiam me procurar que eu estaria à disposição. Na realidade, o trabalho da gente era para desenvolver e mudar a imagem daquela escola, e consegui. Consegui. Não foi fácil, foi com muito sacrifício. Na época, as crianças de quatorze anos ainda estavam no quarto ano primário, assim chamado na ocasião, e já havia uma preocupação com a malandragem, principalmente com as meninas. Foi quando me contaram que havia um homem que morava num prédio vizinho à escola e que estava provocando as meninas, chamando-as para o quarto dele. Na época, a droga não era tão conhecida, até talvez fosse isso aí também que estava acontecendo, e eu fiz a espera. Tive a coragem e fiz a espera, e realmente constatei que havia uma verdade. Conversei com uma das meninas. Era num sábado de manhã e a menina não estava na escola, e as crianças disseram: “É, mas ela veio”.

Não sei até onde chegava a minha coragem naquela época. Era nova, tinha vontade, tinha garra, queria acertar aquela escola toda de uma vez e fui até o quarto desse homem, e para surpresa minha, realmente a nossa aluna estava lá. Eu a retirei e comuniquei imediatamente à polícia, e ele foi preso. Mas depois o soltaram. Um dia de manhã eu estava indo para a escola, e naquela época

não tinha carro, era tudo a pé. O homem me abordou de carro e cruzou para me matar. Por sorte naquela hora estava passando um advogado e viu também o que aconteceu, na frente da escola quase. Ele passou e tirou um fino de mim, mas consegui escapar. Mas era para acabar com a minha vida ou me amedrontar para que eu calasse a boca. Aí nós fomos na delegacia de polícia prestar queixa. Eu soube depois que ele fugiu de Blumenau e nunca mais soube dele. Levei o fato ao conhecimento dos pais desta menina e consegui salvar e resolver o problema. Houve outras passagens marcantes na vida da gente. Há também histórias de alunos que morreram e a gente teve que atender, e que pediam a presença da gente até o último instante. Teve uma professora, que até por sinal naquele ano era professora do meu filho Roger e que suicidou-se. São marcas assim que ficaram na vida da gente, coisas que a gente não esquece e que se fosse para falar, escrever...

Numa ocasião estive uma pessoa lá no Luis Delfino, na época eu era diretora e disse: “Ludmila, por que você não escreve um livro sobre tudo isso que você já fez, que você presenciou, que já viu? Porque você tem tantas coisas para contar...” Naquela época eu trabalhava com crianças pobres, e acompanhei a construção daquele prédio escolar novo que está aí na Rua São José e determinava a construção e dividia a minha vida entre o Luis Delfino Velho e o Luis Delfino Novo. Em 1968, uma coisa me marcou muito. Eu mandei restaurar todos os móveis, desde 1913, que pertenciam à escola e que estavam no porão. Restaurei aquilo tudo e fiz um salão nobre lá no Luis Delfino Novo. A escola foi inaugurada, em 30 de novembro de 1968, mas quinze dias antes já estávamos lá. Foi em novembro a inauguração e nós fizemos a mudança.

S.T.F.: Quem era o secretário da Educação?

L.I.S.E.: O secretário era Antero Nercolini. Então, vim para Blumenau com essa missão, mas confesso com sinceridade que não foi bom para mim não. Eu tinha marcado a minha vida na educação, pelo trabalho que havia feito, sempre pela dedicação exclusiva. Não olhava por férias. Eu tinha três turmas: tinha o ginásio, o noturno, tudo junto e fiz a faculdade durante o tempo em que estava lá no Colégio. Quatro anos, em Itajaí, porque na época não havia o curso de Pedagogia na FURB. Depois vou falar sobre a Faculdade um pouco também.

Então, veja bem, cheguei ali e assumi a UCRE, já havia algumas barreiras. Mas fui, continuei e fiz uma reunião com todos eles e pedi que realmente se afinassem com o meu sistema de trabalho. Eu sabia, era diretora de então, sabia que as coisas não estavam certas entre os diretores. Eu sabia que havia falhas na escola pela ausência do próprio diretor que andava mais na estrada que outra coisa. Então fiz a reunião e disse que nós deveríamos trabalhar em conjunto, que esperava a participação deles, a colaboração, e eu também por minha vez dentro das habilitações, dentro das minhas possibilidades haveria de ajudá-los, mas que seria cumprido a lei, eu era pelo certo. Se hoje muitos fossem pelo certo, acho que as coisas estariam diferentes. Às vezes, acontecia que eu ia para uma reunião aqui, e outra lá e encontrava gente na rua. Mas como é que uma escola pode ir para frente se não tem a presença do diretor ou pelo menos de um substituto à altura dele? As coisas aconteceram, porque quando eu era diretora, nunca conseguia as coisas junto à UCRE de então, mas os outros conseguiam, que eram os beneficiados de um desses deputados da região, e esse deputado não comungava com os meus princípios, e até era marcada muitas vezes por ele. Muitas vezes fazia ameaça de que eu iria sair da escola como diretora, mas ele não podia me tirar porque

eu era concursada, era efetiva no cargo, tinha feito concurso para diretor, não fui colocada pela janela. Fui colocada porque fiz um exame para tal, escolhi a vaga, a vaga era aquela e fiquei ali. Depois que ocupasse um cargo de confiança, tudo bem, mas para tirar um cargo de confiança também não era bem assim na época. Se o governo era o mesmo, e eu cumpria com as minhas obrigações, então porque estar me tirando? Mas muitas vezes tentaram, não o pessoal da oposição, pessoal da própria situação e fui prejudicada dentro do meu partido também.

Trabalhando na UCRE, com a montagem da equipe, eu levantava às cinco horas da manhã para visitar Vidal Ramos... Nós tínhamos treze municípios que pertenciam à UCRE, para dar assistência a essa gente. E era um dia de festa quando chegava lá, eram hasteadas as bandeiras, eram feitas homenagens, porque nunca um diretor de UCRE havia posto os pés lá. Nós tínhamos que sair às cinco horas daqui para poder chegar às oito e meia. Eram três horas e pouco de viagem, estrada ruim, mas nós íamos com a equipe inteira dar assistência na parte do ensino, cada um dentro das suas funções. Eu não sei se as coisas começaram a incomodar. Esse deputado começou a me perseguir, não só ele, mas pessoas que nem gostaria de citar, pois não merecem ser citadas; colégios que eram beneficiados, coisas que não podiam ser feitas, coisas irregulares. O próprio governador, o secretário de então disseram: “Você vai dar um jeito na Educação, nós vamos te dar toda cobertura”.

Eu entrei com tudo, com cobertura. Comecei a ver as coisas, comecei a comunicar e de repente me faltou esta cobertura. Então veio uma pessoa e disse: “Você faça tudo como o Deputado mandar e você vai ficar aqui o tempo que quiser”. Eu disse: “Olha, posso até ficar, mas fazer como ele está mandando é que não vou fazer, porque sou a diretora da UCRE, conheço a Educação e

acima de tudo, se for para fazer coisas erradas, para ficar presa com coisas erradas, prefiro deixar o cargo ou prefiro que me exonarem. Mas não é comigo que vocês vão tratar desta forma”. Aí começou a luta! Eu havia estado há três ou quatro meses lá, a perseguição começou. Era uma intranquilidade, era uma coisa, foi um ano e meio nessa luta, e vieram lá me oferecer outras situações, outras coisas, e eu disse: “Não, vou ficar aqui, não errei. Agora, vou pôr tudo no ar e tudo que está havendo aqui de errado. A comunidade há de saber porque eu saí; eu vou sair daqui pela frente, de cabeça erguida. Mas o que eu passei, o que sofri!” Tive o apoio do meu marido, que dizia o seguinte: “Tu não vais te deixar levar por nada desse mundo para coisas que não estão certas, porque tu tens uma marca na tua vida profissional, que agora não vais perder, porque agora tu és uma diretora de UCRE”.

Nunca me prevaleci de cargos, aquilo não me subia à cabeça não. Assumia um cargo, mas era a mesma Ludmila, a mesma pessoa. Comecei a atender na UCRE, pessoas que eram perseguidas politicamente, não olhei partidos também. Olhei sempre pelo lado humano da coisa e recebi pessoas que sabia que eram da oposição. Mas gente, se estou no magistério, eu que havia sentido na carne a perseguição política, não poderia chegar agora para um professor e persegui-lo também. Se era um bom professor, a gente tinha que olhar por esse lado também, era o lado humano da história. Aquilo parece que também começou a desagradar. Então queriam remover professores, serventes de escola e comecei a frear, dizia que não. Havia uma servente de Timbó que queria remoção e ela precisava, porque tinha um filho excepcional, mas ela não conseguia. Então consegui para ela. Eu ia a Florianópolis e arrancava muitas vezes as portarias que queria. O que não podia fazer, era deixar documentos assinados para preencher e alguém

levar a glória, nunca fiz isso não. Se eu fiz, fiz; se o outro fez, o outro que leve as glórias. Agora, fazer política em cima da educação! A educação não pode estar a serviço da política, mas a política deve estar a serviço da educação. Esta era minha filosofia, mas nem todos usavam esta mesma filosofia e sofri muito com isso, sabendo que estava cumprindo com o dever e sabendo que iria sobrar. E sobre!

Em julho de 1981, o secretário acompanhou tudo e me telefonou: “Ludmila, amanhã sai a tua exoneração, não tem como segurar. O governador segurou como uma lâmpada de cristal, mas este deputado de vocês aí de Blumenau... Acho que nem vou citar o nome, porque nem gostaria, que muitos têm outra imagem dele, mas na realidade a imagem não é essa não. Ele é irredutível, e o voto dele é Minerva na Assembléia, e o Governador precisa deste voto”. Eu disse: “Tudo bem, acho que vale o interesse do desenvolvimento do Estado, do governo, dos projetos que aí estão. Faço parte dessa situação. Agora, o que não posso aceitar é que como pessoa do mesmo partido tenha que ser sacrificada dessa forma”. E no outro dia de manhã levantei, já estavam televisão, rádios, tudo lá em casa, porque a exoneração já tinha sido anunciada. Meu Deus! Era privacidade para um, o outro queria o direito de resposta primeiro que o outro. Mandeí que todos entrassem, atendi a todos, deixei uma mensagem para todos os professores, para os meus alunos, para a própria comunidade, dizendo do trabalho que tive vontade de fazer, e que num ano consegui colocar a UCRE em 1º lugar dentro do Estado de Santa Catarina e me orgulho disso. Trabalhei, lutei com garra com uma equipe afinada. Mas dentro desta equipe havia também pessoas com inveja.

Um dos principais envolvidos na época foi o diretor do Colégio Pedro II e o diretor do Celso Ramos, que era um padre. Estas

duas pessoas foram as causadoras da coisa também, porque lá é que estavam os problemas, e eu sabia, sabia desde a época que era diretora também, e não podia me afinar com essas coisas. Nem com o próprio deputado, que usava da máquina da educação para se projetar, ou apadrinhar o seu pessoal. Era apadrinhamento! Mas comigo não deu certo, porque essa marca não ia ficar comigo também não. Aceitei! O governador me ligou pedindo que eu comparecesse ao Palácio, que ele queria falar comigo e eu respondi que não tinha nada a dizer ao governador, a não ser “muito obrigado”, e também não fui. Mas mandaram me chamar na Secretaria e tinha que ir para acertar a minha situação. Ali estavam cinco secretários, me convencendo, durante cinco horas a permanecer no governo, e eu disse: “Olha, não vim aqui para isso e não quero mais saber de nada”. E o governador telefonava: “Ofereçam tudo para ela, mas não me deixem escapar a Dona Ludmila da política”.

Eu era uma líder no município, fiquei conhecida por todas as cidades no Estado inteiro. Havia participado de Congressos Nacionais da Mulher em Porto Alegre, onde representei a mulher catarinense na Tribuna da Assembléia em Porto Alegre. Posteriormente trouxe o resultado aqui para Florianópolis, do que era uma mulher no contexto político. A gente pode falar depois. Então, eu tinha um nome, já tinha percorrido outras cidades, transmitindo tudo aquilo que a gente havia trocado. E as coisas aconteceram desta forma e atendi esse chamado e fui falar com o Secretário da Educação, que por sinal era uma pessoa muito acessível. A gente fez uma grande amizade com a família e eu fui. E lá, então ele disse: “Ludmila, você vai ficar trabalhando conosco, nós precisamos de você”. Eu disse: “Mas não posso vir morar aqui em Florianópolis.” “Não, mas nós temos a Casa do Governo lá em Blumenau, onde você pode exercer as suas funções também.”

Mas não era mais a mesma coisa, não era mais o magistério. Tinham me tirado aquele brilho da educação, aquela coisa que vivi, eu era uma professora por ideal, que abraçava a causa com muito amor.

Então, tudo bem. Deram-me o cargo de Técnica em Pesquisa da Secretaria de Planejamento do Estado. Eu disse: “Tudo bem, é realmente um trabalho que dá para exercer em Blumenau”. E vim para Blumenau. Então, um dia me chamaram: “A senhora vem aqui para assinar os contratos todos”. Era um cargo por CLT - Consolidação das Leis do Trabalho. Teria que levar documentação. Bem, então fui para essa Casa do Governo, mas na realidade também não fui aceita, novamente por uma perseguição política.

Em 1982, passei a exercer minhas atividades no 7º Centro Regional de Saúde, que é chamado o 7º CARS e estava em fase de organização, era recém criado, e passei a exercer a chefia do Departamento Pessoal. Mas exercia outras atividades também, pela experiência administrativa que a gente possuía! E ali fiquei até o Governo de Pedro Ivo Campos, quando fui demitida das minhas funções, porque era do PDS e o outro Governo era do PMDB. Na ocasião até o Coordenador que foi indicado para assumir o 7º CARS esteve aqui na minha residência me convidando a permanecer, pela experiência que tinha até em termos administrativos. Mas quando ele assumiu, eu me senti mal, pelas pessoas que estiveram presentes ali e que me olhavam até atravessado e pediram o meu afastamento. O Deputado Federal Renato Viana, que hoje é candidato a prefeito, na ocasião quando deixei a UCRE, também convidou-me para me integrar nas fileiras do PMDB. Mas pessoas amigas, até um amigo militar, chegaram a me telefonar e dizer: “Ludmila não faça uma bobagem dessas. Se existe perseguição nesse partido, existe no outro também. Siga a sua linha, nós conhecemos você!”

E depois de muito analisar, achei que eu tinha que permanecer no partido, e não me levava a nada trocar de partido. Então saí. Fui demitida, fui chamada a Florianópolis. Primeiro, quiseram me impor a permanecer em Florianópolis, como uma maneira até de me perseguir, mas foi quando respondi que com o ordenado que estava ganhando, só se eu fosse morar debaixo da ponte, porque em Blumenau eu tinha casa, tinha minha família, e aí foi tudo acertado. Demitiram-me, tudo bem, e vim para casa e fiquei um ano e meio em casa. Aquilo me deixava bem angustiada! Não era do meu feitio ficar como doméstica, porque eu nunca fui voltada aos serviços domésticos, apesar de me sair muito bem.

Então, no Governo do Kleinubing, trabalhei na política. Sempre fui da política também!! O Kleinubing, vencedor, me telefonou um dia e disse que gostaria muito de falar comigo. Então, num domingo à tarde, fui até a residência dele, onde me encontrei com ele e a esposa, a Vera. E em 1º lugar eles agradeceram o trabalho que eu havia feito por eles durante a campanha e que gostariam de gratificar-me. Foi quando respondi que trabalhava por amor e não com segundas intenções. Mas ele disse que gostaria de contar com a minha experiência. Foi quando ele até sugeriu, me perguntou se eu queria a Secretaria da Educação, e eu disse que não, que não estava ali por essas intenções e que estava contente que haviam reconhecido o meu trabalho, isto era o fator principal. Porque muitas vezes a gente ajuda uma pessoa, mas são poucos os que voltam para agradecer, e eu senti essa firmeza da parte do nosso governador hoje, Vilson Kleinubing, de reconhecer o trabalho que eu havia realizado. Então ele disse: “Você vai ser a minha assessora, vai trabalhar também com a Vera e vou dar para você a Casa São Simeão, que é o Asilo, quero que você aceite aquela casa. Não vou lhe pagar um tostão a mais, aquele é um trabalho voluntário”. E

continuei nesse trabalho voluntário até hoje. Vou falar sobre o trabalho que desenvolvi na Prefeitura e junto ao Asilo.

Confesso que não sabia por onde começar. Na parte da Prefeitura, no Assessoramento, o trabalho era realmente na área social. A nível de Gabinete de Prefeito, dariam início somente no mês de março, porque os Clubes de Mães, Grupos de Idosos e toda essa área social estava afastada, de férias, e retornaria no mês de março. E também a Dona Vera estava de férias, acompanhando os filhos e viria para o trabalho em março. Ela assumiu então a PROMENOR e eu assumi a Casa São Simeão. Neste meio tempo, tive a oportunidade de conhecer de perto esta Casa. A primeira visita que fiz me decepcionou. Saí impressionada de lá, muitas reclamações por parte dos idosos e achei que eu não ia me dar com aquele trabalho. Eu senti a coisa de uma forma que me chocou muito, uma pela reclamação dos velhinhos, e outra até pela falta de higiene. Mas quando assumi, recebi aquilo sem dinheiro e sem comida na despensa. E a minha preocupação era o que iria dar de comer a esses velhinhos amanhã?

Voltei ao prefeito e pedi a ele que me ajudasse, porque não tinha comida para pôr na mesa e também não tinha dinheiro em caixa. E só encontrei uma folha onde tudo dizia “em tramitação, em tramitação, em tramitação.” Eu disse: “Meu Deus, mas como? Não pode. Isso aí é uma coisa que não está certa.”

Então, o prefeito Vilson Kleinubing ajudou-me a abastecer a despensa, e eu devagarzinho, usando do meu dinheiro até, e aguardando uma entrada das pensões junto ao INPS, eu estocava e então começou a melhorar a vida aos poucos. E nesse meio tempo, fui conversando também com os funcionários da Casa, os próprios idosos, que foram me colocando todos os problemas ali

existentes. Muitos funcionários também foram dispensados. Os idosos se queixavam dos maus tratos. Não havia uma administração na Casa, e ficava aquilo assim à revelia. Os velhinhos queriam comer bem e o resto não interessava. Não tinha material de higiene pessoal, faltava tudo! Então eles diziam: “E a gente aqui não tem sabonete, não tem isso...” Então, ficou aquela marca de pedinte. Ninguém podia visitar o asilo que eles viviam pedindo doce, pediam isso, pediam aquilo, e fiquei observando aquilo e me chocava. E eu disse: “Mas agora vocês não vão precisar pedir, vocês vão ter tudo aqui”. O PX Clube de Blumenau, na ocasião, teve uma campanha muito grande junto ao Supermercado SESI, angariando material para os nossos idosos, e nós recebemos tanto, que nesses quatro anos ainda não comprei sabonete. Compro desodorante, talco, shampoo para lavar as cabecinhas deles. Então eles estão agora bem cuidados, com uma boa higiene e os acamados também são bem tratados, recebem as vitaminas e tudo que se faz necessário. Veja bem, que no primeiro ano que estive lá, teve 26 óbitos. Fiquei assustada! E houve até quem dissesse que eles não davam água para eles, por quê? Eles já iam morrer mesmo. Mas não é bem assim. São seres humanos que estão aí. É a responsabilidade de quem assume uma administração. Hoje são eles, amanhã seremos nós. Isso não poderia continuar assim! E devagarzinho fui indo e conquistando os meus idosos, fui dando carinho para eles, atenção, hoje são grandes amigos meus! Entro lá, eles vêm ao meu encontro, sou a mãe para eles, como eles chamam, o raio de sol que chega e traz alegria. Eu brinco com eles, danço e eles têm bastante distração. Nós temos música para eles o dia todo, eles têm uma vida normal, se alimentam muito bem! Onde existia mato e capim, hoje nós temos horta, temos plantação de aipim, de batata, todas as verduras. O excedente nós cedemos para creches.

Veja bem, consegui fazer a reforma no prédio todo sem pedir recursos à Prefeitura. Acho que a gente ia caminhando devagarzinho, as coisas surgiam lentamente, as doações que chegavam eram um livro aberto, a gente mostrava para todos os funcionários, todos participavam. O dinheiro e promoções que eram feitas eram aplicados para reverter em benefício dos velhinhos de novo e sempre voltados para o nosso idoso.

Havia também doações que chegavam, de aves ou outros gêneros alimentícios e eles tinham por hábito descarregar até pelos fundos da Casa e entregar direto na administração. E eu dizia: “Não, mas não é aqui que nós recebemos.” “Não? Mas era aqui que nós entregávamos.” “Não, todas as doações alimentícias, tudo é entregue na cozinha, pois lá nós temos o freezer”.

E a gente viu que havia alguma coisa errada. Mas acabei moralizando. Tenho uma equipe de funcionários muito bons, auxiliares de direção muito bons, muito afinados com a gente, e um controle muito bom na cozinha. Nos primeiros tempos, eu ia para a cozinha, fazia cuca aos sábados de tarde, para dar um domingo diferente aos nossos idosos. Ensinaamos comidas diferentes para nossos velhinhos. Eles hoje têm uma alimentação variada. Pode chegar a qualquer hora do dia lá, existe fartura para eles. Eles agora conhecem a margarina, conhecem o mel, conhecem a geléia, o muss, a mortadela, a gelatina, o queijo, queijinho, a nata, que eles não estavam acostumados a ter lá no asilo. Mas hoje eles têm. Gostam muito de morcilhas. É uma alimentação variada e graças a Deus, nossa despensa está sempre bem abastecida. Temos quatro freezers comerciais, desses industriais, e estão lá com todos os tipos de carne. Têm carne bovina, suína, não falta o peixe, não faltam as aves e não faltam os ovos também. E tudo existe com fartura, nada precisa ser pedido de última hora. A informação que

eu tinha é que antes eles eram alimentados com feijão e arroz, arroz com feijão e às onze horas da manhã eles procuravam mandar umas linguicinhas para enganar o estômago dos idosos. Hoje essa imagem desapareceu, talvez ainda existem traumas nos nossos idosos, que ainda aqui permanecem, que são pessoas de idade, esclerosadas e alguma coisa sempre volta do passado. E isso é uma constante. O prédio está reformado, todo ele limpo, todos os móveis que estavam estragados foram substituídos, todos os consertos foram realizados.

Construímos quatro chalés para pessoas que gostariam de ter a sua privacidade, e lógico que eles pagam um pouquinho a mais também, mas que optaram pelo Asilo Casa São Simeão que oferece o carinho e amor e que a gente acha que isso deve continuar. A pessoa que administrar o asilo, não deve simplesmente ir para lá para administrar, visando receber seu ordenado. O ordenado é um segundo plano. Eu sou voluntária, o que deve existir ali é o amor, é o carinho, é a dedicação acima de tudo, porque não é fácil cuidar de idosos. Eu estou com 88 idosos no momento. Além desses chalés, estamos construindo uma área para mais 12 leitos, fazendo um salãozinho de beleza para eles também. Eu tenho uma cabeleireira de quem eles gostam, que o asilo mesmo paga. Já temos a possibilidade de pagar, porque a Prefeitura paga a folha de pessoal e o resto a Casa mantém com a pensão deles de Cr\$ 230.000 (duzentos e trinta mil cruzeiros), que agora vai aumentar. Nós ainda damos Cr\$ 40.000 (quarenta mil) para o idosos, para cada um deles ter o seu dinheirinho na mão, para comprar o que gostam, porque duas vezes por semana passa um caminhão de frutas e verduras e um caminhão de doces. Para eles terem, como se diz, uma maneira de ainda perceberem que têm que ter o tato com o dinheiro e saberem que podem comprar

alguma coisa e do que gostam. Até às vezes vão comprar as mesmas coisas que a gente está dando para eles lá: laranja, banana. Mas eles comprando parece que é mais gostoso. Eles precisam ter isso aí, é uma coisa deles, porque eles tiveram sempre o dinheirinho na mão, nós não podemos tirar isso deles. Então é uma alegria o dia que eles recebem a mesada. Com aquilo eles compram o cigarro, compram as balinhas para eles, as bolachinhas que preferem, as frutas de que gostam! Com o restante, Cr\$ 190.000 (Cento e noventa mil), nós mantemos o idoso ainda com a medicação, tudo junto. Temos dez indigentes também, que por serem pobres e necessitados não vamos deixar de acolhê-los no asilo também. Porque eu acho que é uma casa que deve acolher, e sempre existe um espaço para aquele que não pode pagar. Estou construindo uma área de 143 m² com uma área tipo um varandão, que serve para lazer, sem ajuda por parte da Prefeitura ou da comunidade. Estou construindo sozinha, com muito orgulho, porque economizei. Todas as doações que nos chegavam da comunidade e por parte de promoções que nós fazíamos, através da Feira da Amizade, cujo projeto eu fiz e entreguei para a 1ª Dama, Dona Vera. Fui a batalhadora e ajudamos dessa forma, além do asilo, muitas outras entidades carentes também. E esta feira aconteceu durante os quatro anos, um trabalho árduo, mas gratificante.

A gente soube trabalhar com o que vinha da comunidade. Tudo revertia em benefício daquele que precisava. Eu quis apenas mostrar à comunidade de Blumenau que um trabalho sério, um trabalho honesto pode aparecer e esta marca quero deixar para a comunidade. Espero que esta comunidade venha a reconhecer uma administração séria e honesta. É baseada neste trabalho no asilo que fiz algumas palestras também sobre a terceira idade. Fui convidada pela Prefeitura de Lindóia do Sul, onde participaram

16 (dezesseis) municípios, para uma palestra para 625 (seiscentos e vinte e cinco) mulheres, onde fiz a explanação sobre a terceira idade, uma palestra de duas horas, que atingiu bem as pessoas, com orientações que se faziam necessárias, porque o convite partiu justamente pela visita que foi feita aqui no Asilo. Queriam que eu transmitisse alguma coisa a essas mulheres, e o Prefeito então me autorizou essa ida, porque já estava acompanhando sempre a 1ª dama do município por todo Estado de Santa Catarina, participando de palestras e integrada nesse trabalho. E ano passado, mais uma vez, um outro município, o de Ipumirim, resolveu fazer também essa palestra. Na realidade seriam duas: uma sobre a valorização da mulher no contexto social e político e a outra sobre a terceira idade. Esta foi bem recente, não faz um mês ainda que eu estive naquele município. A gente sentiu ali a necessidade de ajudar, e sentimos a carência que as pessoas têm até de receber informações maiores e saber sobre a experiência de quem vem de outro município. E procurei transmitir justamente a parte do valor da mulher, onde citei passagens da minha vida, o meu contexto político, o meu contexto social e por todas as dificuldades por que eu havia passado. Então, voltando no ano passado lá de Lindóia, me encontrei com o prefeito numa reunião onde nós conversávamos sobre o assunto da criança e do adolescente (faço parte do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente). O prefeito chegou e me disse: “Ludmila, vou precisar de você. Então foi quando de imediato respondi: “Nem adianta, porque não vou deixar os meus velhinhos do asilo”. Foi uma coisa bem espontânea, longe de imaginar o que ele estava querendo. Tudo bem. Passaram mais uns dias, ele me chamou no Gabinete e disse:

- Ludmila, você vai assumir a Secretaria de Ação Comunitária.

Eu disse:

- Será que vou ter capacidade para isso, para desenvolver uma área tão grande?

- Você já conhece toda Blumenau, já sabe dos problemas!

- Está, tudo bem! Vou me inteirar do assunto!

Mas continuei meu trabalho normalmente. Sempre existem as rejeições. Essas coisas acontecem politicamente, porque parece que as pessoas que tem que assumir as coisas devem ser pessoas muito afinadas. Muitas vezes nessa hora não se valoriza o trabalho que é desenvolvido por um ser humano. E eu era uma pessoa que estava muito voltada à área social do município, conhecedora, limitada logicamente, não do todo, porque não me pertencia o todo, não iria invadir uma área que não me pertencesse. Aceitei a Secretaria como um desafio. Algumas pessoas chegaram para mim e disseram:

- Ludmila, você gosta de desafios!

E eu disse:

- É realmente.

A Escola Luis Delfino foi um desafio para mim, o asilo foi um grande desafio e agora esta secretaria será um desafio maior.

- Você parece que só gosta de pegar essas coisas.

- Não que goste, é que me dão essas coisas para resolver e eu vou dar o que posso...

E assumi a Secretaria de Ação Comunitária no dia 16 de dezembro de 1991. Claro que os problemas existiam, teria que me ambientar, muitas entrevistas foram dadas. A expectativa era muito grande para ver o que eu ia fazer dentro da Secretaria, mas eu não me assustava, porque nunca tive medo do trabalho

e de enfrentar situações. Intei-rei-me bem da secretaria primeiro. São cinco departamentos que pertencem a ela: a Agricultura, a Ação Social ou Departamento de Ação Social, Departamento de Habitação, o Departamento de Associação de Moradores e o Departamento da Defesa Civil, que cuida de todas as situações de catástrofes e enchentes, e coisas desse tipo em nosso município. Isto me preocupou, e pedi a Deus que ela me poupasse e que não acontecessem estes transtornos. Mas Deus quis que eu passasse por mais essa prova também. E logo por ocasião de Natal, entre Natal e Ano Novo, as coisas começaram a acontecer: desmoronamentos, chuvas fortes, barracos construídos em área de risco, em áreas perigosas, que não podiam ser construídas, e algumas casas caíram. E se não bastasse isso, no dia 29 de maio veio a enchente. À tarde daquele dia chegou um secretário e disse: “Nós vamos ter uma enchente”. Eu respondi que já esperava. Acho que Deus queria que eu passasse por tudo, era uma coisa diferente, mas enfrentamos. Eu disse: “Vou até em casa, vou tomar um banho e já estou de volta”.

Fui rápido e às 05:00 h eu já estava no posto dando as entrevistas, alertando a população que as águas iriam subir e que a tal hora nós estaríamos com esta metragem em tais e tais ruas, que se prevenissem e que os carros da Prefeitura já estariam à disposição. Havíamos contratado mais de 100 carros e caminhões para fazer a mudança. As famílias que se prevenissem e que não deixassem as coisas para última hora. Mas as águas subiram mais rápido do que se esperava, e, noite adentro a nossa equipe foi trabalhando, os postos de atendimento prontos, localizados em 26 lugares, onde as famílias poderiam se dirigir. Não faltou a alimentação, liberamos de imediato a alimentação para não faltar nada para essas famílias. Pelas 02:00 h da manhã, eu que já havia passado por esse problema de enchente e sabia da angústia dessas famílias,

fiz uma mensagem para eles e pedi que tivessem muita calma, que tivessem acima de tudo, fé em Deus, e que nós aqui da Prefeitura, do alto, estaríamos acompanhando todos os passos deles; e que entrassem em contato conosco sempre que tivessem dificuldades em algum socorro que pudesse vir a mais. Eu passei as duas noites e os dois dias ali, disputando com um radialista para ver qual de nós iria se entregar primeiro. Ele, no trabalho contínuo de informação e a gente na preocupação de nada faltar e dando as orientações sempre no comando da coisa, junto com o diretor do Departamento de Defesa Civil e ao lado do Prefeito.

Veio também o Governador em exercício do Estado para prestar auxílio. Então numa hora dessas, de angústia tão grande da comunidade, muitas palavras de conforto servem para as pessoas, a aceitação acima de tudo. E a gente sabe que não é fácil, mas volta e meia um ligava daqui, outros ligavam de lá, e tinha que chegar alimentação. Outro reclamava de cá que precisava um abrigo, outro reclamava de lá que precisa isso. Não era fácil. Muitas pessoas que mal saíram de casa e chegavam lá, já queriam comer. Então tinha que ter as coisas disponíveis, se não estavam reclamando logo. Tudo era difícil, para nós, para eles também! Difícil porque as coisas não se conseguem de uma hora para outra, é o dinheiro público, é um dinheiro que é do povo, não é nosso, mas o prefeito foi muito compreensivo, e sentiu o drama com dor mesmo no coração e em companhia de todos os secretários.

Depois de baixadas as águas, elas tornaram a subir, baixavam, fomos acompanhando tudo. Nós tivemos a preocupação primeira de ajudar as pessoas necessitadas, porque o que eu sabia de outras enchentes é que os pobres reclamavam que não ganhavam, que quem ganhava eram aqueles que não precisavam e que não eram atingidos, e isso me revoltava!

Sempre fui uma pessoa que me voltei aos necessitados. Eles sabiam disso. Então o que fiz: avisei na rádio, pela televisão também, que iria fazer um cadastro de todas as pessoas atingidas, mas que seriam auxiliadas aquelas que tivessem tido perdas e que não tivessem como recuperar. E numa hora dessa, a pessoa que tem vai lutar sozinha. O pobre é mais difícil de levantar, tudo custa mais. E fiz esse cadastro. Eles duvidaram que nós fizéssemos isso, mas eu disse: “Nós vamos atingir quem precisa!”.

Passamos trabalho, fizemos cestas básicas, distribuimos colchões, cobertores, fogões e guarda-roupas, o que nós tínhamos e o que tinha vindo da comunidade também. Agasalhos e tudo que a própria comunidade nos auxiliou. Mas atingimos nosso objetivo porque fomos entregar nas casas. Cada família recebeu nas casas. Muitos foram fazer o cadastro dizendo que era para a empregada doméstica etc, mas se quando chegava na casa, na realidade não era para a empregada doméstica.

Então, na realidade, nós conseguimos atingir nosso objetivo onde tudo foi entregue nas residências e mais uma vez as pessoas viram que houve a honestidade neste trabalho.

Então acho que a gente agradou. E quem não recebeu ajuda, é porque era difícil o acesso, então nós pedimos que estas pessoas se dirigissem a nós. Todos os cadastros foram feitos, vimos também as casas danificadas e há um mês, mais ou menos, já consegui auxiliar essas famílias para restaurar quarenta e nove casas. Apesar de ter ainda tantos outros problemas que ficaram pendentes, mas que estamos resolvendo lentamente, numa hora dessa também há muitas famílias que se aproveitam da situação. Diriam que não eram proprietários de residência nenhuma, pagavam casa de aluguel e mesma numa oportunidade dessas eles querem ter direito

ao chão e à casa também. Aham que a Prefeitura é rica e tem que dar. Não é bem assim. Cada um tem que lutar um pouco também, e se a Prefeitura pudesse dar para todos, certamente daria, seria mais fácil. Na área social as coisas são bastante difíceis e a gente tem que batalhar bastante, porque os problemas surgem justamente por causa das invasões, onde não há uma infra-estrutura, não existem as condições ideais de saúde e até habitabilidade. Apesar de haver o desrespeito às placas que são colocadas pela Prefeitura, dizendo que ali são áreas de risco, mas são áreas pertencentes à Prefeitura, áreas públicas, alguns se acham no direito de invadir e simplesmente ali se colocam, apesar da fiscalização estar sempre presente.

Mas são casos que acontecem sempre, e nós não vamos nos livrar disso, mas eu tenho por mim o princípio de ser muito amiga dos pobres, onde posso ajudar eu ajudo, quando não consigo fazer o trabalho também não vou enganá-los e vou ser sincera, dizer que não tenho condições. Às vezes dói para a gente, dói para eles também, mas no fim eles acabam entendendo; mas há o compromisso de que na primeira oportunidade que surgir alguma coisa a gente vai estar presente ao lado deles. Eu visito muito as comunidades dando essa parte de assistência, vejo de perto os problemas e procuro resolver o que é possível resolver.

Então, dentro da Ação Social é isso.

Agricultura. Nós trabalhamos com agricultores, temos horta e estimulamos o seu plantio. Agora nós vamos ter a abertura do CEASA, onde vão ser comercializados produtos. Haverá valorização do que o colono planta, do que ele pode vender, e isso aí é uma coisa muito boa para nós também.

E a habitação? O sistema de habitação é de casas populares, que eu já recebi muita coisa pronta, mas consegui fazer muitas casas

também e acolher muitas famílias, que apesar do trabalho, não aparecem porque são redutos isolados. Mas mais de cinquenta casinhas de 30 m² para acolher essas famílias que foram atingidas também por enchentes e enxurradas, consegui atender. E a gente tem convênios assinados também e tem a possibilidade de eles serem ainda realizados.

À Associação dos moradores a gente também tem dado atendimento. É uma secretaria que tem investimentos muito grandes, mas como o país passa por situação financeira difícil, a família também passa e tudo é difícil. A própria Prefeitura também sente esse problema financeiro. Esta é uma Secretaria a que me dedico muito. Meus últimos dias de férias estão terminando, tive que sair para descansar um pouco, pois estava realmente esgotada, muito cansada. Muitas vezes pelo esgotamento, a gente às vezes não chega a atender a pessoa a contento, é melhor se retirar e descansar um pouco para não ofender ninguém, pois tenho por hábito receber bem e atender bem. Se eu não posso ajudar financeiramente, sei dar à pessoa o carinho que no fim ela sai agradecida também. Isso é também importante.

S.T.F.: Qual a sua participação na política?

L.I.S.E.: Bem, fui militante política sempre, e comecei na política com meu pai. Meu pai foi um grande político. Ele foi por cinco vezes vereador no município dele e também presidente da Câmara municipal. Foi indicado interinamente como Prefeito do Município que foi criado lá onde ele foi homenageado posteriormente. O pai era um homem muito político! Em cada campanha que surgia para governo do Estado, ele estava sempre presente, e no último ano, em 1954, quando estive em Braço do Norte, auxiliiei meu pai na campanha. Ele era candidato a vereador e foi vencedor. Pelo fato

de ser a filha dele, eu era perseguida politicamente pela oposição. Cheguei a receber até foguete nos meus pés. Alguns chegaram até a sapear os meus cabelos, pois eu tinha os cabelos mais compridos, e era desacatada. Mas eu enfrentava, era meio forte, seguia meu pai mais ou menos assim, era da linha dura e não tinha muito medo não. A política na época, naquela localidade era um verdadeiro bang-bang. Hoje já mudou um pouco, se bem que hoje existem os canais de comunicação, a televisão, o rádio, e tudo, onde o pessoal pode expor o seu plano ou até agredir também. Sou contra isso. Mas lá era na base do palanque e eu então ia para o palanque do meu pai e já falava da minha maneira, com a idade de 18/19 anos. Mas eu ajudava meu pai e fui a única que seguiu a linha política de meu pai.

Vim para Blumenau na imposição na época, quando fui designada e não me deram a remoção e me pediram que eu desenvolvesse um trabalho político no nosso município. Nessas condições não me daria bem. Achei isso um absurdo. Era um direito que me assistia ter essa remoção. Com uma designação que é diferente, a todo momento poderiam me tirar, com a remoção não. Eu não respondi que sim, foi colocado essa imposição, mas eu não quis também, pois achava que não era certo e até não militei mais politicamente, até porque não era conhecida muito dentro do município. As coisas aconteceram aqui em Blumenau de me voltar ao trabalho político quando da eleição em que Ivo Silveira e Carlos Curt Zadrozny vieram me convidar e eu me filiei ao partido. Na época era o PSD, ao qual já pertencia, só pedi transferência para cá. Então tivemos um grande comício lá na Praça Dr. Blumenau, onde era a antiga Casa Capital. Eu apareci em público aqui em Blumenau pela primeira vez. Foi o maior comício realizado até hoje em Blumenau. Celso Ramos era o governador, um grande

governador que nós tivemos, e Carlos Curt Zadrozny era prefeito de Blumenau. Então fiquei muito nervosa e treinava o meu discurso com o meu marido. Ele me dava as orientações, em que eu teria que melhorar. E subi no palanque naquele dia, bastante trêmula. Eu pensei: “Que farei aqui agora?”. Mas o povo faz a gente vibrar. Quando comecei o discurso pensei até em ler, mas o papel desapareceu e ficou nas mãos do governador Celso Ramos, e nas primeiras palavras que disse, o povo sentiu a força e me deu aquela espontaneidade e aquela vibração. Acabei fazendo um grande discurso e começou a minha vida política. Fui candidata a vereadora também, mas fui derrotada. Deveria ter sido, na ocasião, a mais votada, pelas apostas que havia. Mas não tinha condições financeiras para arcar com cabos eleitorais, e os cabos eleitorais voluntários que eu tinha arrumado me foram comprados também nos últimos dias da eleição. E havia ainda a discriminação na política da mulher como candidata. As cédulas na época eram individuais. Se elas fossem marcadas, alguma coisa, seriam inutilizadas. Até meio-dia eu consegui mudar as minhas cédulas, mas depois do meio-dia não tinha mais o que mudar também, aí deu no que deu. Ainda mesmo assim se fosse para valer, as cédulas que ali estavam e que acompanhei o escrutínio, eu realmente deveria ter sido uma das mais votadas. Infelizmente não aconteceu. Outros convites surgiram para eu entrar novamente na política como candidata, mas eu me desgostei com aquilo e preferi trabalhar para os outros do que para mim. É mais cômodo, mais simples e gosto de dormir descansada. Eu vejo que a política hoje em dia não é fácil. Participei sempre, fui sempre membro integrante do nosso partido, a ARENA, posteriormente PDS. Na época da ARENA participei de um Congresso do qual já falei anteriormente onde representei a mulher catarinense com muito

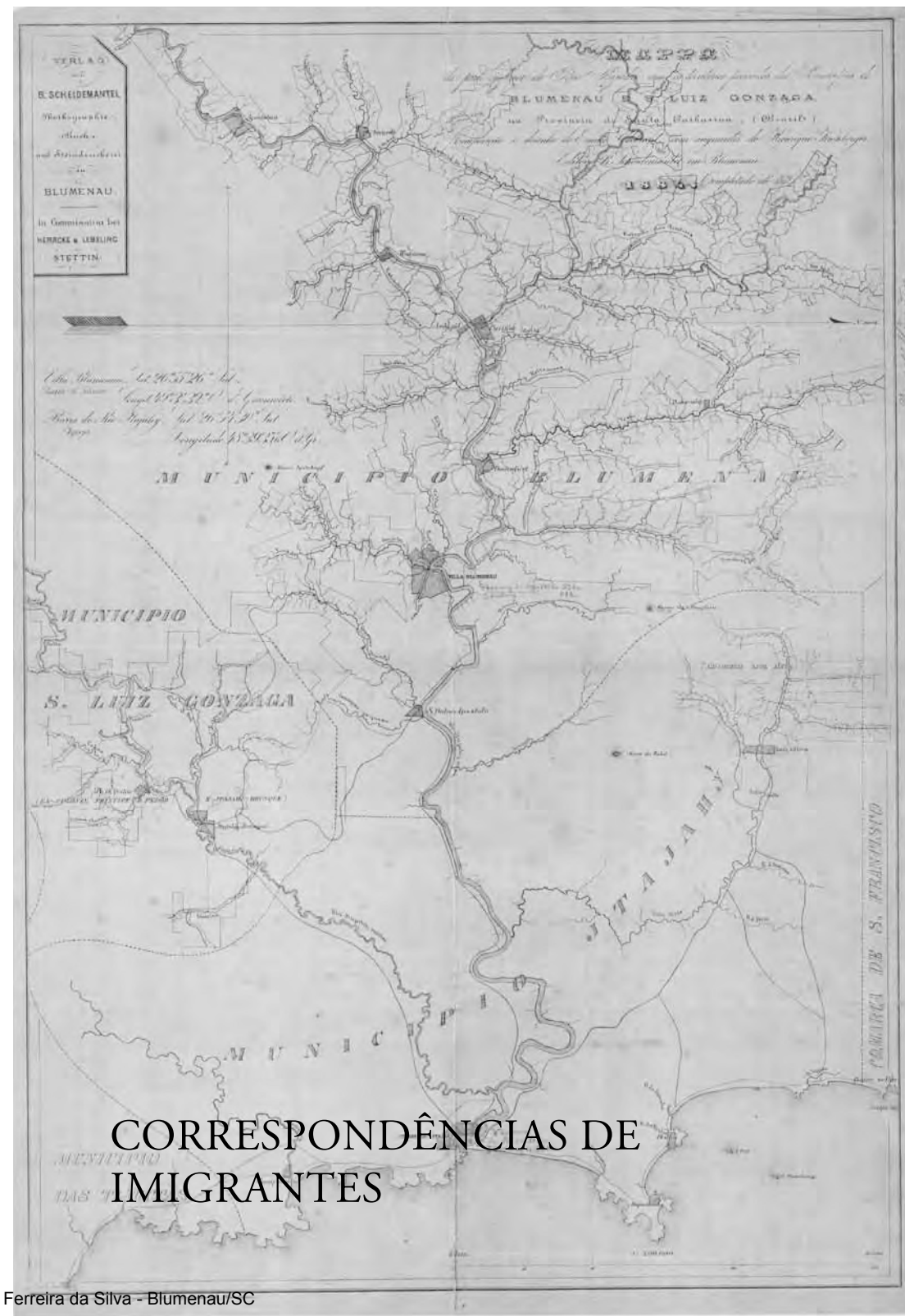
orgulho, indicada pelo governador, aliás, Presidente Regional do Partido, Dr. Jorge Bornhausen. E posso dizer que perante todos os Senadores, deputados federais, deputados estaduais, governo do estado e presidente nacional do partido, coloquei a participação da mulher na política, não como sendo uma mulher que queira tomar o espaço do homem, mas como um braço firme caminhando ao lado do homem e testando o seu trabalho consciente e acima de tudo um trabalho da moralização da política. Eu acho que a mulher, quando assume a coisa, com uma certa seriedade, o povo acredita, dependendo da mulher, logicamente.

O que a mulher traça o que ela diz, acho que o povo pode seguir. Porque ela primeiro sendo uma mãe, uma educadora, responsável pela educação dos filhos no lar, uma administradora do lar, sente as necessidades, e pode fazer com que os políticos vejam as reais situações de uma área social. Eu milito ainda hoje na política, subi todos os degraus, não pela política; talvez pelos méritos e pela experiência que tenho. Porque se eu dependesse da política, não estaria ocupando nenhum cargo não, porque dentro do meu próprio partido fui sempre marginalizada. Eu fui valorizada nestes trabalhos. Eu cheguei até onde estou, pelo governo Kleinubing, que valorizou um trabalho feminino na política, e depois pelo Vitor Fernando Sasse, que conhecia também o meu trabalho. Eu sempre dou as respostas que se fazem necessárias. Não trabalho na política visando interesses pessoais. Jamais pedi alguma coisa e não vou pedir nunca. O que deve acontecer sempre é um convite, um reconhecimento pela experiência. Acho que numa hora dessas ninguém deve trabalhar por interesse e eu sou política mesmo, nata. Cada vez que saio de uma campanha, digo que me despeço e que vou pendurar as chuteiras, mas quando começa a campanha de novo, sou a primeira a estar aí de novo e me orgulho disso,

porque consigo fazer um trabalho bom. Eu lidero a ala feminina, fui presidente. Acho que a política deve existir em benefício de dias melhores. E o contexto atual é esse aí. Estou trabalhando de novo por um candidato que quero que ganhe, porque sei que ele é bom. Eu sei que ele vai dar a resposta na área social, porque ele deixou um projeto pronto quando saiu da Prefeitura na outra gestão. Então acredito nele e quero que ele se eleja, e até gostaria de dizer o nome dele, porque não vou me omitir: é Félix Theiss. Este é o homem que teria que governar o nosso município. Na realidade reúne as condições. E eu o conheço, já fui inimiga política dele, mas hoje batalho por ele, porque na época ele me incomodava como candidato e hoje tenho prazer em ser uma batalhadora pela vitória dele.

S.T.F.: Eu quero agradecer a sua entrevista.

L.I.S.E.: Eu gostaria de agradecer a você, Solange, por poder colocar alguma coisa da minha vida para você, da minha participação na comunidade. E tenha a certeza de que eu poderia dizer muito mais, muito mesmo. Eu tenho muita coisa que talvez omiti, de cursos que fiz, de participações de palestras realizadas e tantas coisas boas que foram feitas para aperfeiçoar o trabalho da gente. Mas o tempo também é curto, mas gostaria que, tivéssemos visto as coisas que tenho guardadas. Guardei, para passar para os meus netos, todos os recortes de jornais e entrevistas em que eu tenho participado, de trabalhos que foram realizados junto à comunidade, tudo. E esse presente eu vou deixar para os meus netos. Então, quero agradecer a você essa oportunidade que também tive de conversar com você e colocar um pouco da minha vida.



Carta nº 35

Blumenau, 3 de setembro de 1884.

Querida Anna!

Recebi a tua última carta em meados de agosto, ela demorou muito a chegar. Neste meio tempo tu já deves ter recebido a carta da Mathilde e a foto do pequeno. Hoje eu recebi as cartas do Emil datadas de 27 de julho e 7 de agosto, ele pretendia iniciar sua viagem por água ao Paraná no dia seguinte. Como o Emil escreve, a mesma não é perigosa, mas muito monótona, tanto que ele teme não poder voltar para o Natal, além disso, ficará completamente sem meios de comunicação, de modo que nem espero receber alguma carta sua. Este deverá ser assim, se espera pelo menos, o seu último trabalho, tão grande e demorado.

Aqui constantemente são formadas comissões, para as quais é nomeada uma dúzia de “Senhorzinhos”, que recebem um bom salário, mas que não penetram na selva um passo a mais do que lhes permitem as pantufas; com isto lucram somente os donos das estalagens. Naturalmente isto nunca perdura por muito tempo. Logo a maioria dos acompanhantes fica na miséria e não têm o que comer. Se tiverem sido honestos - entretanto, o que é mais plausível, não tiverem tido as oportunidades de encher os bolsos - então isto é perdoável dada às circunstâncias. Todos estes trabalhos que estas comissões fazem, o Emil faria sozinho e aí não haveria tamanha confusão. Assim as desavenças pelas terras nunca chegarão ao fim, pois enquanto um põe o limite aqui, o seguinte a coloca ali.

Conforme o Emil escreve, ele te remeteu mais 100 marcos para as minhas compras. Os primeiros 100 marcos que ele enviou para o tratamento da Mãezinha, tu deves ter recebido. Tomara que tenhas recebido tudo a tempo. Como o meu cunhado voltará somente em outubro, te participo o seu endereço, bem como uma lista com as minhas encomendas. Caso ainda não tenhas comprado algo para a Mathilde, manda de preferência

um vestido leve de seda, e não de lã, pois deverá ser menos caro e, além disso, não é comido pelas traças, que são terríveis aqui. Para os meninos peço duas correntes de relógio, de metal bem durável ou outro material disponível. Para a Mathilde e para mim eu gostaria de um casaco com faixa para amarrar ou coisa parecida, de tecido escuro e não muito pesado, estou te mandando as medidas aproximadas. Caso o dinheiro não seja suficiente, poderemos mandar o restante. Se esta encomenda der certo e não for muito cara devido ao imposto, etc., poderemos repeti-la novamente. Penso muito em ti, tu também tens a tua cruz para carregar com a Mãezinha. Uma situação assim sem esperanças é terrível, pior do que a morte, pois atua sobre ti de modo desanimador e depressivo. Que o Briegleb queira resguardar os seus de tal situação eu compreendo, ainda mais considerando a saúde frágil de Marie. O Emil também não agiria diferentemente, se bem que ele é muito bondoso, mas nesse sentido os homens são mais egoístas e parece que é bom que assim seja. Como vai o Rudolph, ele agora consegue viver com o seu soldo? Pois geralmente os militares necessitam de mais. A Adelheid parece ser bem econômica.

Por hoje, minha querida Anna, vou terminando, lembranças minhas e das crianças a todos os parentes, e para ti cordiais saudações e beijos da tua irmã

Bertha.

Querida Tia Anna!

Meus mais sinceros agradecimentos pelo lindo peitilho azul, que pude usar no dia seguinte, na ocasião de um aniversário.

Beijos, da tua Mathilde.

Comentários dos tradutores Rolf e Renate Odebrecht:

Carta de Bertha, esposa do imigrante Emíl Odebrecht, à cunhada Anna, que residia com a mãe em Anklam. Anna era solteira, cuidava sozinha de sua mãe idosa e doente;

esta veio a falecer em 27.01.1885. Na carta Bertha chama sua sogra de Mãezinha (*Mutting* no dialeto do norte da Alemanha) e sua cunhada de irmã. **Viagem por água ao Paraná:** provavelmente o engenheiro desceu pelo Rio Pequeri até o Rio Paraná. A **famosas “Comissões”:** Quando Bertha escreve de “*uma dúzia de Senhorzinhos*”, refere-se ao chefe (de tempos em tempos substituído por outro) e seus auxiliares da “Secretaria da Comissão Encarregada de Medir as Terras Devolutas Contíguas às Colônias de Itajaí e Blumenau” do Ministério da Agricultura. Todos os trabalhos de loteamentos e construções de picadões, estradas, bueiros, pontes, etc. eram administrados por essa comissão; bem como empreitar obras, contratar agrimensores, fazer licitações e os pagamentos, fiscalizar as obras, prestar contas ao Ministério, bem como antes elaborar os orçamentos.

A abertura do picadão para Curitiba no final da década de 60, por exemplo, vinha atrasando; havia ordens e contra-ordens, os serviços paralisavam e os pagamentos seguidamente falhavam. Com a nomeação de novo chefe tudo mudava de rumo. Por exemplo: o Engº Odebrecht deixou de receber a quantia de Rs. 986\$040 referente a 5 meses de trabalho do segundo semestre de 1868; ele tinha pequena gratificação fixa e recebia por braço de picadão aberto e por pontilhão construído; passou-se o ano de 69 inteiro e nada do pagamento dos cinco meses. Em ofício de 20.12.1869 o chefe da Comissão, Martinho D. Pinto Braga, dirigido ao Vice-Presidente da Província, justifica mais uma vez (no decorrer do ano de 69 havia pedido diversas vezes o pagamento) o trabalho realizado e diz textualmente “... *rogo a V. Excia. de habilitar-me na solução que devo dar a essa dívida ... O Sr. Odebrecht pede-me o pagamento para depois não ter que lutar com maiores embaraços acompanhado da passagem da dívida a exercício findo ...*”.

Por vários outros ofícios percebe-se que Emil se cansou e se frustrou muito com o Ministério da Agricultura. Escreveu aliviado aos parentes da Alemanha quando em 11.09.1881 foi nomeado inspetor da Repartição Geral dos Telégrafos. Os Telégrafos eram chefiados pelo Barão de Capanema, engenheiro Guilherme von Schüch (amigo pessoal de D. Pedro II desde a infância. O pai de Guilherme, cientista, viera no séquito de intelectuais de Dona Leopoldina). Emil escreve sobre a admiração que sente pelo barão, que este vinha pessoalmente inspecionar os serviços nos lugares mais longínquos e que os dois só conversavam sobre o trabalho em alemão. **Stutzer:** Otto S., cunhado de Bertha, casado com sua irmã Therese.

Rudolph e Adelheid: irmão e cunhada de Emil. **Os Briegleb** - casal Eugen e Marie Luise (irmã de Emílio) e família. Bertha menciona a saúde frágil de Marie, de fato ela veio a falecer em 6.02.1888.

Carta nº 32

Blumenau, 1º de junho de 1884.

Querida Anna!

Recebi a tua carta com as duas lindas golas, pelas quais agradeço de coração. Como não tivemos notícias tuas há muito tempo, eu temia que tivesse acontecido algo de ruim a algum de vocês, mas graças a Deus nada disso aconteceu e me parece que tu te sentes mais bem disposta e mais alegre. Certamente te faz muito bem sair da costumeira vida caseira. Provavelmente recebeste notícias do Emil. Além das cartas de tempos em tempos ele manda um telegrama, em que apenas me comunica que está tudo bem, isto não lhe custa nada, pois todos os que trabalham no Departamento de Telégrafos têm este direito.

O Emil tem muitos índios em volta de si. Um cacique com toda a sua tribo. As crianças do cacique têm muita confiança no Emil, o qual frequentemente as trata com ...(ilegível).... Ele diz que as mulheres têm uma aparência horrorosa e que têm de fazer todo o trabalho, além de ainda carregar crianças relativamente grandes às costas. Se ainda as estiverem amamentando, jogam o seio por sobre o ombro, conforme deves ter visto em figuras e acreditaste ser lenda, mas é verdade.

O meu cunhado Otto Stutzer já partiu no dia 14 deste mês para aí, um mês mais cedo do que havia programado. Ele pretende acertar uns negócios antes, e logo após as bodas de ouro dos seus pais (em outubro) partir de volta. No inverno também é ruim viajar aí, ainda mais para quem já está no Brasil há tanto tempo.

Emil tenciona estar de volta no dia 2 de dezembro. Acontece que nesta data será a festa do Jubileu de 25 anos da *Schützenverein* - Sociedade de Atiradores. Isto se ele tiver terminado seu trabalho até lá, o que ele ainda não pode determinar agora, já que a região é muito desconhecida. Só fiquei sabendo da viagem do meu cunhado alguns dias antes da partida e

não consegui dinheiro em espécie, pois aqui é muito difícil consegui-lo. O comerciante através do qual costumo arranjar o dinheiro, me disse não tê-lo disponível no momento, que eu apenas anotasse o que queria encomendar daí do outro lado (do oceano!). Ele teria acabado de enviar uma grande remessa de tabaco para aí. Isto seria mais caro ainda; talvez ainda haja outra oportunidade, o principal para mim seria receber toalhas de mão, roupas de mesa e coisas deste gênero. Aqui é possível comprar esse tipo de coisas, entretanto são terrivelmente caras. Quando se tem uma filha de 18 anos, tem de se pensar em ter um pouco destas roupas em estoque, embora eu espere e deseje não precisar usá-las tão logo para Mathilde, pois o que uma moça jovem leva da vida, se se casar cedo, mesmo que encontre um marido bom (o que é mais raro do que se possa imaginar).

O Edmund, que se encontra em Curitiba, me manda quase só cartas bastante melancólicas. Ele já está ficando desesperado, pois escreve: “o que será feito de mim, o meu estágio está para terminar e quase não sei nada. Junto a este mestre, aprendiz nenhum aprende o suficiente. Ele se utiliza dos seus aprendizes somente para trabalhos bem brutos, através dos quais não se aprende absolutamente nada. Se lhe perguntamos como se faz isto ou aquilo, recebemos resposta nenhuma ou quando muito uma evasiva. As cartas de vocês são a minha única alegria por que sempre quando estou fazendo o mesmo monótono trabalho, de cedo até o escurecer, não me saem da cabeça as idéias mais atemorizadoras sobre o meu futuro”.

Dizem que os meninos dão menos preocupações aos pais do que as meninas, porém eu não vejo isto desta forma. Quero mandar confirmar agora o terceiro dos meninos, o Oswald. Na verdade ele deveria ser confirmado somente na Páscoa, mas eventualmente haverá uma possibilidade de colocá-lo num aprendizado prático, pois o Emil irá levá-lo, então é melhor que ele seja confirmado antes, isto não o impedirá de freqüentar a escola. Reconheço, no entanto que ele não progride nada. O

professor tem um número grande demais de crianças para poder ocupar-se o suficiente com cada uma delas.

Desde a Páscoa as nossas meninas têm uma professora em casa, a Senhorita Anna Heeren. Ela é de Joinville e fez uma grande amizade com Mathilde, a qual morou por 8 meses na casa de seus pais. Em sua casa a situação não era nada animadora, pois ela não se dava bem com a madrastra. Ela perdeu a mãe aos 13 anos, ficando até os 22 anos com os seus avós na Alemanha. Infelizmente, porém não poderei tê-la por muito tempo, considerando que ela noivou recentemente. O seu noivo, que é diretor do setor botânico do museu no Rio de Janeiro, pretende vir buscá-la no Natal. Anna Heeren é uma moça carinhosa e modesta, cuja influência sobre as nossas crianças só pode ser benéfica. Se escreveres à Adelheid manda-lhe lembranças cordiais minhas e diga-lhe que de jeito nenhum encomende o batismo antes da criança nascida. Pretendo escrever ainda algumas linhas à Marie.

Por hoje tudo de bom, minha querida Anna, lembranças carinhosas e beijos a ti e à Mãezinha, da tua irmã.

Bertha

Comentários dos tradutores Rolf e Renate Odebrecht::

Otto Stutzer: o *Onkel* Stutzer - tio Stutzer - casado com Therese, irmã de Bertha.

2.12.84 - Festa de Jubileu de 25 anos do *Schützenverein* - Sociedade de Atiradores, hoje Tabajara Tênis Clube.

Mathilde - e “o que uma moça jovem leva da vida, se se casar cedo, mesmo que encontre um marido bom”, como escreve Bertha, referindo-se ao futuro de sua querida filha mais velha. De fato, naquela época as mulheres casadas tinham um filho atrás do outro e mesmo que tivessem uma auxiliar doméstica, sobrava muito serviço para elas e pouco tempo para poderem pensar em si mesmas. Aqui na Colônia Blumenau, além do mais, elas tinham que ajudar o marido a fazer o “pé de meia”, isto é, juntar um patrimônio. O destino de Mathilde não foi outro, embora muito bem casada - Gustav Baumgart tinha um comércio de importação florescente e viviam numa mansão na Rua XV, localizada onde hoje é a agência do Bradesco Centro -, como veremos nos comentários das cartas a seguir. Tanto a mãe, como ela mesma, não tinham ilusões a respeito.

CABEZA DE VACA

Enéas Athanázio

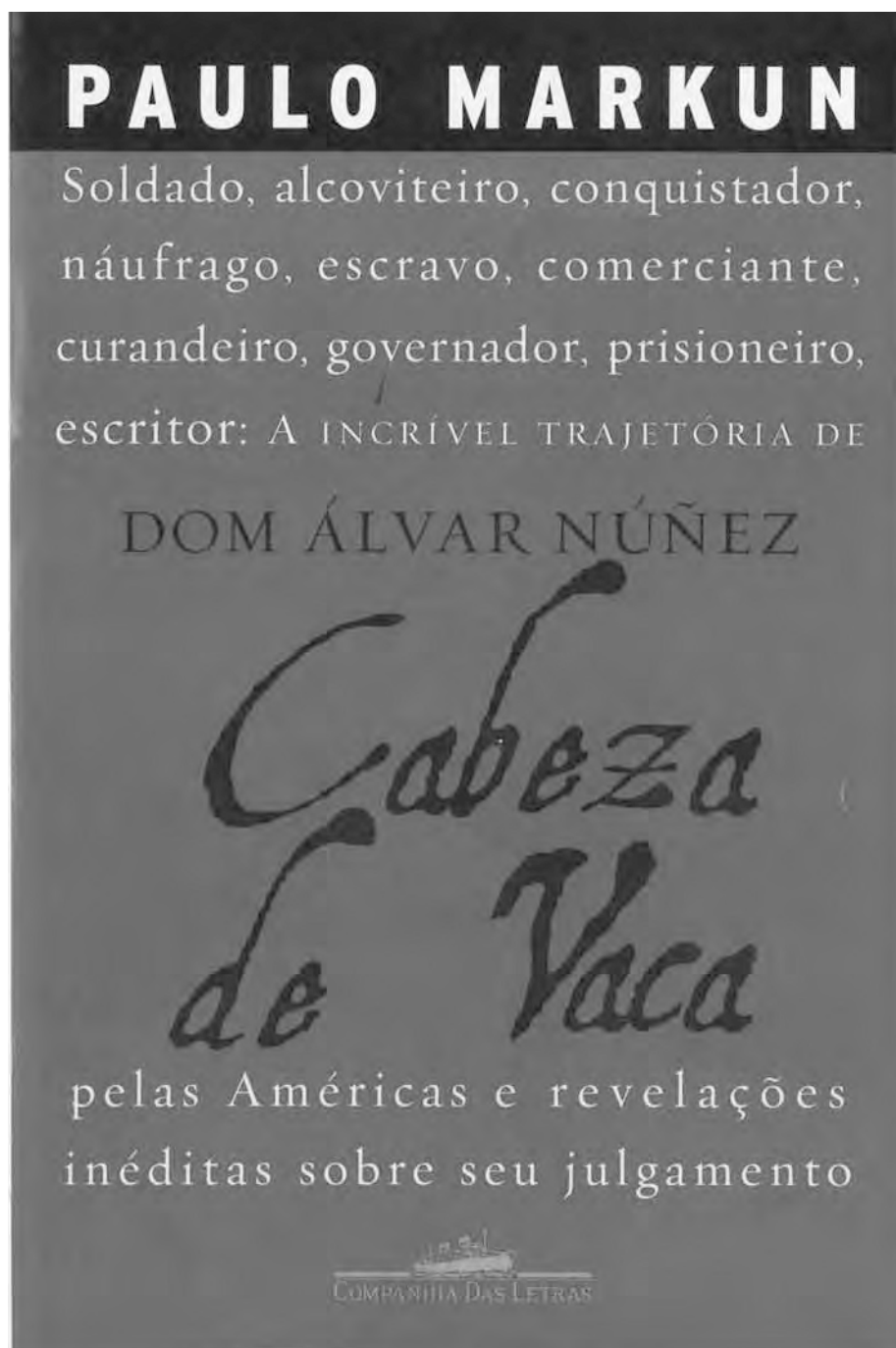


Figura muito ligada à nossa história, o “adelantado” espanhol Álvar Núñez Cabeza de Vaca é pouco conhecido entre nós. Paulo Markun, no entanto, jornalista paulistano que hoje reside em Florianópolis, acaba de trazer minuciosas e metódicas informações a respeito da vida e das aventuras desse fidalgo espanhol que foi o primeiro governador de Santa Catarina. Depois de dez anos às voltas com o complexo tema, pesquisando aqui e no exterior, rebuscando todas as fontes possíveis, publicou o livro “Cabeza de Vaca” (Cia. das Letras – S. Paulo – 2009), em que descreve as vivências e as incríveis aventuras desse personagem, rastreando passo a passo os seus dias até o presumível desaparecimento na cidade natal de Jerez de la Frontera, na Espanha, aos 70 ou 71 anos de idade. O livro é bem documentado e ilustrado, trazendo inclusive um mapa que registra as andanças do personagem pelas Américas, do Norte e do Sul. Preenche uma lacuna história, uma vez que Cabeza de Vaca é muito citado pelos historiadores mas um relato assim minucioso, pelo que me consta, não existia.

Duas foram as expedições de Cabeza de Vaca às Américas. A primeira se dirigiu à região da Flórida, onde viveu as mais incríveis aventuras em meio aos indígenas, só sobrevivendo graças à sorte e às astúcias de que lançou mão. A segunda, mais tarde, foi à América do Sul, já na condição de governador da Província do Rio da Prata. Partindo de Florianópolis, onde parece que não permaneceu por muito tempo, enveredou pelas selvas do Paraná e foi a Assunção, então a capital da Província. Dali partiu em novas expedições, embrenhando-se pelo interior, sempre em busca da lendária Serra de Prata, que nunca logrou encontrar. Superando os mais variados

obstáculos, desde naufrágios, motins de oficiais e soldados, ataques dos gentios, doenças e outras calamidades, tomou algumas providências que provocaram grande desagrado. Em consequência, vítima da velha política, acabou deposto do cargo de governador, preso e acorrentado, até ser recambiado para a Espanha, onde foi submetido a processo sob as mais diversas e disparatadas acusações. Depois dos tortuosos trâmites legais, acabou condenado, embora a sentença fosse abrandada pela instância superior. Permaneceram as determinações de pagar as dívidas contraídas após o retorno à Europa e “limpar o próprio nome.” Desde então, alquebrado e pobre, desaparece no anonimato, sendo muito discutíveis as versões existentes sobre essa última fase de sua vida.

Na chegada, tendo passado pela ilha de São Francisco do Sul, a expedição de Cabeza de Vaca aportou na ilha de Santa Catarina. Ali ele determinou que seu escrivão lesse a “capitulação” assinada pelo imperador e mandou erguer uma cruz na praia, “deixando claro que a antiga Meimbipe enfim tinha dono” (p. 147). Depois a expedição se transferiu para o ponto conhecido como passagem pequena, que “ao que tudo indica coincide com o local hoje conhecido como Estreito, onde ficam as pontes que ligam a ilha ao continente” (p. 149). Dali as incursões exploratórias partiam em várias direções e tinha início sua tormentosa experiência como governador que seria deposto por um verdadeiro golpe.

O livro de Markun contém mais evidências de que a América sofreu verdadeira invasão dos europeus, conforme sustentam os modernos historiadores, contrariando as costumeiras louvações de antes. Com a leitura solene do documento denominado “requerimento”, os habitantes da terra eram instados a aceitar a vassalagem ao rei e adotar o credo católico, sob pena de justificar atos de guerra, ou seja, a morte (págs. 107, 151, 192 etc.). Diga-se, porém, em favor do primeiro governador, que ele foi sempre contrário à escravidão e aos maus tratos a indígenas, pelo menos é o que reitera seu secretário nas anotações sobre a expedição.

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Política editorial

Blumenau em Cadernos é uma revista editada desde 1957, idealizada pelo pesquisador José Ferreira da Silva. Contempla a publicação de matérias da historiografia de Santa Catarina, em especial da região do Vale do Itajaí. Aborda temas relacionados a questões históricas, sociais, econômicas e culturais.

Registrado com o ISSN 0006-5218, é um periódico científico-cultural publicado bimestralmente pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e pela Editora Cultura em Movimento, unidades da Fundação Cultural de Blumenau.

Tem um Conselho Editorial constituído de historiadores, jornalistas, tradutores, escritores e pesquisadores.

É dividida em várias seções ou colunas:

Artigos

Os textos devem obedecer aos seguintes critérios: notas, citações, referências e bibliografias. Devem estar, preferencialmente de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As notas de conteúdo precisam constar no rodapé e as referências e bibliografias no final do texto. Os artigos poderão ter até 18 páginas (incluindo citações, referências, imagens e tabelas), apresentando, preferencialmente, resumo de até 10 linhas em português e 3 palavras-chave em português.

Autores Catarinenses

Com comentários, críticas de obras e resenhas de lançamentos de autores catarinenses.

Biografias

Seção dedicada ao registro de biografia de pessoas que fizeram e fazem parte da construção da História local e regional.

Burocracia & Governo

Para publicação de documentos oficiais que sejam de interesse da história regional.

Crônicas do cotidiano

Coluna que contempla autores que narram, sob a forma de crônicas, aspectos das vivências regionais.

Documentos Originais

Seção bilíngue, contendo textos em língua estrangeira e a respectiva tradução para o português.

Entrevistas

Coluna dedicada a depoimentos de história de vida e/ou temáticos.

Fragmentos da nossa história local

Artigos de antigos jornais de Blumenau, revelando aspectos do passado sob a ótica jornalística.

Memórias

Setor que contempla aspectos do cotidiano descritos por memorialistas, oportunizando a participação comunitária.

Transcrição de documentos

Transcrição de cartas e relatórios relacionados à história regional.

Para todas as seções recomendamos/solicitamos/comunicamos aos autores:

- a) Vínculo institucional do autor e da sua titulação, se houver;
- b) Endereço eletrônico para correspondência e telefone/fax para contato;
- c) Os textos devem ser encaminhados para o endereço eletrônico: arquivohistorico@fcbu.com.br, digitados no programa Microsoft Word for Windows, fonte Garamond, tamanho 12, com espaço 1,5cm;
- d) As imagens e tabelas, além de virem no corpo do texto, devem também ser enviadas em arquivo anexo com suas respectivas legendas e fontes;
- e) Os textos encaminhados à revista serão apreciados pelo Conselho Editorial. Este se reserva o direito de publicar ou não os textos encaminhados à sua apreciação, bem como de sugerir mudanças aos respectivos autores;
- f) Cada autor receberá cinco exemplares da revista, referentes ao número que contiver seu texto;
- g) Os textos publicados e a exatidão das referências citadas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).
- h) O Conselho Editorial não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos autores.

Para proceder à assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 80,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 60,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 100,00
- Encadernação: R\$ 150,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo).
- Tomo completo encadernado: R\$ 180,00 (para tomos de 1998 em diante. Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento).

a) () Desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2011.

Anexo a este cupom, a quantia de R\$ _____ (_____ reais)
conforme opções de pagamento abaixo.

b) Outras opções acima: _____ Preço: R\$ _____
(_____ reais)

Formas de pagamento:

() Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

() Depósito no Banco do Brasil - 0779.952-7 - Agência 0095-7. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

() Cheque - Banco: _____ Número do Cheque: _____

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - CEP 89015-010 – Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-4237

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br